

## A Sacerdotisa

Vera Carvalho Assumpção

O dia em que convenci João a assistir ao congresso de psicologia em que sua ex-mulher participava, não poderia imaginar que seria um dia tão marcante para todos nós. Ao tomar conhecimento do evento, fiquei de tal forma entusiasmado e lancei mão de tantos argumentos para convencê-lo que nem me dei conta de que era eu quem estava sendo sutilmente convocado, que esta história precisava de mim para ser escrita.

Como todos os dias, levantei-me muito cedo. João também era um madrugador. Chegamos tão cedo ao hotel onde se realizava o congresso que o auditório mal acabava de abrir as portas. Até o dia do congresso, éramos dois solitários: João descasado e eu viúvo. Havíamos saído de casa sem tomar café. Nos dirigimos ao restaurante e, por um bom tempo, nos regalamos com as tantas iguarias do café da manhã de um hotel bastante luxuoso. Ao entrarmos no auditório, percebemos que já havia ocorrido a abertura e o primeiro trabalho estava sendo apresentado. Procuramos dois lugares vagos, nos acomodamos e tão logo coloquei a atenção na oradora, percebi que o assunto era interessante. Aliás os assuntos relacionados com mente, consciente e inconsciente, esses eternos desconhecidos, sempre me interessaram, afinal são a fonte de inspiração de um romancista. Eu e João trabalhamos no mesmo jornal há mais de dez anos. Pesquisamos e escrevemos sobre economia. Antes que minha esposa morresse há dois anos, eu me dedicava também à arte de escrever romances.

Naquela manhã, foi somente no primeiro intervalo, quando os participantes do congresso se reuniram ao redor do sofisticado serviço de chá e café que finalmente João se aproximou de sua ex-esposa, Maria Moura. Neste momento, fui apresentado a ela. Já a conhecia das tantas conversas com João. Pessoalmente aquele foi o nosso primeiro contato.

A seríssima mulher chamou minha atenção assim que levantou os olhos cheios de surpresa em direção ao ex-marido. Aparentava estar por volta dos 40 anos, era alta, cabelos acobreados, olhos amarelados e um semblante um tanto abatido. Passada a surpresa de encontrar o ex-marido numa situação em que jamais lhe ocorrera encontrá-lo, seu rosto se abriu num sorriso.

Enquanto João me apresentava a ela e eu observava a mulher que por tantas vezes estive em nossas conversas, lembro ter pensando que para uma psicóloga que cuidava das almas alheias, ter de lamber as próprias feridas deveria ser uma tarefa bastante dura. Pensei também que para quem tem uma certa predisposição à melancolia e passa por uma experiência traumática, a psicologia deve ser uma ciência bem pouco reconfortante. De qualquer forma, tanto ela como o marido estavam sobrevivendo ao desastre de enterrar o filho baleado aos dezessete anos num tiroteio inexplicável e ao mesmo tempo tão comum na nossa cidade. As pessoas matam e são protegidas e paporicadas não só pela lei, mas especialmente por sociedades internacionais que vigiam com zelo extremado os direitos humanos dos criminosos. Ninguém jamais veio dar uma palavra de consolo a ele ou a qualquer pessoa que tenha passado por barbárie semelhante. Fui eu o amigo e confidente de João neste período em que ele teve de conviver com a tragédia.

Agora que escrevo, sentado diante da tela do computador em minha casa, releio o programa daquele congresso. A apresentação do trabalho de Maria Moura seria a primeira comunicação após o almoço daquele mesmo dia. Fora eu a convencer João a ir ao congresso. Ele estava surpreso em rever a ex-mulher e podia-se sentir uma pontinha de felicidade que nascia lá no fundo da sua alma. Enquanto esperávamos, não retornamos ao auditório. Embora o assunto das comunicações nos interessasse, João estava abalado com o encontro e confesso que eu também. Convidei-o para ir ao bar. Apesar da hora, pedimos uísque. Com certeza ele precisava de uma bebida

forte e eu ia no embalo.

Sempre fomos amigos, nos tornamos mais íntimos depois que as desgraças abateram-se sobre nossas vidas. Há dois anos minha esposa Tânia morreu de câncer, após outros dois anos de incríveis tratamentos de quimioterapia e radioterapia. Pouco tempo depois, o filho único de João e Maria Moura foi assassinado na saída de um barzinho, aparentemente com uma bala perdida. Nas nossas conversas, lambíamos feridas bastante profundas.

- Quanto tempo você e Maria Moura estiveram juntos?, - refiz uma pergunta que já fizera umas tantas vezes. Afinal, era preciso dizer alguma coisa depois que o garçom serviu nosso uísque.

- Vinte anos! Nos conhecemos num final de semana na praia e seis meses depois estávamos casados.

- E o relacionamento terminou?

João deu um gole no uísque e deixou escapar um suspiro que só os apaixonados conseguem.

- Maria Moura achou melhor sairmos da casa, irmos cada um para um flat. Era muita lembrança, a presença constante de nosso filho. Quando ele nasceu já morávamos naquela casa. Tudo o que vivemos com ele, foi lá.

Eu sabia que, há mais de um ano, eles estavam tentando vender a casa, que continuava vazia. As casas em São Paulo sofrem o estigma da insegurança. As pessoas sentem-se mais seguras em apartamentos, com elevadores, porteiros e zeladores separando-os das ruas.

- Já não é comum os casais se prometerem fidelidade eterna. Um homem e uma mulher ficam juntos no que é bom, mas logo no primeiro desentendimento a coisa deteriora e a maioria simplesmente se separa. Não foi o nosso caso, vivemos vinte anos juntos e...

- Vocês vão voltar a viver juntos! - Fiz a afirmação com uma certeza que nascia no fundo do meu coração. Afinal eu havia perdido minha esposa e não tinha certeza de um dia reencontrá-la. A dele estava tão próxima e não era justo que ele sofresse tanto a sua falta.

Ele baixou o olhar e mexeu o uísque. Passamos algum tempo em silêncio enquanto terminávamos a bebida. Foi então que senti nitidamente que alguma coisa no olhar de Maria Moura havia fispado um pontinho lá dentro do meu ser. Alguma coisa que não ocorria há algum tempo.

Enquanto deixava escorrer pela garganta o uísque já bem diluído pelo gelo visualizei uma foto de Tânia que ainda mantenho num porta retratos sobre minha escrivaninha. Ela devia estar olhando fixamente para a objetiva no momento em que a foto era batida, porque é como se olhasse para mim. Antes dela adoecer, mantinha a foto e corria os olhos por ela sem realmente enxergá-la. Depois de sua morte, quando já não conseguia escrever, sentava-me à escrivaninha, fitava a foto e mantinha longas conversas com ela.

Sempre me pareceu doloroso observar fotos nítidas em cores de pessoas que já não vivem. No caso de Tânia é como se alguma coisa dela ainda estivesse ali, me ajudando a enfrentar sozinho o resto do percurso.

- Você que me trouxe aqui, por acaso sabe qual o assunto da comunicação de Maria Moura? - João fez a pergunta olhando-me bem nos olhos e tirando-me dos devaneios.

- Não. - Confessei. Havia me empenhado tanto para levá-lo ao congresso com a finalidade de aproximá-lo da esposa, mas nem me preocupei com o assunto. Percebi os copos vazios e chamei o garçom para mais uma dose. Ele voltou a falar:

- Quando estávamos juntos, gostava de acompanhar suas pesquisas, o estudo das

mentes, assim como ela seguia meus artigos sobre economia. Quando eu criticava a incerteza das mentes, ela sorria dizendo que na economia as incertezas eram maiores.

- A separação não é a solução para o caso de vocês. - Repeti a afirmação que fazia cada vez que o assunto era retomado.

- Depois de uma morte tão inexplicável, por mais que nos esforçássemos, cada vez que estávamos juntos, o fantasma do sofrimento retornava. Nós dois estávamos lá e nossa semente tinha sido destruída sem razão, sem um motivo palpável. Como ela mesma disse, era muita dor para estar sob o mesmo teto.

Nossos copos foram reenchidos e enquanto ele mexia o gelo com o dedo, continuou falando:

- Como todos os casamentos que duram vinte anos, não vivíamos rolando em cenas de amor alucinado. Tínhamos em comum a mesma sede de vida, ânsia de eternidade, alguma coisa que nosso filho seria a continuidade.

Claro que eu compreendia, com Tânia também fora assim. Também nós tínhamos em comum a mesma sede de vida, ânsia de eternidade. Senti o coração bater no peito e pensei que há muito tempo não sentia isso. Dei um grande gole no uísque.

- Ao longo da vida conheci algumas mulheres. Em nenhuma delas encontrei essa necessidade, esse quase desespero para abarcar um pouco mais dos mistérios da vida, desenvolver a percepção, ampliar a mente. - Ele suspirou e senti um desejo quase irresistível de pegar um bloco e anotar tudo aquilo como fazia antes de Tânia adoecer. - Maria Moura é uma pessoa calorosa e realista. Cuidava de mim e do nosso filho com o esmero de uma dona de casa dedicada. Mas também vivia metida no seu mundo, o mundo da psicologia.

Ele continuava mexendo o gelo do uísque com o dedo.

- Quando engravidou pensava no filho que ia nascer. Algo de nós dois, misturado a uma ínfima parte da consciência do mundo havia começado a viver sua própria vida, dizia ela. Algo que talvez desse frutos durante milhares de anos. Afinal estamos aqui graças a uma primeira mulher que, de ciência, ninguém sabe como veio parar na Terra e que foi procriando outras que procriaram outras...

- A incompreensível eternidade, - suspirei.

Ele tomou um gole de uísque e não disse mais nada. Pensei no nome de sua mulher Maria Moura. Moura era o nome latino das Parcas, filhas de Júpter e Têmis que personificam o destino, poder incontrolável que regula a sorte de todos os homens, do nascimento até a morte. Era muito fácil agir como elas enquanto escrevia minha ficção, criava personagens e os manipulava ao meu gosto. Na vida real, João e Maria Moura haviam sido atropelados pelo destino que lhes levou o filho de uma maneira incompreensível. Por mais que se ouça falar em violência, não se imagina que o destino vá colocá-la no nosso caminho.

Ao escrever ficção, sempre tive em mente que era muito fácil determinar o destino de minhas personagens, o difícil era fazê-lo de uma forma que meus leitores gostassem e se identificassem com a história. Na vida real, as Mouras determinam um destino e ele se cumpre. Elas não precisam ter medo que os leitores abandonem o livro. Na vida real cada um tem de desempenhar seu papel, gostando ou não. É esta a missão de cada espírito!

Ali no bar, ficamos remoendo nossas vivências por algum tempo até que Maria Moura se aproximou. Só então percebemos que era hora do almoço. Ela juntou-se a nós mas não quis uísque. Aceitou água. Estava ansiosa quanto a sua comunicação. Enquanto almoçávamos, tentei

fazer com que adiantasse o assunto mas não teve jeito. Queria que João tivesse uma grande surpresa, assim como toda a platéia. A única coisa que adiantou é que iria reproduzir vozes deixadas nas pegadas humanas e que ainda zumbiam nas consciências mais aguçadas. Havia chegado a ela uma paciente interessantíssima que lhe dera subsídios para falar sobre esse assunto. O nome de sua paciente era Pérola e era realmente como se uma concha se abrisse e surgisse uma pérola muito rara.

Maria Moura sorriu e afirmou que bastante rara era também a coincidência que trouxera aquela paciente até ela. Pérola era um destes estranhos acasos ou coincidências que mostram com muita nitidez as forças ocultas que conduzem nossas vidas e de vez em quando dão uma puxadinha nos fios do destino.

Terminado o almoço, fomos para o auditório. A comunicação foi surpreendente para mim, para João e para toda a platéia que se encheu de perplexidade. A cada momento ouviam-se suspiros e exclamações. Depois da exposição, Maria Moura teve de responder a um grande número de perguntas e saiu-se muito bem. No final, foi muito aplaudida.

Sem que combinássemos, nos encontramos, fomos para o bar e bebemos em silêncio. Desta vez ela nos acompanhou no uísque. Quando pedimos a segunda dose, ela se descontraiu e nos pusemos a falar sobre a comunicação que ela acabava de proferir.

Antes de Tânia morrer, eu ocupava o tempo escrevendo romances. Jamais mencionei coisa alguma do enredo de minhas histórias enquanto não estivessem prontas ou pelo menos em fase final. Com a chegada de sua doença, minha coragem de escrever esfumou-se no ar. Ou talvez seu sofrimento estivesse tão marcado em minha memória que qualquer coisa que escrevesse seria sobre ele. No fundo, escrevemos para reviver as verdades. Quando inventamos é simplesmente para recordá-la com maior precisão.

A comunicação de Maria Moura foi de tal forma extraordinária que tive de anotá-la assim que nos despedimos, e melhorar as anotações cada vez que me sentava em frente à tela do computador. Assim como Pérola foi para ela uma surpreendente coincidência, tudo o que vi e ouvi naquele congresso me mostrou com muita nitidez as forças ocultas que conduzem nossas vidas e de vez em quando dão uma puxadinha nos fios do destino.

Bem, depois do congresso nos encontramos muitas outras vezes, inclusive dei um jeito de conhecer Pérola. Fui eu a promover os primeiros encontros. Acabei me tornando tão íntimo de Maria Moura que acredito ter me transformado num de seus pacientes em busca da cura. Cada detalhe do zumbir das vozes deixadas nas pegadas humanas que eu ia desvendando a cada um de nossos encontros era uma gotinha de vida nova para os personagens de meu novo romance e, claro, para mim também.

Quando se faz uma comunicação para um auditório o orador exerce uma forma de telepatia, envia sentimentos e pensamentos para seus ouvintes. Também ao narrar uma história o escritor tenta enviar aos leitores sua maneira de captar a realidade. São formas de comunicação onde é preciso estar na mesma sintonia.

No mundo atual a grande revolução é a da comunicação. Podemos ver na telinha da TV o que está ocorrendo em qualquer parte do mundo e podemos, através da internet, trocar comentários insólitos com os demais habitantes de um universo imaginário. No entanto as conversas cara a cara, os verdadeiros encontros estão cada vez mais raros.

Hoje em dia, até as crianças andam metidas na internet, conectadas com o mundo. Passam horas em salas de bate-papo trocando idéias com frases que em geral não ultrapassam quatro palavras: “De onde?”; “O q vc veste?”; “Gosta de música?”; “Qual?”. O nome é um pseudônimo

conhecido desde na entrada na sala: “barba-azul”, “sapequinha”, “messalina”. Isso sem falar nas salas de sexo onde vale tudo. Dizem os especialistas que nestas salas de bate-papo a pobreza de conteúdo é tal que as pessoas saem entediadas.

A internet é para todos. Podemos escrever e-mails com as irritantes abreviações das salas de bate-papo e mesmo as imitações gramaticais da linguagem de computador. Podemos usá-la também para comunicar nosso pensamento escrito seguindo as regras das missivas de nossos antepassados: exercendo uma forma de telepatia bem sintonizada. Usei-a para entender melhor as vozes deixadas nas pegadas humanas e que ainda zumbem no âmago das células cerebrais de quem tem o dom de ouvi-las.

No dia em que a vi pela primeira vez, Maria Moura começou sua comunicação afirmando que, com certeza, o cérebro humano era a matéria mais complexa de todo o Universo e, no fundo, muito mais difícil de entender do que as estrelas, os buracos negros e outros corpos celestes. O cérebro era composto de átomos que tinham cozido e recozido em estrelas já queimadas fazia muito tempo. Sistemas, como o nosso sistema solar, eram refeitos a todo momento. E um pouco de poeira das estrelas sempre ficava no âmago da matéria.

“Os fados guiam aquele que assim o  
deseje; aquele que não o deseje, eles arrastam”

Joseph Campbell

Meu querido João,

Já se passaram algumas semanas desde que você assistiu à minha comunicação no congresso. Levando em conta que o assunto abordado jamais havia sido falado tão abertamente nos meus trabalhos, talvez seja a hora de explicar a você, e também a mim mesma, todo o ocorrido. Escrever põe ordem nas idéias!

Como você sabe, uma semana depois do congresso seu amigo Alberto me ligou e, numa coincidência provocada por ele, nós quatro nos encontramos, eu, você, ele e Pérola. Fiquei desconsertada, pois não sabia que minha paciente faria parte do encontro. Também me senti bastante apreensiva, pois ela havia permitido que eu usasse o seu caso na minha comunicação, mas claro que com outro nome e sem que o auditório soubesse quem era ela. Por sorte o assunto do congresso não foi mencionado e a conversa fluiu sem constrangimentos. Alberto me telefonou no dia seguinte. Com todos os argumentos imagináveis, desculpou-se por ter telefonado a Pérola em meu nome, convidando-a para aquele encontro. Depois de tudo o que ouvira no congresso, ele sentiu uma necessidade incontrolável de conhecer a pessoa que havia conseguido uma penetração tão fantástica nas memórias da própria alma ou quem sabe do mundo.

Não sei se ele falou a você, mas depois daquele encontro, encontrei-o novamente. Então ele fez todas as perguntas que quis. Possuía um interesse muito especial no caso de Pérola e, especialmente, em todas as minhas observações. Enquanto eu falava, ele ouvia com tal atenção que até me animou a escrever este e-mail. Senti uma grande necessidade de contar também a você exatamente como as coisas ocorreram.

Mas, voltemos ao ponto, no congresso, abordei o assunto de forma a causar impacto. Queria que os congressistas ouvissem sem bocejos e sonolências, com os sentidos alerta. Com vontade de saber mais. Com o interesse que vi nos olhos de Alberto. Acho que consegui. No entanto, agora, quero expor a você os fatos na ordem cronológica. Vou enviando pelo e-mail aos poucos, conforme for escrevendo. Ao invés de conversarmos todo o final de tarde, bebericando um uísque, como fazíamos enquanto vivemos juntos, vou escrevendo e-mails. Acho que vai nos fazer muito bem. Aliás, Alberto aconselhou-me a fazer exatamente isto, afirmou que seria um preâmbulo para recomeçarmos as conversas de verdade.

O fato de ter você no auditório, fez com que ao mesmo tempo em que me inibisse, me desse forças para que mais uma vez eu confiasse em você e tentasse lhe falar diretamente. Como o assunto era tão novo entre nós, tive medo de que você pensasse que tudo era uma invenção minha, que eu estava improvisando, como uma espécie de espetáculo, com o único fim de convencer uma platéia descrente. Talvez o termo não seja descrente, pois todos eles são profissionais que lidam com a mente e todos eles têm experiências parecidas com a que eu tive. O que falta é coragem para abordar o assunto.

Você conhece meu consultório e as outras profissionais com quem divido a área. Todas nós desenvolvemos um trabalho bastante sério. Ao tratar minhas pacientes sempre cheguei muito próximo de uma outra dimensão, mas foi somente Pérola quem a penetrou com maestria. Da mesma forma que foi difícil falar na frente de outros colegas, terei de me esforçar bastante para que

você se apaixone por esta história que, como sabe, ainda não escrevi.

Para compreender o alcance da minha tarefa, você vai ter de saber tudo desde o dia em que Pérola entrou em meu consultório pela primeira vez. Desde que isto ocorreu, meu mundo começou a se mover de uma forma diferente. Você sabe que costumo gravar cada consulta e as mais relevantes eu guardo para ouvir novamente e captar alguma coisa que me tenha escapado no exato momento em que foi dita. No caso de Pérola, gravei todas as nossas consultas. Por vezes vou usar a transcrição das fitas para maior compreensão dos fatos.

Bem, vamos lá. Pérola é uma dona de casa comum. Casou cedo, teve dois filhos. Esmerou-se na sua criação. Por toda a vida cuidou da casa com capricho e acreditava que seu marido algum dia iria recompensá-la vivendo com ela o caso de amor com que sonhava desde que podia se recordar da vida.

Chegou em meu consultório muito atrapalhada, numa daquelas coincidências que só os deuses são capazes de explicar. Precisava desabafar o que lhe ocorrera e não tinha uma única pessoa que pudesse ouvi-la. Imagine que se dirigia a um shopping a fim de se distrair e, quando o carro parou num semáforo, ela olhou para o lado e viu meu consultório. Sem que houvesse qualquer outra indicação, estacionou o carro e entrou. Por sorte ou coincidência, uma cliente havia desmarcado a consulta e eu a atendi. Foi uma consulta de mais de duas horas, pois, como falei, ela estava atrapalhada e não foi fácil ordenar tudo o que lhe havia ocorrido nas últimas vinte e quatro horas.

Ela está numa fase da vida em que os filhos ainda vivem em casa, mas já são suficientemente adultos para não dependerem dela. Seu marido é bem sucedido, tem um emprego razoável e estável. Gosta do que faz! A firma em que trabalha tem escritórios espalhados por outros estados e os funcionários das outras filiais vêm com frequência a São Paulo. Pérola e José recebem em sua casa muitos deles para jantar, enfim, fazem as relações públicas da firma. Tudo corria como sempre, até que apareceu um novo representante no Nordeste, cujo nome é Gaspar. Desde que o viu, Pérola sentiu um estremecimento desconhecido.

Depois de um dos jantares, como muitas vezes ocorrera em sua vida, José se disse cansado e pediu que ela levasse o convidado ao hotel. Embora também fosse natural que, por vezes, ela levasse os convidados para o hotel, naquela noite sentiu que tentava disfarçar alguma coisa que lhe revolucionava as entranhas.

Pérola e Gaspar entraram no carro e, por um momento, ela se esqueceu aonde era o local para enfiar a chave de contato e não lhe ocorria o que fazer para dar a partida. A proximidade de Gaspar lhe trazia uma inquietação da alma que ia se tornando difícil de contornar. Depois de uns tantos gestos inúteis, conseguiu pôr o carro em movimento.

Sem perceber-lhe a inquietação, Gaspar elogiou o jantar e interessou-se por algumas receitas. Ela assustou-se com a constatação de que assuntos banais, como a preparação do jantar, pudessem interessar um homem como ele. Mas seguiram conversando sobre o prazer das boas comidas.

Ao parar na porta do hotel, ela sentiu uma brisa que vinha da lua perpassar o carro. Sempre que se despediam, ele beijava-lhe a face. Ela estendeu-lhe a mão e ofereceu-lhe a face. Sem hesitação, ele olhou-a com um olhar de homem de tirar o fôlego e beijou-lhe os lábios.

Um abalo sísmico pegou-a pelos pés e elevou-se por todo o seu corpo, até arrepiar-lhe o couro cabeludo. Antes que levasse a mão até a própria boca, de onde começava um fogo inexplicável que se espalhava por todo o seu ser, ela arregalou os olhos e viu diante de si um homem

tão assustado quanto ela.

Ficaram se olhando cheios de pavor até que conseguiram sorrir. Sem palavras, ele mais uma vez beijou-lhe os lábios. Desta vez sem susto, ela pôde sentir um fogo que começava nos lábios e se espalhava por cada célula do seu corpo.

Nenhum dos dois conseguiu dizer uma única palavra. Ele a olhava com o olhar extraviado dos loucos, ela derretia-se por dentro. Quando ele finalmente pegou a pasta e conseguiu sair do carro, Pérola suspirou com profundidade suficiente para reacomodar a alma. Flutuando numa desconhecida felicidade, acenou e pôs o carro em movimento. Gaspar ficou parado na porta do hotel, olhando aquela mancha prateada ir se esfumando em sua visão.

Ao entrar em casa, como se precisasse expiar uma falta, Pérola correu para o quarto preocupada com José. Respirou aliviada ao ouvi-lo rressonar num sono tranqüilo. Olhando ao redor, seu coração deu um galope descompassado ao perceber que o quarto tinha um ar estagnado, carregado de amores sem ventura. Abriu a janela a fim de renovar o ar e deparou-se com uma lua cheia que assombrava o mundo. Era como se aquele clarão lhe trouxesse a revelação de que uma coisa imensa e irreparável começava a acontecer em sua vida.

Aprontou-se para dormir com uma nova animação. Procurou uma camisola mais ajeitadinha, olhou-se no espelho do banheiro e percebeu que há muito tempo não cuidava da própria aparência. Estava um pouco gorda, com as unhas mal tratadas, os cabelos sem brilho. Notou rugas novas. Deitou-se com o firme propósito de no dia seguinte dar um jeito naquilo.

Puxou as cobertas pensando em Gaspar e, quanto mais pensava, mais aumentavam suas ânsias de pensar. Para se acalmar e pegar no sono, tentou rezar mas foi só mais um argumento para fechar os olhos e pensar melhor naquele homem, rever seus olhos meigos e sentir seus lábios de fogo. Foi se formando uma tal inquietação em seu ser que não conseguiu ficar na cama. Resolveu se levantar e ajeitar a cozinha.

Abriu a torneira da pia e o brilho da lua refletido na corrente de água parecia extravasar os limites, jorrando sobre ela, iluminando-a. Ia lavar a colher de pau quando uma força estranha chamou-a para o quintal. Seguiu o chamado. Com a colher de pau numa das mãos e uma panela de água na outra, caminhou até os pés da jabuticabeira.

Agia com determinação, sem saber o que faria no instante seguinte. Seguindo aquela estranha intuição, voltou-se para o chão, riscou um círculo com a colher de pau e ajoelhou-se no centro. Imediatamente sentiu que o clarão da lua era mais intenso dentro do círculo. Na panela de água, o círculo da lua mostrava-se com uma nitidez assombrosa. Com a vida em suspenso, mesmo sem ver, ela sentia cada movimento do seu quintal.

Ao voltar os olhos para a lua, uma labareda de luz a cegou. Como se fosse desmaiar, sentiu que o mundo se esfumava. Quando a imagem voltou a se focar, viu uma mulher que reconheceu ser ela mesma. Estava em pé, com os pés e as mãos atados a grossas correntes de ferro. Vestia uma túnica miserável sobre o corpo arreventado pelas torturas. As dores eram de tal ordem que mantinham seus pensamentos e emoções em suspenso. Atrás dela, havia diversas pessoas. Não tinha autorização para se voltar, não podia ver quem eram. Não podia levantar os olhos. Tinham medo da força do seu olhar.

Embora não pudesse voltar os olhos para os que a julgavam, pressentia a cena. Uma voz de homem, cheia de sonoridades assombrosas, proferia acusações:

- Você foi vista deitada de costas no bosque, nua até o umbigo, e pela disposição de seus órgãos próprios ao ato venéreo e ao orgasmo, e também pela agitação das pernas e das coxas,

era óbvio que estava copulando. Ao término do ato, desprendeceu-se de sua figura e subiu ao ar um denso vapor negro, cujas dimensões equívalem à estatura de um homem!

Uma sonoridade de catástrofe inundava o recinto. Pérola ouvia sem saber de quem era a voz. Um suor quente empapava-lhe as roupas e gelava em seguida. Estava num tribunal, era a ré e acusavam-na de ter copulado com o diabo! Do fundo da alma subia-lhe a certeza de que não teria chance de defesa. Qualquer movimento desencadearia mais torturas para que confessasse o que queriam que confessasse.

- Seu marido chegou a pegar a arma, pensando tratar-se de um homem mas você estava copulando com um incubo. De nada valeram os tiros. O demônio desapareceu rapidamente, tornando-se invisível. - A voz continuava aterradora e era acompanhada de passadas lúgubres. - Fato semelhante já foi narrado milhares de vezes por outras mulheres daqui e de muitas cidades diferentes!

Cada vez que a voz silenciava, ouviam-se as respirações aturdidas, como se todo o aposento reverberasse no mesmo ritmo.

- Seu marido ameaçou denunciá-la aos tribunais do Santo Ofício, e você continuou indo ao bosque e praticando tais atos execráveis! - Quem falava, terminou a frase com um murro na mesa. Depois de um incômodo silêncio, prosseguiu:

- Quando seu marido encontrou entre os próprios pertences uma boneca de cera, muito semelhante a ele, com um espinho enterrado no coração, se apavorou. Então nos trouxe a dita boneca e contou todas as perversões da senhora sua esposa. Dias depois, ele foi acometido de um mal terrível que o matou em instantes! - Mais um murro na mesa seguido de um silêncio sepulcral.

Embora as palavras houvessem cessado, olhares e pensamentos riscavam o ambiente de um lado para o outro como faíscas. Havia eletricidade no ar. O terror era tal que Pérola se sentia irreal. Até a dor física estava suspensa.

Quando o movimento voltou, era a aproximação de um homem de aparência selvagem que lhe mostrava a boneca de cera com um espinho enterrado no coração. Naquele instante soube que realmente fora ela a fazer aquela imagem de cera. Um torpor de ódio subiu pelo seu corpo indicando-lhe o grave motivo que tivera para arrancar o espinho de um porco do mato e cravá-lo com a força do mundo no coração do boneco. Mas o motivo esfumou-se.

O julgamento seguiu. O cheiro de lodo e a umidade do local transtornavam o aposento. Uma multidão começou a gritar e ela sentiu o peso da culpa desabando sobre si. Caiu de joelhos machucando-se ainda mais nas correntes de ferro que prendiam seus tornozelos e pulsos. As feridas das torturas se abriam e seu sangue se espalhava pelo chão. Ver o próprio sangue escorrendo e sentir-lhe o cheiro adocicado, fez com que as dores retomassem toda a fúria. Foi um latejar alucinante até que desmaiou.

No instante seguinte, viu-se ajoelhada ao lado da jabuticabeira, empapada de suor. A colher de pau havia caído de suas mãos e seu corpo estava amortecido. Ao voltar os olhos para o chão onde havia riscado o círculo, correu uma réstia de fogo que produziu um clarão e se apagou em seguida. Pérola agarrou-se ao tronco da árvore até sentir dor nos braços. Então foi-se deixando escorregar até sentar-se no chão. O clarão da lua já não era tão intenso no círculo que desenhara, espalhava-se igualmente por todo o quintal. Os ruídos da noite passaram a ser os de sempre. Uma brisa muito tranqüila perpassava as folhas.

Com a alma em suspenso, sem conseguir entender o que lhe ocorrera, ficou um bom tempo observando cada canto do quintal. Na panela de água ao seu lado o reflexo da lua brilhava, a

imagem se reproduzia perfeita. Ela pegou a panela e bebeu quanta água agüentou, o restante deixou escorrer pelo corpo até ser absorvida pela terra.

Então, com a mesma determinação com que fora para o quintal, retornou ao seu quarto. Deitou-se e adormeceu em seguida. Foi uma noite atormentada. Do fundo do sono sentia os lábios de Gaspar, o fogo bom do desejo, ao mesmo tempo em que se via naquele tribunal sendo acusada de copular com o demônio e de matar o marido cravando um espinho de porco no coração de um boneco de cera. Via-se sob a lua, modelando o boneco e cravando o espinho num torpor de ódio que a punha fora de si.

Em seguida, via-se sob a mesma lua derretendo-se num beijo. Alternavam-se ao seu redor o perfume de Gaspar e o cheiro de lodo do tribunal. Por fim, se sobrepôs a figura de Gaspar e seu cheiro de homem de tirar o fôlego. Sentiu seus lábios causando-lhe o mesmo estremecimento e fechou os olhos para se certificar de que não era uma ilusão das sombras. Ao abri-los, a visão havia desaparecido mas o quarto estava impregnado pelo rastro do seu perfume.

Foi só quando José se levantou, pegou o jornal e foi para o banheiro que ela percebeu que ainda vivia no mundo real, repleto de afazeres. A começar pelo café da manhã que estava atrasado. Pulou da cama.

Ao passar pelo banheiro, viu o marido em pé, nu, pronto para entrar no banho. Sua figura trouxe-lhe imediatamente a imagem do boneco de cera com o espinho espetado no peito. Era tão nítida a semelhança e pareceu-lhe tão natural que o marido fosse exatamente igual à figura de cera com o espinho espetado no peito que ela pensou que havia se esquecido de comprar leite. Teria de preparar um pouco de leite em pó o que daria motivos de sobra para sarcasmos e reclamações. Desceu as escadas e se dirigiu à cozinha pensando que, para compensar, esquentaria os pãozinhos.

Querido João, tudo isso Pérola me contou no primeiro dia em que esteve no consultório. Falou aos jorros, de uma forma bem menos ordenada do que estou lhe narrando. No entanto, o assunto me fisgou desde o primeiro instante!

Bem, por hoje é só! Quero que você pense sobre tudo o que escrevi. As visões de Pérola são surpreendentes e é preciso ir lendo e assimilando cada uma delas.

um abraço.

Maria Moura

“Somos navegantes num mar que não conhecemos; que Ele conserve sempre nossa coragem de aceitar este mistério”

Paulo Coelho - Brida

Querido João,

No tempo em que vivíamos juntos e trocávamos idéias, você sobre seus artigos de economia e eu sobre os estudos da mente, muitas vezes falamos das grandes categorias em que se dividem as mulheres: a virgem, a santa, a mártir e a bruxa. A virgem comunga com a sabedoria do Universo através da solidão; a mártir, através do sacrifício; a santa, através da doação, da entrega. As sacerdotisas, erroneamente chamadas bruxas ou feiticeiras, comungam a sabedoria do universo através da paixão, da atração física, do prazer.

Ao ouvir que Pérola estava penetrando no passado da própria alma e despertando visões a partir do beijo e da atração física, conclui que pertencia à categoria das sacerdotisas. Havia nela alguma coisa muito forte. Mesmo enquanto narrava os horrores da visão, manteve um olhar de pássara feliz e usava uma medalha de ouro sem santo que palpitava em seu peito com o pulsar de um coração desarvorado pela paixão. Percebia-se claramente que estava apaixonada.

Olhei para suas mãos que se apertavam e a aliança brilhava. Vislumbrei Eros, o Deus do amor que freqüentemente aparece desenhado em cartões do dia dos namorados, cheio de flores e fitas. Na realidade, ele é uma poderosa figura, de escassa relação com os anjinhos alados. Até o momento em que Pérola apareceu no consultório, o motivo das mulheres me procurarem era justamente para que lhes apaziguasse as decepções, as dores do amor frustrado. Pérola precisava de ajuda, não para curar mazelas mas entender um destino mais forte do que ela. Com certeza chegou-se a mim porque as mesmas forças que a estavam levando à experiência com o extraordinário, sabiam que ela não agüentaria tudo sozinha.

Quando terminou o relato da visão, perguntei-lhe o que sabia sobre bruxas ou feiticeiras. Pérola surpreendeu-se com a pergunta e a única coisa que lhe veio à mente foi a lembrança do filme: “Branca de Neve e os Sete Anões”. Esboçou um sorriso ao mencionar que visualizava uma rainha poderosa e perversa em frente ao espelho admirando a própria beleza, com poderes mágicos capazes de convertê-la numa velha megera que enfeitçava a maçã.

Expliquei-lhe que a visão que temos das bruxas é sempre a de uma velha hedionda capaz de sortilégios para destruir as pessoas, causar-lhes mal. Mencionei que na mesma história, o beijo do príncipe que despertou Branca de Neve era mágico. Mencionei também o beijo que despertou a Bela Adormecida depois de cem anos. Uma mulher adormecida por cem anos quer dizer uma mulher que vive uma vida sem significado, uma morta viva cumprindo obrigações. De repente, chega um príncipe desconhecido que a beija e a desperta para a vida! Para o reencontro com o significado da vida!

Ela ficou por algum tempo absorta pensando sobre aqueles beijos. Para mim, ficava cada vez mais claro que Pérola entrava em minha vida não como mais uma frustração a ser resolvida, mas com informações que andei buscando por muito tempo. Até mesmo para provar que

os átomos tantas vezes refervidos na morte das estrelas continham uma memória e era possível desvendá-la!

A consulta seguiu cheia de diálogos interessantes. Era como se estivéssemos numa onda de alta frequência. Minhas perguntas se encaixavam no que ela estava pensando e suas respostas me mostravam que ela era uma bela adormecida. O beijo e a atração física eram exatamente o que faltava para que percebesse que todos os anseios estiveram intatos em sua alma. Lá no fundo do seu ser ainda existia aquela menina travessa, disposta a enfrentar o mundo para mostrar a si mesma que a vida era maravilhosa. Que a verdadeira emoção movia montanhas e valia a pena ser vivida.

A experiência era tão forte que ela se atrapalhava e buscava uma terapeuta para explicar o inexplicável! Eu agradecia a Deus que a terapeuta fosse eu.

Você, João, que sempre acompanhou meu trabalho, sabe que sigo o caminho dos físicos e psiquiatras do despertar do novo milênio, que se empenham em confirmar o que os primeiros místicos sabiam intuitivamente. Somos seres divinos! Tenho certeza de que no fundo da alma, cada pessoa tem consciência deste fato. No entanto, ao longo da história, das tantas crenças, descrenças e fanatismos, a luz divina de cada alma foi perdendo o esplendor. E, nesse arrastão, perderam-se a força e o sexto sentido das mulheres.

Todas as experiências, todas as memórias, tudo o que faz de cada um de nós aquilo que somos, vai-se perdendo com o passar do tempo e se transformando em uma pálida idéia do que realmente foi. Permanece dentro de nós apenas a sensação difusa do que aconteceu. Mesmo as desgraças, os malfeitos, todas as dores e sofrimentos, também se esgarçam no tecido da memória, virando coisas tão apagadas que se torna difícil trazê-las de volta.

Quando a pessoa está sob um efeito de relaxamento ou hipnose, de repente, como se fosse uma coisa mágica, retornam alguns momentos de nossas vidas como se estivessem novamente ocorrendo. E são exatamente esses momentos que aprofundam nossa compreensão sobre o nosso ser e sobre o Universo.

Pérola não precisou de estados hipnóticos, sua primeira visão ocorrera sob o efeito da paixão, da atração física. E as demais, já posso lhe adiantar que foram provocadas pelo mesmo agente!

Bem, depois de falar a Pérola sobre os beijos mágicos das histórias infantis, falei-lhe sobre o tempo em que as mulheres ditas bruxas ou feiticeiras eram julgadas exatamente da forma registrada em sua visão. Acreditava-se que vendiam a alma ao demônio, faziam pactos em troca de favores como a cura ou poções do amor. Acreditava-se que copulavam com o demônio pelo prazer da luxúria.

Há o livro “Martelo das Feiticeiras”, manual que os inquisidores usavam especialmente para as bruxas. Nele descrevem-se as regras para “julgar” casos exatamente iguais ao que ela estava narrando. Nos tribunais, as mulheres tinham de entrar de costas para os juizes. Eles acreditavam que o poder do olhar das bruxas era extremamente forte e tinham pavor que elas pudessem seduzi-los, abrandando-lhes a fúria. Todas elas foram queimadas. E não eram uma ou duas. Foram milhares. Existem registros!

Pérola sabia alguma coisa sobre as fogueiras da Inquisição, mas jamais ouvira falar sobre o livro “Martelo das Feiticeiras”. Aliás, posso afirmar que poucas pessoas ouviram falar, algumas tiveram a ousadia de comprar sua tradução para o português e pouquíssimas se deram ao trabalho de ler!

Aconselhei-a a ler sobre a Inquisição, descobrir detalhes da época, dos julgamentos das mulheres chamadas feiticeiras ou bruxas.

- Você vai constatar que o que viu está documentado e vai se lembrar de mais coisas! Venho pesquisando há anos onde se perdeu o sexto sentido da mulher. E durante a Inquisição, tudo o que os juizes e carrascos faziam era julgar-lhes a intuição, a capacidade de curar, de ouvir a natureza, enfim, os dons que lhes eram dados pelos deuses.

- E por que faziam isso?

- Elas eram concorrentes fortíssimas na disputa pelo poder material. Eram naturalmente respeitadas e muito queridas em suas comunidades. Com seus dons quebravam a idéia do deus todo poderoso que os monoteístas engendravam. Era preciso acabar com elas! Eliminar seus dons! Incorporá-los aos santos e santas que inevitavelmente se criavam aproveitando as crenças populares, mas sob as ordens da Igreja. Ou melhor, do poder estabelecido.

Para encerrar, afirmei que as fogueiras da Inquisição foram nada mais que o culminar de um processo que vinha desde que as religiões monoteístas haviam sido inventadas e implantadas. Foi uma árdua batalha para destruir as crenças e comportamentos da Antigüidade! Expliquei-lhe que os clérigos perseguiram as feiticeiras e arrasavam com seu material de rituais, então elas utilizavam os utensílios domésticos.

- Você, quando pegou a colher de pau, soube exatamente o que fazer!, - disse a ela.

Pérola limitou-se a se surpreender com a idéia. Expliquei-lhe que estas coisas ficavam na memória.

- Memória? Será que assisti algum filme com tal cena?

- Memória da alma! Você não me disse que desenhou um círculo com a colher de pau, colocou-se dentro dele e no final da visão, correu sobre ele uma réstia de fogo?!

- É... - Pérola sentiu-se envergonhada. - Vim ao seu consultório esclarecer a visão e eu mesma duvido.

- Por vezes temos experiências extraordinárias e tentamos convencer a nós mesmos que tudo não passa de um produto da nossa imaginação! - Por um momento, olhei-a com muita firmeza. - Não tenha medo do extraordinário! Se Deus o colocou em seu caminho é porque sabe que você pode suportá-lo!

Continuei falando que no nascimento de Cristo, os três reis que souberam do fato pelo fulgor da estrela não governavam países, mas eram magos. Chegavam a ter maior importância do que os reis que regiam países! Como as feiticeiras, eles sabiam como curar os doentes, reunir os rebanhos, fazer florescer as plantações, acudir nos partos, rastrear a influência das estrelas e dos planetas, construir templos e encontrar lugares sagrados. Conheciam os segredos da Terra, os poderes da Lua, a influência dos astros e especialmente os anseios do coração humano. Seus rituais e cerimônias, seus feitiços e sortilégios, suas orações e sacrifícios eram expressões de sua unicidade com a fonte de toda a vida. Conheciam a linguagem com que a criação fala a si mesma. E, o mais importante, sabiam ouvir a natureza.

Em busca do poder terreno, os homens foram destruindo a magia do mundo. Acho que sobrevivemos a muitas perseguições, desde o fogo da Inquisição que queimou alguma coisa além dos corpos, até o consumismo desarvorado da nossa era moderna que vem transformando o corpo da mulher e do homem em meros objetos sexuais. Apesar disso, ainda somos a ressonância de vivências mágicas. Talvez esse despertar da consciência, que está ocorrendo em todo o mundo, nos traga de volta nossos dons e talentos.

Pérola ouviu tudo o que eu disse e limitou-se a exalar um suspiro que só os apaixonados conseguem. Para terminar a consulta afirmei que o grande erro que cometemos é pensar que a vida é imutável, que uma vez tomada uma direção tenhamos de seguir o mesmo trilho até o fim. O destino tem muito mais imaginação do que nós. Justamente quando nos julgamos num beco sem saída, quando chegamos à mesmice insuportável da vida, com a velocidade de uma rajada de vento tudo muda, se subverte, e de uma hora para outra nos deparamos com uma vida novinha em folha!

Apesar de aconselhá-la a marcar um novo horário com a recepcionista, pedi que me deixasse seu telefone. Tinha certeza de que retornaria mas achei mais seguro ter eu mesma uma maneira de contatá-la.

Bem, agora vou lhe contar, João, o que ocorreu depois que Pérola saiu. Nem preciso reafirmar que passei um tempo pensativa e que tive mais uma vez a certeza de que ela chegava com um problema do coração, mas não a habitual frustração de todas as minhas pacientes. Estava atrapalhada com o amor. E o amor é a única linguagem eficiente para traduzir as lições que o Universo todo dia ensina aos seres humanos. No entanto vivemos numa época em que a maioria das pessoas associa a idéia do amor ao orgasmo imediato e à conseqüente frustração.

Como sempre que uma cliente interessante me aparece, abri a gaveta, peguei o tarô, embaralhei-o e espalhei-o sobre a mesa. Fechei os olhos, concentrei-me no olhar de pássara feliz da mulher que acabava de sair e tirei uma carta. Ao abrir os olhos, na ponta de meus dedos estava a sacerdotisa!

Observei com muito carinho a carta. Gosto demais da sacerdotisa. Quem a desenhou conseguiu reunir Ísis, a deusa da intuição na mitologia egípcia, Kuan Yin, deusa da compaixão da mitologia oriental, Artemis-Diana, deusa da natureza da mitologia greco-romana e Vênus-Afrodite, a grande deusa do amor. E se olharmos com atenção, vamos ver Yemanjá, deusa das águas e grande protetora dos amantes. É uma mulher exuberante com as mãos abertas distribuindo pérolas e cristais, sobreposta ao sol, à lua e às estrelas e entre duas colunas do templo. Ela representa o elo com o misterioso e insondável mundo interior, onde a entrada só é possível com o consentimento de seus governantes. A figura da sacerdotisa representa a força da intuição, a capacidade de conhecer os meandros do destino e o real objetivo da vida.

A presença de Pérola, a visão que narrara, tudo aquilo havia me deixado com a sensação de que algo muito importante estava por acontecer. Sempre acreditei que o ser humano é maravilhoso e multidimensional. Não há porque se limitar mentalmente, restringindo a magnitude do ser à personalidade e ao corpo que existem aqui e agora. Tenho certeza absoluta que o espírito pleno não fica encapsulado no corpo e na mente consciente. Pérola abria a concha e vinha provar exatamente isso. Descreveu uma visão extraordinária. Com certeza suas vidas passadas encerravam grande conhecimento e sabedoria, podendo esclarecer alguns pontos perdidos.

Tanto eu como as outras psicólogas que trabalham comigo, enfim, todos nós que lidamos com mentes e almas, sabemos que as angústias trazem muita dor. Acompanhando tantos pacientes não é difícil perceber que muitas vezes a dor da alma é maior do que a dor física. Nos tempos atuais, com tantos avanços tecnológicos, com tantas novidades e liberdades, os seres humanos têm mais dores mentais, angústias e frustrações.

Isto acontece especialmente porque tanto homens como mulheres estão ficando exigentes a ponto de transformarem os relacionamentos em verdadeiras guerras de egos. Testar quem se sobrepõe e destrói o outro esgotando-lhe as energias. Esta guerra começou no mesmo atalho

onde se perderam os sinais divinos, e vem se alastrando há milênios. Se encontrarmos o exato ponto em que a união mágica entre um homem e uma mulher se transformou em competição, com certeza vamos conseguir a solução para diversos problemas de angústias e dores mentais.

Embora vá manter a ordem cronológica, posso dizer que foi no círculo mágico que Pérola desenhou no seu quintal com uma colher de pau que foram captados muitos momentos importantes. Dizem que os magos em geral desenhavam o círculo em noite de lua cheia a fim de trazer o poder da lua para a terra. Talvez por comungarem com a sabedoria do Universo, sabem que a natureza gosta de círculos. Os corpos celestes são círculos, suas órbitas circulares. Imensas nuvens de gases e poeira cósmica são animadas por uma força desconhecida que as coloca girando em redemoinhos circulares até que depois de milênios formam corpos celestes circulares.

Desarvorada por uma paixão, Pérola trazia o clarão da lua para seu círculo e decifraria uma ínfima parte do grande mistério que é a vida. Por mínima que seja a descoberta, com certeza vai ser suficiente para espalhar um pouco de amor pelos corações mais necessitados.

Querido João, já escrevi demais, não quero sobrecarregá-lo. As visões de Pérola precisam ser lidas com vagar e ir sendo assimiladas pouco a pouco

Continuo no próximo e-mail.

um grande abraço,

Maria Moura

“Uma alma gêmea é alguém cujas fechaduras coincidem com nossas chaves e cujas chaves coincidem com nossas fechaduras. Quando nos sentimos seguros a ponto de abrir as fechaduras, surge o nosso **eu** mais verdadeiro e podemos ser completa e honradamente quem somos.”

Richard Bach

Querido João,

Aí vai mais uma parte do caso de Pérola. Antes de começar o relato propriamente dito, quero te dizer que tenho encontrado seu amigo Alberto. Ele é uma companhia muito agradável. Disse-me que depois do congresso voltou a escrever. Fiquei curiosa e ele afirmou que jamais revela o enredo antes de o livro estar pronto, ou quase pronto, faltando apenas detalhes. Também fez questão que eu o levasse para conhecer nossa casa. Gostou tanto, falou tanto sobre as qualidades da casa que até me deu saudades. Olhei-a com outros olhos e tenho me recordado de muitos bons momentos que lá vivemos. Creio que ele já te falou que nosso próximo encontro, incluindo você, vai ser em nossa casa. Ele vai levar o uísque e eu providenciarei o gelo e os copos.

Bem, mas vamos ao nosso assunto. Quando Pérola descobriu meu consultório, sua vida estava numa destas fases em que os acontecimentos se sucedem rapidamente. Gaspar passava uma temporada em São Paulo e ela apaixonou-se por ele.

Uma semana depois da primeira consulta, Pérola retornou. Tinha o olhar extraviado dos loucos de paixão e a medalha sem santo que trazia sobre o peito vibrava sobre um coração desarvorado. Nem era preciso mencionar que o amor havia se consumado entre ela e Gaspar. Mas vamos à ordem cronológica dos fatos.

Enquanto estive em São Paulo, Gaspar ia quase que diariamente jantar em sua casa e ela vivia os preparativos para recebê-lo. Também devo dizer que havia um marido nesta história e ela falou sobre ele. Segundo ela, José era uma pessoa que em alguns momentos chegava a ser divertida mas possuía um olhar crítico sobre todos os seus atos. Até na comida que ela fazia com o capricho de apaixonada ele sempre encontrava alguma coisa a reclamar, ou estava salgado, ou frio, ou qualquer outra coisa. Pérola percebeu que, com Gaspar ao seu lado, não se atrapalhava com as recriminações. Que diferença faria se José gostava ou não do tempero? Gaspar estava adorando!

José fazia questão dos filhos participando dos jantares e ela se esforçava para que as coisas fossem a seu gosto. Naquelas noites com Gaspar não tinha idéia de onde os filhos poderiam estar. Percebia suas entradas e saídas, sem que tivesse a menor curiosidade em saber de onde vinham ou para onde iriam. Como você vê, a paixão fazia com que amadurecesse até em relação aos filhos. Afinal já tinham idade para se virar sozinhos e ela acabaria atrapalhando-lhes a vida se ficasse eternamente preocupada com eles.

Durante a semana que se passara, ela por duas vezes levou Gaspar ao hotel e, no dia da consulta, levou-o ao aeroporto. Mas estou me adiantando. Voltemos à primeira noite em que ela o levou ao hotel. Nem é preciso dizer que mais uma vez fez o trajeto esforçando-se para que a alma não lhe saísse pela boca. A noite estava clara e sentia-se no ar o cheiro de alguma flor que resistia à poluição e teimava em desabrochar. A lua, ainda na fase cheia, espalhava sua vibração pela Terra.

Ao chegarem ao hotel, ao invés do beijo, Gaspar convidou-a para entrar e conhecer um barzinho aconchegante onde havia um pianista. Tomariam um licor.

O coração de Pérola disse sim sem pensar, e ela assustou-se por sua voz tê-lo repetido sem o menor constrangimento. Em seguida, a própria razão perguntou-lhe: Por que correria aquele risco? Sempre havia a possibilidade de encontrar conhecidos e se atrasaria para a volta. E, entrar num bar com um homem estranho, que não seu marido!

Por incrível que pudesse ser, o sim continuou a vibrar. Não havia sequer a sensação de medo a ser superada. Ela sorriu para a noite pensando que estava um pouco bêbada e cansada de seus dias sempre iguais. Mas havia mais do que isso. Havia uma voz a lhe dizer que aquele homem era uma novidade que não a assustava, pois ela o conhecia há milênios.

O ambiente era de penumbra, sentados, os dois deixaram-se embalar pela música. A impetuosa vivacidade de Gaspar despertava a curiosidade de Pérola. Em tudo que ele dizia, havia paixão. Era impossível estar perto dele sem ficar de algum modo contagiada pelo calor que exalava de cada uma de suas frases, pelo calor do seu corpo.

Suas mãos se buscaram. Aquela proximidade fazia com que Pérola sentisse que seu corpo não tinha fronteiras. Era o coração espalhando emoção por cada célula e formando um halo dourado à sua volta. Era como se seus contornos fossem mais amplos e tal amplitude vibrasse no ar a cada movimento. Gaspar entendia e vibrava junto.

Ele passou a mão sobre seu ombro e tocou-lhe o pescoço junto à orelha. Pérola sentiu algo quente que lhe corria pelos ossos e lhe amolecia as pernas. Fechou os olhos e deixou-se embalar pela música e pela emoção. Ao abri-los, seus olhos passaram por um espelho que havia numa das paredes e ela viu-se uma nova mulher. A pele e os cabelos estavam iluminados, os olhos fosforescentes. Gaspar pareceu-lhe tão bonito com sua cabeleira de juba de leão e os olhos tão meigos! Ela levantou a mão e acariciou o maxilar de ferro dos valentões tímidos.

Voltando-se mais uma vez para o espelho, sentiu que não mudara somente na maciez da pele ou o brilho dos cabelos. Estava satisfeita por aceitar aquele convite. Algo que não lhe era permitido sequer pensar, de repente parecia-lhe a coisa mais natural do mundo. Estava num bar com um homem que não era seu marido e não havia inquietações ou remorsos. Não porque ela fosse atrevida. Era na verdade um animalzinho mal amado experimentando um calor que vinha do coração e se espalhava por toda a alma.

O mais engraçado era se ver numa situação conhecida. Era como se aquela cena já tivesse ocorrido e ela estivera por toda a vida morrendo de saudades e simplesmente deixasse acontecer algo que era muito bom reviver. De onde poderia conhecer aquele sentimento, aquela segurança ao lado de um homem?, perguntou-se. Enquanto seus olhos se encontravam ela pensou que, ao lado de um homem amado, a mulher se sentia muito mais protegida de Deus.

Passado um tempo naquele embalar dos deuses, ocorreu-lhe que era parte do capital do homem que a esperava, que tinha casa e filhos para cuidar e dar satisfações de cada um de seus atos. Embora seu desejo fosse ficar aonde estava pelo resto da vida, era preciso retornar.

Ao chegar em casa, agradeceu a Deus por encontrar o marido navegando num profundo ressonar. Deitou ao seu lado e dormiu um sono sem sonhos. No dia seguinte, despertou com a sensação de felicidade no seu estado mais puro. A dúvida de Pérola era saber se estava vivendo aqueles dias como se fosse outra pessoa, ou se sempre fora outra pessoa e naqueles dias estava finalmente vivendo alguma coisa onde valia a pena ser ela mesma.

Creio que dois dias depois ocorreu um novo jantar. Gaspar entrou em sua casa e

instalou-se a alegria. Comeram, beberam vinho, conversaram, riram e ela o levou ao hotel. Como se tivesse feito aquilo por toda a vida, mais uma vez ele a convidou para beber um licor e ouvir o pianista. Ela nem precisou concordar. Seu coração espalhava no ar o quanto se sentiu feliz com a emoção entrando em sua vida.

Pela primeira vez ela tentou se desculpar. Afinal era casada, nem sabia como aceitara o convite. Não devia mas estava tão feliz. Não conseguiria dizer não. Ele também mencionou que não deveria convidá-la, trabalhava com José. Levá-la a um bar era de alguma forma trair sua hospitalidade. Mas afinal quantos verdadeiros encontros existiam no mundo?

Enquanto bebiam o licor, ele falou de Deus. Ela assustou-se que um homem viajado e divertido, que a convidava para um licor, falasse de Deus.

- Olhe o mundo! - Seus olhos se arregalaram indicando o óbvio. - Só um idiota não sentiria a presença de Deus!

Então, ele lhe falou sobre predestinação e vidas passadas com tanta naturalidade que ela sentiu coragem para deitar a cabeça no seu ombro e deixar que ele acariciasse seus cabelos.

- Você já ouviu falar em tarô?, - ele perguntou.

- Tarô! - Ela, que já estivera assustada ouvindo-o falar de Deus, assustava-se mais ainda com a palavra tarô.

Pressentindo-lhe o susto, ele deu uma explicação:

- Um dia um amigo me mostrou um baralho tarô, achei as cartas tão familiares que comecei a ler sobre o assunto. Logo percebi que era uma coisa muito séria. Um dos utensílios que Deus usou para escrever a sabedoria do mundo, para mostrar com muita clareza a existência de um poder de raciocínio superior.

Pérola olhou-o sem saber o que dizer. Ela jamais havia se interessado por tarô. No entanto, ouvindo-o falar de uma forma tão familiar, era como se conhecesse aquele baralho de longa data. Ele explicava-lhe que as diversas fases da vida estavam representadas nas cartas. Era o percurso que cada ser humano realizava diversas vezes durante uma existência.

As pessoas, em geral, utilizavam o tarô para prever o futuro mas o melhor daquele baralho era captar sua mensagem. Meditar sobre cada carta aumentava tremendamente a compreensão dos momentos críticos da vida. E era justamente a compreensão que fazia diferença quando estávamos envolvidos em problemas e tentávamos nos livrar deles!

- O bem que o tarô faz não tem preço! Não há carta que possa fazer a escolha por nós, ou mesmo mudar uma situação de ruim para boa, e vice-versa. No entanto, saber por que estamos num determinado caminho e de que maneira chegamos até ali, e o que isto pode significar, algumas vezes funciona como mágica. Aos poucos o mar revolto de um problema vai se transformando numa passagem serena.

Meu querido João, aqui faço um parêntese para concordar com ele e mais uma vez reafirmar que este foi um dos tantos motivos que me levou a ser fisgada por toda aquela situação. Você sabe o quanto aprecio o tarô como um oráculo que vai transformando a maneira de ver a vida e de se compreender melhor os momentos marcantes pelos quais passamos.

Mas voltemos ao bar do hotel em que os dois estavam nos preâmbulos de uma noite de amor. Gaspar afastou-se, mediu Pérola com o olhar, sentiu a fisgada macia de suas ternas entranhas.

- Que coisa engraçada!, - ele disse. - Estamos falando do tarô e estou pensando nas imagens do meu baralho. Você me lembra demais uma delas. Não consigo precisar exatamente qual!

Brincando com um lápis imaginário, ele movimentou as mãos como se caprichasse num desenho sobre a toalha. Os dois olhavam a toalha colorida, vendo em algum ponto da mente o desenho que se engendrava na ponta dos dedos de Gaspar.

- Se fosse um pintor, iria desenhá-la numa das cartas! - Um pouco espantado com a própria idéia, Gaspar fitou-a nos olhos e enxergou-lhe a alma. - Já sei qual! A sacerdotisa!

Ela sorriu e os dois foram falando sobre aquele baralho encantado. De repente, perceberam que roubavam as palavras um da boca do outro, pensavam as mesmas coisas e as diziam da mesma forma. Conforme ele mencionava as cartas, Pérola as visualizava como se as conhecesse em profundidade, como se já tivesse meditado sobre elas.

- Parece que nos conhecemos de outras vidas. - Ele falou e ela concordou, como concordaria com tudo o que ele dissesse naquela noite.

Gaspar olhou-a e seus olhos transbordavam carinho. O fato de estarem juntos parecia uma explicação para que o mundo existisse, aliás, o único motivo do Universo, o ar e o vento, as chuvas e toda a natureza existir.

- A poeira das estrelas está nos envolvendo. - Ela falou percebendo que o ar estava dourado.

Como se aquilo fosse o sinal, os dois se levantaram e seguiram para o elevador, atravessaram o corredor e entraram no quarto dele.

Meu querido João, com certeza a descrição de atos de amor é a especialidade de seu amigo Alberto, que é escritor. Se bem que os homens nunca falam do amor com a ternura necessária. Quando, durante a consulta, Pérola falou sobre a noite com Gaspar, seus olhos ficaram tão cheios de luminosidade que vou arriscar uma descrição.

Vou começar exatamente pelo brilho do olhar dos dois que foi se atraindo. Ele puxou-a para si e rodeou-a com os braços. Ela afundou o nariz no peito daquele homem desconhecido, que sentia ser a pessoa que maior intimidade lhe traria por toda vida. Aspirou-lhe o odor novo, esfregou-se contra a pele áspera das mandíbulas de ferro, apalpou seu corpo enxuto e forte, e sentiu uma paz grandiosa.

Então puderam se beijar de verdade. Ele vendo correr o lume e as sombras pelo seu cabelo solto, ajudando-a a desabotoar a blusa, procurando fechos, sua boca contra o ombro, o pescoço, as mãos indo caçar na poeira das estrelas. Os lábios buscando-se entre umidades de tempos ancestrais.

Os lençóis, brancos e frios, transformaram-se em brasas, um fogo correndo pela pele. A boca de Pérola em seu cabelo, em seu peito, as mãos pelas costas, os corpos deixando-se conhecer, silêncios em que tudo era pele, carícia, respirações ansiosas. O entrosar dos corpos e das almas. Os lábios mais uma vez se buscando, labaredas de fogueiras ardentes. As labaredas do prazer tocando fundo o corpo e a alma.

Quando finalmente se deitaram lado a lado, ele falou:

- Na vida de cada homem só existe uma mulher com quem é possível alcançar a união perfeita, e na vida de cada mulher só há um homem com quem ela se completa. Acontecer este encontro é mais difícil do que ganhar na loteria! O que acaba de nos acontecer é uma sorte reservada a pouquíssimos!

Ela respondeu buscando-lhe os lábios.

- Queria que você ficasse comigo para toda a eternidade, - ele falou.

- É o que vou fazer!, - ela sorriu. Acariciou-lhe o rosto, os cabelos.

Ele pegou-a docemente e, uma vez mais, tudo o que havia sido refreado por um presente de mulher casada podia resplandecer nas carícias que desvendavam corpo e alma de uma mulher. Os dois envoltos um no outro, o amor se fazendo em seus corpos, no ar que os envolvia, e ela sentindo que a partir dele, alguma coisa abolia um tempo estagnado, para que acordasse outra vez Pérola, uma mulher que por um ínfimo instante havia mergulhado num prazer que lhe desvendava a própria divindade.

Querido João, gostou da minha narração? Devo confessar que muito do que escrevi foi uma transcrição da fita que gravei durante a consulta. Também tem um pouco das lembranças de nossas próprias experiências. Por toda a nossa vida em comum, eu e você, João, vivemos um amor muito especial. A violência com nosso filho interrompeu o fluir de nosso destino, não acabou com nosso amor. Tenho sentido isso. Mas voltemos ao nosso assunto. Pérola estava fazendo coisas que jamais fizera, era o reencontro de si mesma com o sentido da vida. Era a repetição de um ato mágico, o momento em que o céu descia sobre a terra e Deus engendrava a criação.

Foi depois de algum tempo num silêncio em que sentiam a respiração um do outro, e suas pulsações se confundiam, que ela teve de se despedir. Pérola dirigiu até sua casa boiando numa nuvem de felicidade que lhe dava a certeza de que Deus protegia os inocentes. Teve a constatação do pensamento ao entrar e ver José num sono muito profundo.

Levitando num mundo totalmente novo, não pôde evitar que o clarão da lua a levasse para o quintal. Pegou a colher de pau e a vasilha com água e foi para debaixo da jabuticabeira. Riscou o círculo e ficou dentro dele olhando o reflexo da lua na água da vasilha.

Já não era a imensa lua cheia, uma pequena sombra tomava um pedacinho de sua luz, mas a vibração era forte, palpável. A calma da noite juntava-se ao esplendor da sua alma. Aos poucos foi sentindo a vida do seu quintal: as folhas das árvores, a terra, a grama se movendo. Tudo ia adquirindo vida, ia ficando reconhecível, querendo lhe falar alguma coisa. Transmitindo carinho. Mostrando que ela era parte daquela natureza. Então fechou os olhos e sentiu-se tonta, como se fosse desmaiar. Em seguida viu-se sobre um monte de galhos e gravetos secos, amarrada a um tronco. Uma estranha sensação de terror apossou-se dela. Alguém veio correndo com uma tocha acesa e lançou-a a seus pés.

Labaredas de fogo surgiam ao seu redor. O fogo aumentava, aproximava-se, ateava-se em sua roupa. Ela contorcia-se, gritava, resfolegava engasgada com a fumaça e não conseguia se livrar das amarras. Sentia as carnes se consumindo, as forças se esvaindo, as roupas e a pele virando uma crosta só. No meio da dor e do desespero, do outro lado do fogo, avistava pessoas conhecidas. Pessoas que exultavam com seu sofrimento e que lhe atiravam pedras e improperios. Pessoas que viviam à sua volta e que ela não poderia precisar exatamente quem eram. O fogo e o desespero impediam-na.

- Bruxa! - gritavam. - Feiticeira!

Estava sentindo que a alma já se desprendia do seu corpo quando seus cabelos se incendiaram e exalaram um cheiro nauseabundo. Estrebuchou e seus olhos se abriram. Conseguiu ver através da nuvem de fumaça. Reconheceu José por trás das chamas. Era parte dos que lhe julgavam os pecados. Ele caminhava em sua direção. Sabia que não era para salvá-la mas para certificar-se de que já estava morta. Ele chegou muito perto e sacudiu-a.

- O que você faz sentada aí no chão a esta hora da madrugada?, - esbravejou. - Tive de andar a casa toda para te encontrar!

Pérola abriu os olhos. Era o marido de verdade que ela acabava de ver do fundo das

chamas. Ele estava ali a despertá-la daquela visão apocalíptica. Na visão, ele vinha certificar-se de sua morte. Era um dos juizes ou carrascos! Mas ali ele a despertava da visão, do pavor de morrer queimada. Estava furioso com aquele pecado dela estar no quintal, numa hora que deveria estar na cama dormindo! Sua voz espantava a brisa da noite e ela não tinha desculpas.

- Tive um sonho estranho e resolvi vir tomar um pouco de ar. - conseguiu balbuciar.

- Você enlouqueceu? - Um vento raivoso começou a soprar, e José falava com mais raiva do que o vento. - Você largou todas as portas abertas! Há quanto tempo está aqui?

- Nem sei... - Pérola estava trêmula, sentada num charco de pavor, com os ossos moídos e empapada de suor.

Naquele instante pensou que aquela visão era o julgamento, o castigo pela felicidade, pelo amor, pelo prazer pleno, que a despertava para o reencontro com o sentido da vida.

José seguiu para o quarto conduzindo-a pelo braço, resmungando uma ladainha de impropérios contra sua falta de juízo. Mais uma vez criticando-a, punido-a pelos erros.

Como um autômato, Pérola enfiou-se em baixo das cobertas e fechou os olhos. Transtornada pelas labaredas do amor e do castigo, dormiu um sono agitadoíssimo. Revia as cenas apavorantes de morrer queimada que eram intensificadas pela sensação de ver José como um dos carrascos que a punia. Com o correr da noite, via seus olhos, sem conseguir precisar se eram da realidade ou da visão.

Despertou no remanso da recordação de fazer amor com Gaspar. Apesar do pavor das cenas em que morria queimada para pagar pecados, não sentia culpa. Movimentou-se para preparar o café com a recordação de que Gaspar iria embora naquela tarde. Com certeza seria ela a levá-lo ao aeroporto, o que significava mais um encontro. Por mais algum tempo sentiria a proximidade daquele homem que lhe tirava o fôlego, e isso lhe pareceu a coisa mais importante da vida.

Como ela previra, José não teve chance de sair do escritório à tarde, e ela pôde fazer-lhe o favor de levar Gaspar ao aeroporto. A expectativa de ter mais uns momentos com Gaspar desanuviaram qualquer lembrança daquele final de vida realmente afogado.

Na hora marcada, apanhou-o no hotel. Assim que se acomodaram, o ar dentro do carro inundou-se da felicidade de suas almas. Quase não falaram. Bastava a proximidade. Pérola dirigia devagar, sempre que possível segurando as mãos dele. Cada minuto que passava aproximava-os da despedida e da certeza de que estariam juntos muitas outras vezes.

Ela deu algumas voltas pelas alamedas do estacionamento até que encontrou uma vaga para o carro. Tiraram a mala do porta-malas e, como se fosse a coisa mais natural do mundo, seguiram abraçados. Andaram em silêncio. O asfalto estava coberto de umidade e brilhava. A luz do sol passava entre as folhas das árvores e o verde desbotava-se em várias tonalidades. Uma brisa fresquinha perpassava por seus corpos e dava a sensação de que tudo aquilo estava acontecendo em outra dimensão.

Quando anunciaram o embarque, eles se olharam e não sabiam como se despedir. O aeroporto estava cheio de gente. Os dois se deram as mãos, um beijo prolongado nas faces, um roçar nos lábios, e separaram-se.

Ele seguiu para o embarque. Ela deu alguns passos em direção à saída e voltou-se no exato momento que ele fazia o mesmo. Como se Eros lançasse a flecha, sem pensar no que faziam, os dois correram um para o outro. Abraçaram-se, beijaram-se nas faces, nos lábios. A mochila que ele carregava, escorregou de seu ombro, caiu.

Ficaram unidos até que ele sorriu e perguntou:

- Em qual vida já nos encontramos?

- Em muitas, - ela respondeu olhando-o nos olhos, com a certeza de que não estava brincando mas repetindo o que uma voz lhe falava do fundo da alma.

- Pois ainda vamos nos encontrar muitas outras vezes!

Finalmente se largaram e ele embarcou.

Quando ela conseguiu raciocinar, pensou que Deus protegia os inocentes. Os apaixonados eram inocentes. Não havia um único conhecido na multidão de pessoas que se apinhava no aeroporto.

Meu querido João,

por hoje é só,

um beijo

Maria Moura

“Aparentemente a Terra é um excelente lugar para encontrarmos as situações e as pessoas que, em contrapartida, irão favorecer que encontremos a nós mesmos.”

William A. McGarey

Querido João,

Espero não o estar aborrecendo com tantos e tão longos e-mails. Afinal temos nos encontrado e conversado pessoalmente. É que escrever organiza as idéias e quero que você saiba cada detalhe do caso. Pretendo usá-lo mais vezes e sua opinião sempre foi muito importante para mim. Também é importante que você vá lendo e assimilando cada idéia, a fim de formar sua opinião com mais segurança.

Antes de falar da consulta, devido ao desenho que Gaspar esboçou sobre a toalha, vou falar um pouco do tarô. Você se lembra que quando Pérola saiu do consultório na primeira consulta, sorteei uma carta e foi a sacerdotisa que se apresentou? Na noite em que ela e Gaspar se amaram, ele falou sobre o tarô e achou Pérola parecida com a imagem da carta da sacerdotisa. Coincidências, meu querido João!

Acredito e tento convencer minhas pacientes que precisamos de um trabalho bastante persistente para o aumento dos níveis de consciência. É através da expansão da consciência que cada pessoa acaba encontrando um significado maior para a vida e realizando sua missão aqui na Terra. O tarô é um oráculo que nos trás um profundo conhecimento dos arquétipos do nosso inconsciente e do inconsciente coletivo. Ao meditar sobre cada carta, e conseqüentemente sobre cada arquétipo, passamos a compreendê-los melhor. Este é um grande passo para expandir e fortalecer nossa percepção e nossa compreensão da vida.

Alberto me falou que a esposa dele, Tânia, era apaixonada pelo tarô. Antes dela morrer, ele não se interessava tanto pelo assunto mas agora é um estudioso do tarô. Fez diversas perguntas, e até lhe recomendei alguns livros importantes. No nosso caso, observar a carta da sacerdotisa é como ver a foto de Pérola. Mesmo antes de lhe contar toda a história, posso afirmar que sua alma, ao longo dos milênios, vem descartando velhos corpos e assumindo novos, e nessa epopéia perpassou por muitas mazelas na tentativa de manter seus dons e talentos. As visões que narrou demonstram que a alma está além do poder de todas as coisas. Mesmo queimada em fogueira e condenada nos tribunais do Santo Ofício, retorna com fôlego novo para o amor.

Isto que estou te falando, associado ao desenho que Gaspar esboçou na mesa, só vai fazer sentido depois de mais algumas consultas. Até Pérola se assustou quando as coisas começaram a se encaixar. Mas, como falei no princípio, vamos manter a ordem cronológica dos fatos.

Na segunda consulta, podemos dizer que Eros e Tanatos estiveram juntos. Depois de se sentir escaldar nos vapores da paixão, Pérola teve uma visão em que se escaldava numa fogueira da Inquisição. Ela começou a narração pelo horror de ser queimada viva numa fogueira. Contou a

cena em detalhes, inclusive o pavor extenuante engasgando-se com a fumaça e a certeza de que pagava um pecado do qual não tinha ciência. Atrás do fogo havia diversas pessoas conhecidas. Pessoas que ela sabia estarem mais uma vez convivendo ao seu redor. Com precisão só reconheceu José. No seu mundo visível, ele apareceu sacudindo-a e tirando-a daquela visão apocalíptica, deixando-a mais intrigada ainda.

Enquanto ela narrava, eu observava o horror estampado em sua face. No entanto, por mais que revivesse o pavor daquela morte no fogo, o olhar de pássara feliz retornava a qualquer descuido. Quando Pérola arrefeceu o ímpeto do relato, olhei-a bem dentro dos olhos e afirmei que somente uma atração muito forte para despertar-lhe o inconsciente com tanta nitidez.

- Estou apaixonadíssima!, - ela falou num exalar de ar, com um suspiro extenuante que só os apaixonados conseguem. Então, desabafou o fogo que lhe ia pela alma. A consulta se prorrogou por duas horas e Pérola contou cada detalhe de sua atração e da noite em que fora para o quarto dele e se amaram.

- Já fiz tanta besteira na vida. . ., - foi a frase com que concluiu o relato.

- O amor jamais é uma besteira. O amor é a coisa mais séria de uma existência!, - respondi com muita firmeza. - O amor continua sendo a grande aposta de cada vida. Desde o começo dos tempos, é através do amor que transformamos a vida e tentamos compreender o Universo!

Aconselhei-a a viver todas as emoções! Por vezes na vida é preciso ir até o fim, correr riscos e viver tudo. Encontrar a árvore do conhecimento do bem e do mal e comer os frutos com muita vontade, se lambuzando! Ela abriu um sorriso e a medalha sem santo vibrou no seu peito.

Apesar da grandiosidade das visões, até então Pérola vira a si mesma num tribunal do Santo Ofício, sendo julgada e cumprindo a pena. Era preciso orientá-la para que as visões continuassem. Sentia-me responsável pelo seu encaminhamento no rumo certo, ou no mais acertado. E, como você sabe, eu jamais havia passado por tal experiência. As pacientes que encaminhei em regressões, conseguiram chegar a *flashs* muito rápidos. Era difícil esclarecer épocas ou vivências nítidas. Fui muito sincera afirmando que não esperasse experiências românticas! Durante milênios, as mulheres comeram fogo!

Sua primeira visão foi com a Inquisição, o terrível tribunal do Santo Ofício. Ela sendo julgada por ter copulado com o diabo e matado o marido com o artifício do boneco com um espinho de porco espetado no coração. Entrou de costas no tribunal, porque os juizes tinham medo de que mulheres em geral, com o poder do olhar, os seduzisse e amolecasse seus corações. Toda a preocupação dos inquisidores era com o prazer sexual. Poucas pessoas fazem idéia do tanto que os teólogos da Igreja escreveram sobre isso! O ato soberano em que um homem e uma mulher criam um terceiro ser, por isso mesmo Deus o encheu de prazer, foi considerado pecado. Da mesma forma que de doadora de vida, símbolo da fertilidade, a situação se inverteu: a mulher passou a ser a primeira e a maior pecadora, a origem de todas as ações nocivas ao homem.

Por mais que se concentrasse, Pérola não foi capaz de descobrir por que fez o boneco de cera onde simbolicamente matou o marido, tampouco o motivo de ter sido queimada numa fogueira. Era preciso descobrir. Não se pode esquecer que as sacerdotisas tinham um poder muito grande e acabavam abusando dele. Não o usavam só para curas e milagres. Faziam outras coisas, como ela fez o boneco e espetou nele o espinho do porco! Claro que deve ter tido seus motivos!

Este assunto sempre me empolgou bastante. Quando ouvi a gravação da consulta percebi que fora eu a falar demais. Mas não podia deixar de lhe falar que quando cessou a caça às bruxas, o mundo entrou na era do Iluminismo: a grande iluminação das idéias. No entanto, houve

uma transformação radical na condição feminina. As mulheres se tornaram mais frígidas, pois o orgasmo era coisa do diabo e, portanto passível de punição. O saber, o uso dos dons, caiu na clandestinidade. Foram séculos de repressão sexual até que na atualidade veio a liberação. Mas agora, os donos do mundo praticam a religião da praticidade e da racionalidade e sabem como banalizar as coisas importantes. O ato sagrado do amor transformou-se numa ereção e um orgasmo!

A indústria descobriu que o corpo tem um enorme potencial de mercado! A revolução sexual foi para os shoppings, as academias, os filmes e as novelas da televisão. A liberação, quem diria, virou musculação, danças eróticas, roupas extravagantes, filmes, revistas, enfim, o corpo da mulher e do homem como objetos de prazer! As bancas de jornal mostrando genitálias de todos os tipos e formas. Como se uma união mágica girasse em torno de formas e tamanhos! Claro que em seguida veio a droga. Se não se consegue o orgasmo, um atrás do outro, como as sexólogas pregam na televisão aos berros, a droga é a opção. Pode-se vender a sensação de euforia, sem que se necessite de parceiro! Ou que não faça a menor diferença quem é o parceiro.

Naquela consulta houve um fato novo. Ao terminarmos, antes dela ir embora, mostrei-lhe o gravador sobre a mesa, desliguei-o e entreguei-lhe a fita com as descrições de seus amores com Gaspar e suas visões. Confesso a você, João, que entreguei a fita, mas tinha uma cópia.

- Você gravou a prova de um adultério!, - Pérola balbuciou e ficou branca como a cera.

- Gravei e estou entregando a fita a você. E vou lhe passar uma lição de casa! Jamais se esqueça que a palavra é o instrumento de geração do espírito! O que se diz são pensamentos transformados em vibração. Agora você vai comprar um caderno e anotar tudo!

Com a fita gravada em suas mãos, Pérola foi se sentindo mais a vontade, e continuei afirmando que ela não precisaria esperar a próxima lua cheia ou o retorno de Gaspar para ter visões. Nas próximas consultas, iria ensiná-la alguns exercícios de concentração e meditação e ela seguiria anotando tudo. Diariamente! Tinha certeza de que um pedacinho da memória de sua alma acabaria registrada no caderno. Se não houvesse outra pessoa a quem ela pudesse falar e se, com o passar dos anos, ela mesma duvidasse de tudo aquilo que vivenciara, poderia sempre voltar ao que escrevera.

- Uma coisa importante: escreva sem julgar. Não se preocupe em explicar coisa alguma. Viva tudo intensamente, e guarde o que sentiu como uma dádiva de Deus. A experiência que você viveu com Gaspar foi uma dádiva. Pouquíssimos seres conseguem a união mágica que vocês conseguiram!

Quando terminei minha preleção, tirei do armário uma garrafa de vinho. Pérola estava atordoada pelas próprias confissões e pelas tantas surpresas.

- Vamos comemorar essa vitória do amor!, - propus. - É importante comemorar a vitória porque ela nos dá um dos maiores presentes que podemos ter da vida: a confiança!

Pérola limitou-se a observar enquanto eu tirava a rolha, pegava os cálices e servia o vinho. Entreguei-lhe o cálice e, olhando o avermelhado do vinho, fiz um brinde:

- É bom celebrar as vitórias por mais insignificantes que sejam. Dá força para as próximas lutas. A lembrança de uma vitória sempre ajuda a ganhar a próxima batalha. E suas visões são verdadeiras batalhas!

Bebemos em silêncio por algum tempo. Por fim ela se foi e eu fiquei com meus pensamentos. Pensei que em geral as pessoas falam que não há nada mais perigoso do que mulher rejeitada, que seria melhor abrir as portas do inferno antes de se deparar com uma. Ninguém jamais falou de uma mulher realizada. Uma mulher que conheceu um amor pleno. E Pérola havia conhecido

esse amor. Havia um homem com o nome do rei Mago: Gaspar, que era capaz, não só de provocar um orgasmo físico, mas de colocar uma mulher em contato com seu mundo interior! Ter visões de suas vidas passadas! Os dois comeram o fruto do conhecimento e, ao invés de se afundarem no pecado da culpa, tiveram acesso ao paraíso!

Desta vez, ao vê-la sair, não peguei o tarô, mas meu exemplar do “Martelo das Feiticeiras”. Se teólogos tão importantes haviam se dado ao trabalho de escrever tanto sobre os dons, talentos e poderes das mulheres, era porque realmente tinham muito medo de sua eficácia. O “Martelo das Feiticeiras” é o código penal da época da Inquisição, específico para as sacerdotisas/feiticeiras. Com o propósito de condenar, os inquisidores descreviam, na mais profunda intimidade, como se manifestavam os dons. Falavam da sabedoria das feiticeiras quanto à influência dos astros, ao uso de plantas, à execução de rituais, à invocação dos mortos, às curas, enfim, tudo o que dizia respeito ao uso dos dons. E, em seguida, os métodos de arrasá-los com torturas inconcebíveis que eram o preâmbulo do corpo queimado na fogueira.

Se tudo estava registrado, não poderia ser simplesmente delírio de cérebros doentios! Algumas mulheres tinham a capacidade de usar as forças naturais de uma forma que atormentava os senhores do poder terreno. E eles gastaram muitos séculos na tentativa de cortar tal graça pela raiz.

Ao lado do Martelo das Feiticeiras, tenho também a Bíblia. Jamais vou entender a finalidade de um livro tão importante começar por descrever a união do homem e da mulher sendo transformada num pecado tão grave, capaz de fazer não só com que o casal que o cometeu, mas toda a humanidade perdesse o paraíso! O que teria inspirado o livro do Gênesis a afirmar que a mulher se unira à serpente para seduzir o homem, ocasionando o pecado original e a perda de todas as regalias desta terra? Com certeza o paraíso se perdeu justamente porque a mágica união entre um homem e uma mulher havia sido rebaixada à condição de pecado. Porque a serpente, que em sociedades anteriores ao monoteísmo representara a sabedoria, fora rebaixada à condição de disfarce de Satanás!

Quantas coisas foram destruídas para que os donos do poder se tornassem senhores absolutos! Ao invés de cultuar os ritos da Antigüidade, talvez fosse mais fácil se as pessoas acreditassem que a vida se resumia em passar numa prova: conquistar ou perder a salvação. Era preciso escolher entre duas forças opostas, a força de Deus e as tentações ocultas do diabo. Só que quem determinava se a pessoa estava em sintonia com o bem ou o mal, eram os eclesiásticos, ou seja, os donos do poder material.

Quanto a todas as práticas de rituais antigos, cada concílio era uma devastação. Alguns rituais da Antigüidade, que com certeza não poderiam ser arrancados das almas, foram adaptados e incorporados à Missa, especialmente à Eucaristia, um ato de magia pura. Todo o resto era coisa de bruxa e ia se tornando herético. Sem falar nos protestantes que conseguiram a devastação completa! Mil e quinhentos anos depois de Cristo, aboliram todo e qualquer resquício de ritual e limpam os templos reduzindo-os à cruz, símbolo da derrota e do sofrimento de Jesus, não a sua vida de iluminado! Se a intenção era tornar as pessoas tremendamente culpadas e infelizes, conseguiram!

Entre minhas pacientes, todas se sentem culpadas. Todas elas se apresentam como mulheres independentes e não passam de um esboço de neuroses ambulantes. Posso afirmar que todas elas chegam aqui infelizes e cheias de culpa. Sentem-se culpadas por saírem de casa para trabalhar, deixando os filhos aos cuidados sabe-se lá de quem. As que ficam em casa sentem-se culpadas por não estarem fazendo nada de produtivo. Nada que lhes dê um salário no final do mês.

As casadas sentem-se culpadas por não amarem seus maridos, as divorciadas sentem-se culpadas por estarem felizes com novos namorados e a possibilidade de causarem traumas em seus filhos. Enfim, é um mar de culpa, por coisas que não deveriam sentir-se culpadas, pois desde que o mundo tornou-se civilizado, as mulheres foram colocadas distantes das decisões e do poder.

Aos poucos, utilizando diversas terapias, tento ajudar cada uma a ir deslindando as frustrações, os medos, a culpa e, muitas vezes, a alegria macabra da tragédia pessoal, o gosto por se autodestruir e punir. Com muito maior frequência do que gostaria, me vejo diante dos mesmos problemas e enfrento situações que já enfrentei anteriormente. Jamais fui uma terapeuta que fica ouvindo e dando as respostas previsíveis. Esforço-me a fim de que cada paciente tenha a solução ideal para seu problema. No começo, a maioria mostra uma melhora, algumas conseguem superar a culpa original e alcançam um pouco de felicidade. No entanto, não a mantêm por muito tempo e, sob pretextos ridículos, deixam-se mais uma vez engolir pelo desencantamento do mundo.

Para mim, querido João, cada um dos retrocessos de minhas pacientes é uma derrota pessoal. Chego a ficar deprimida. Começo a achar que sou incapaz de fazê-las progredir, já que as mesmas coisas que aconteceram no passado sempre voltam a acontecer.

Meditei muito sobre isto e cheguei à conclusão que as experiências repetidas têm uma finalidade: ensinar-nos o que ainda não aprendemos. Acredito que quando não aprendemos a lição, retornamos para viver novamente a mesma situação e tentar se sair melhor. Então é preciso, sem deixar-se afundar no desencantamento do mundo, buscar uma solução criativa!

Naquela tarde fui para a casa pensando qual seria a melhor maneira de encaminhar Pérola. Sabia que as feiticeiras eram despertadas ao entendimento e à sabedoria pelo prazer no amor. Era preciso aproveitar este canal aberto e não deixar que se perdesse.

Seu amigo Alberto está se tornando meu amigo também. Temos nos encontrado e falado por telefone. Ele disse que desde que foi ao congresso, voltou a trabalhar com muita disciplina. Afirmou que tomar conhecimento de toda a saga de minha paciente, despertou-lhe o sentimento um tanto adormecido de quão maravilhosa é a vida na Terra.

Vivendo num flat de uma grande cidade como São Paulo, é fácil perceber que uma parcela cada vez maior da humanidade se deixou envolver por um efeito óptico de jardim de inverno que nos faz esquecer quem somos e de onde viemos. Envoltos no clima de cidade grande, corremos o risco de não ver quão mágico é o mundo dos seres humanos, porque nos deixamos submergir pelas ocupações cotidianas e pelas diversões da moda. É preciso sentir em cada célula o fantástico mistério de estar vivo! Sentir o prazer banal de beber água, comer com apetite, andar, desfrutar das paisagens, do vento, do calor do sol, dormir uma noite tranqüila, sonhar.

Foram as suas palavras, unidas a toda a experiência que Pérola estava me passando que fizeram com que pela primeira vez eu conseguisse pensar sobre o nosso filho com alegria. Embora sempre tenha visto a reencarnação como um fato da vida, pela primeira vez me ocorreu que podemos ter estado juntos anteriormente e que vamos mais uma vez estar. Com certeza a missão dele nesta passagem pela Terra está cumprida. Tenho de me esforçar para encontrar uma forma criativa a fim de me sair bem no meu aprendizado! O nosso aprendizado! Nós dois, João, temos de aprender a lidar com essa perda terrível.

Após esses pensamentos, saí à varanda do flat e contemplei o pôr-do-sol. Pareceu-me justo render as últimas homenagens a este dia, já que ele me trouxera um pouco de sabedoria. Sentindo a possibilidade dos espíritos estarem juntos por diversas encarnações, estava aplicando à minha própria vida o que aprendia teoricamente com Pérola.

Acompanhei com o olhar o disco solar vermelho-amarelado até ele cair de boca para cima e rodar pelo horizonte de telhados e torres de prédios. Ocorreu-me que o sol é uma dos cem bilhões de estrelas da nossa galáxia, e nem sequer é das maiores. Mas é a nossa estrela. É a responsável por toda a vida dos planetas ao seu redor. Isto sem pensar que quanto mais os telescópios se tornam potentes, mais galáxias são descobertas e maior se torna o Universo e seu mistério.

Sabe o que eu fiz depois? Entrei, peguei a garrafa de uísque, coloquei gelo em um copo e me servi. Senti demais a sua falta, João. Era assim que fazíamos nos fins de tarde. E era entre golinhos de uísque que trocávamos idéias sobre nossos trabalhos. Naquela tarde senti que tinha muita coisa a te dizer, mas não de forma escrita. Era preciso que você estivesse comigo para que as palavras fluíssem, para que a vida voltasse a fluir.

um grande beijo,

Maria Moura

“Este é o Diabo, de quem falávamos há pouco. Jesus olhou para um, olhou para o outro, e viu que, tirando as barbas de Deus, eram como gêmeos, é certo que o Diabo parecia mais novo, menos enrugado, mas seria uma ilusão dos olhos ou um engano por ele induzido.”

José Saramago “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”

Querido João,

Gaspar se foi e Pérola seguiu com as consultas. Não diria que é um tratamento, pois ela não sofre de nenhum mal ou doença psíquica. Era uma busca tanto dela como minha. De formal havia o fato dela pagar a consulta e eu dar o melhor de mim a fim de orientá-la a continuar usando aquele canal aberto pela paixão.

Falando agora, depois que apresentei a comunicação no congresso e de perceber que a terapia seguiu por um caminho mais ou menos acertado, é fácil deitar sobre os louros. No entanto, tive de revirar todos os tratados de psicologia para que ela não perdesse o canal que lhe permitia penetrar o inconsciente e o passado da própria alma.

Além de toda a orientação que dei, ajudou demais o fato de, mesmo Gaspar tendo ido embora, ter deixado atrás de si aquele rastro de paixão que fazia com que Pérola vivesse deslumbrada à espera de seu retorno. A presença constante dele em seus pensamentos alterava a percepção do tempo, suas energias concentravam-se num futuro indefinido, nas possibilidades de reencontrá-lo. Quando se deu conta, a lua estava mais uma vez entrando na fase cheia. Embora conseguisse cada vez melhor os estados meditativos, era sob a luz mágica da lua que sua alma se abria e suas visões eram mais fortes e precisas.

Um pôr-do-sol magnífico e premonitório antecedeu o surgir da lua cheia. Pérola foi ao quintal e presenciou a lua despontando no horizonte e abarcando o mundo com seu magnetismo. Sentiu a falta física de Gaspar, mas sabia que onde ele estivesse, estaria pensando nela com o mesmo ardor. Enquanto a lua não atingia o ponto sobre sua cabeça, foi para a cozinha, preparou e serviu o jantar. Participou da conversa dos filhos e de José, sem que nenhum deles notasse qualquer diferença. Como sempre, logo que o jantar terminou, José foi para a frente da televisão e ela lavou a louça em silêncio, guardou os pratos. Cada gesto a deixava mais leve, com a mente mais clara. Os exercícios de concentração faziam seu efeito e ela conseguia afastar do pensamento os problemas diários.

Sabia que não havia uma nuvem no céu para atrapalhar o clarão da lua. A água que escorria da torneira mostrava seus reflexos. Deixando-se hipnotizar por aquela luz, sua respiração era pausada, seus passos lentos enquanto terminava de arrumar a cozinha. Sentiu no ar, com uma percepção que estava fora dela, quando José desligou a televisão e foi para o quarto. Levantou os olhos e viu a lua no alto do céu, atravessando o vidro da janela.

Com determinação, pegou a colher de pau e uma vasilha cheia de água e se dirigiu

para o quintal. Em baixo da jabuticabeira, com habilidade de veterana, passou a colher de pau sobre o círculo gravado a fogo na sua grama e ajoelhou-se dentro dele. Fechou os olhos e imediatamente viu-se diante de um clarão avermelhado. Desta vez não era fogo, mas o sol se pondo. Estava no portal de um bosque e pediu licença para penetrá-lo. No mesmo instante, o mundo ganhou vida. A brisa perpassou e unificou o lugar. Os últimos raios de sol brilhavam em cada folha. Os espíritos da terra sorriam e brincavam. Ela sentia os pés sobre um manto de capim novo que lhe trazia uma nova dimensão à alma.

Caminhou até a clareira e deparou-se com a fogueira no centro. Não sentiu medo nem terror. Ao redor do fogo havia uma festa. O céu tinha o avermelhado que o sol deixava antes de partir, e ela sentiu um estremecimento de prazer quando o vermelho foi tomando um intenso tom lilás. Os pássaros faziam a algaravia de voltar para o ninho. As pessoas giravam e batiam palmas e, com galhos secos, davam leves toques nos garrafões cheios de vinho a fim de despertar os espíritos. A alegria estava solta no espaço, integrando a beleza daquele entardecer.

Pérola olhou as pessoas em volta da fogueira e teve vontade de dançar. Em seguida, viu-se acompanhando o grupo, rodando feliz em torno do fogo. As palmas cresciam e seu ritmo tornava-se sincopado, constante, todos dançavam com os olhos fixos nas chamas. Havia uma mulher que dirigia a festa e, num determinado momento, ordenou que cantassem. Repetiu algumas vezes uma música simples, composta de duas estrofes e todos se puseram a cantar. Era um mantra conhecido, onde o importante era a vibração das palavras, a harmonia que criava no espaço da festa.

O vinho era energizado pelas mãos da sacerdotisa, transmutado em bebida divina e compartilhado por todos. As frutas que acabavam de colher eram a fartura da terra, o bom desempenho da colheita. Iriam fortalecer o corpo que saía do inverno. Diante das frutas, esquecia-se a neve e o frio e agradecia-se pelos dias que começavam a trazer sol e abundância. Harmonizados pelo som do mantra, os espíritos da terra brincavam, sorriam e conversavam com as pessoas. Dentro de cada um havia uma voz.

Pérola bebia vinho e dançava em torno das chamas. Sentia um calor gostoso por todo o corpo. À medida que repetia as palavras do mantra, batia palmas e rodava. Ela e o Universo iam se tornando a mesma coisa. Era como se vibrassem no mesmo ritmo. Percebeu que estava entrando em transe e soube que a festa começava a penetrar em território sagrado. Harmonizava-se com a natureza, pulsava no ritmo da Terra.

A sacerdotisa lançava punhados de um pó mágico no fogo, e uma fumaça cheia de perfume envolvia os presentes, unindo-os na mesma bruma. O ouvido de Pérola, treinado para escutar o próprio corpo, estava percebendo que o ritmo da festa e o som das palavras vibravam exatamente no centro do seu peito, definindo as batidas do seu coração que se perfilava com a respiração do Universo.

Já não podia precisar se era a outra mulher ou ela mesma quem comandava o ritmo. Enxergava e sentia no ar os fios de luz que saíam das pessoas e se uniam sobre a fogueira. Enrolados numa trança, os fios formavam um imenso cordão lilás que adentrava o céu.

Ela continuou dançando e cantando o mantra até que se sentiu tonta, percebeu que ia desmaiar. Sentou-se. Ouviu ou sentiu que os espíritos da terra estavam ali e vibravam num tom de felicidade lilás. Suas vozes se infiltravam em cada um dos presentes, trazendo-lhes as alegrias da primavera, mostrando o milagre da vida que renascia da terra escura. Aquele lugar sagrado mostrava que cada coisa do Universo tinha vida e que era preciso estar sempre em contato com ela. Quando se entendia sua linguagem, o mundo ia ganhando uma importância diferente.

Ela queria ouvir mais, mas a cena esfumou-se no ar. Quando o mundo voltou, Pérola estava próxima a outro fogo. Vestia roupas diferentes e sua expressão era outra. Não era muito mais velha, mas muito mais poderosa. Era noite. Estava numa festa e as pessoas rodavam ao redor de uma imensa fogueira. Os rodopios eram muito fortes, os movimentos frenéticos. Teve a certeza de que era ela a comandar o ritual.

Fosforescendo nos reflexos das labaredas, havia uma imensa estátua negra esculpida em madeira, com cornos imensos e o sexo extravagante. Ela olhou a estátua e soltou uma estridente gargalhada. Apesar de ser uma festa, havia no ar um clima de revolta, como se se preparassem para uma guerra. Regendo o ritmo, instrumentos de percussão infundiam um ódio feroz, o desejo de vingança. Rodopiando ao redor do fogo, suas energias formavam um só bloco que exalava uma cor densa.

Sem precisar de palavras para entender o espírito da festa, sabia que se preparavam para destruir um inimigo muito poderoso. Havia se cansado de esperar pelo milagre que seus senhores pregavam em nome de um Deus poderosíssimo. Havia se cansado de esperar pelas recompensas que só viriam num mundo depois da morte. Queriam a felicidade aqui nesta terra!

Tinham certeza que aquele Deus poderoso fora engendrado pelos senhores do poder terreno, era um elemental da força de seu pensamento. Só lhes restava invocar um Deus ainda mais forte para combatê-lo e arrasá-lo. Queriam a vida, a natureza, seus rituais e suas festas aqui nesta terra! O ódio embrutecia o bater das palmas, acelerando o ritmo dos instrumentos de percussão e dos corações que participavam do ritual. Fazia com que repetissem mantras de sonoridades desarmoniosas, esquisitas. Era preciso reanimar o grande Deus da natureza para acabar com o céu aliado dos carrascos ferozes. Era preciso ter a força do pensamento mais afiada que a de seus senhores e criar um elemental ainda mais poderoso!

Em nome de um Deus que iam reinventando conforme suas próprias necessidades, seus senhores exploravam os semelhantes até sugar-lhes o sangue, as energias e a vida. Engendraram mentiras do céu e realizavam o inferno nesta terra. Criavam as fogueiras e queimavam quem bem entendessem. Bastava-lhes acusar de herege ou feiticeira!

Sempre ao redor do fogo, cada vez mais próximas, munidas de todas as forças que conheciam, as pessoas invocavam seu Deus! O que dava a alegria das liberdades da natureza, a alegria selvagem de ser um mundo que se bastava a si mesmo.

A repetição do mantra junto aos instrumentos de percussão ia carregando o ar. Sem interromper a dança, formaram uma fila diante da estátua negra. Cada um beijava a traseira da estátua gritando que preferia beijar o Cu de Satã a ter de se curvar ao céu cristão! Retomando os rodopios, aos gritos, invocavam mais e mais deuses com poderes maiores para arrasarem com o domínio daquela gente que arrasava o espírito de seu povo.

Toda a comida que a terra produzia e que os senhores lhes extorquia seria enfeitada, não como sempre o fizeram, para energizar seus semelhantes, mas para tornar-lhes as carnes amolecidas e o ânimo decomposto, para transformá-los nos vermes que eram seus espíritos!

Diante das palavras, gestos e braseiros incandescentes, vapores infernais tomavam conta de tudo. A dança tornava seus corpos ensandecidos. O vinho punha-lhes o espírito alvoroçado. Atiravam-se de quatro no chão para melhor louvar a estátua negra, comiam terra afirmando ser sua hóstia. Comungavam com a natureza e não com o espírito dos senhores que lhes impunha a cruz. Num clima alucinado, entregavam o corpo como um altar de prazeres, para conseguir mais força e atrair o Deus da estátua. Caminhavam de pés descalços sobre o fogo, as roupas se chamuscando.

Apagavam o fogo das roupas com o poder do pensamento, não deixavam a pele dos pés se ferir nas brasas que pisavam.

Num determinado momento foi como se a estátua ganhasse vida. Poderoso, com seu sexo extravagante, o Deus invocado desceu do pedestal e proporcionou um prazer sobejo a cada um dos participantes que rolava pela terra e pelo fogo numa orgia exuberante. A lua, que castamente se velara por um momento, surgiu grandiosa. Enfunada de vento, de fogo, de fúria e de coisa nova, mostrou-se por um momento enorme, num excesso de plenitude e de beleza assombrou o mundo.

Ela viu-se brilhar naquela luz furiosa, abraçada a um homem idêntico à estátua, beijando-o, entregando-se num ato de amor embrutecido, rolando de prazer, comendo terra, esfregando a cara no mato. Num rescaldo de prazer, Pérola ergueu-se poderosa, os olhos faiscando. A natureza mudara. Seus olhos estavam armados de uma chama ardente. Sabia que se preparava para usar seus poderes, aguçados pelo ritual, na destruição dos inimigos.

Abriu os olhos e estava sob a jabuticabeira, deitada no chão, com a cara na grama. De sua boca escorria uma gosma com gosto de terra. Respirou fundo e foi reconhecendo seu mundo. Conseguiu se sentar, e observou a réstia de fogo correr pelo círculo que desenhara com a colher de pau.

A luz da lua clareava todo o quintal, muito calmo, sem marcas de qualquer extravagância. Seu coração ainda bombava o sangue no ritmo frenético do ritual. Ela bebeu a água com o reflexo da lua, tentando captar cada detalhe do que vira, sem fazer qualquer julgamento e evitando o pavor. Levantou-se e entrou em casa, diretamente para a sala. Acendeu as luzes para facilitar a visão e uma vela para clarear a alma. Pegou o caderno e anotou cada detalhe do que vivera. Terminada a tarefa de escrever, foi para o quarto e dormiu.

No dia seguinte, a primeira coisa que fez foi me telefonar. Sua agitação era tão grande que podia ser percebida através da linha telefônica. Solicitou um encontro urgente. Ela não me adiantara coisa alguma da visão. Eu acabava de acordar e falei que podia ir para o consultório. Iria atendê-la antes da primeira paciente.

Ao entrar, ela me olhou bem nos olhos e falou que na visão daquela noite, havia alguém com os olhos amarelos de cadela brava iguais aos meus. Então, fui eu a estremecer! Primeiro porque embora me veja todos os dias no espelho, jamais imaginei que tivesse olhos amarelos de cadela brava. E também por fazer parte daquelas memórias. Será que meu espírito estivera ao seu lado em outras encarnações?

Bem, não era hora para minhas conjecturas e eu estava curiosíssima. Antes que ligasse o gravador, ela me entregou o caderno. Li em voz alta com toda a atenção, enquanto ela continuava sentada olhando cada uma das minhas reações. Por vezes eu fazia alguma pergunta para esclarecer detalhes. Ao terminar a leitura, fechei o caderno. Estava impressionada. Estava impressionadíssima! Tomei fôlego e comecei a explicar:

As festas que vivera aconteceram na Idade Média. A primeira poderia ter sido logo nos primeiros séculos da era cristã, um sabá com resquícios das festas da Antigüidade ou festa da colheita que hoje era celebrada como o dia de Ação de Graças sem que ninguém suspeite seu verdadeiro significado. A segunda, foi quando os donos do poder já tinham bem inventada a imagem do Diabo. Era o ofício às avessas, a Missa Negra. O beijo na traseira do Diabo não deixava dúvidas. Claro que os dois rituais eram comandados pela sacerdotisa.

Na época em que foi criado, para ser implantado, o cristianismo teve de fazer algumas concessões. Da mesma forma que os africanos quando vieram para o Brasil como escravos

aproveitaram os santos católicos para suas religiões, também os cristãos para implantarem suas idéias, aproveitavam os deuses da Antigüidade. Apossaram-se da sabedoria que lhes convinha, e a pregavam como se fosse recém inventada por eles. Claro que impondo um único Deus Todo-Poderoso à sua imagem, ou à imagem do que pretendiam ser. Roma, no século IV da nossa era, descobriu a eficácia do monoteísmo na política terrena e abraçou o cristianismo. Marchou para a conquista do mundo, não mais levando as imagens harmoniosas dos deuses gregos, mas implantando a cruz!

Ao longo dos séculos, por mais que se construíssem catedrais suntuosas, o povo acudia à missa, por que debaixo dos altares de ouro roubado, seus santuários continuavam vivos. Ao longo de séculos, o povo foi se adaptando aos novos santos e adaptando suas lendas à idéia da cruz e do sofrimento. As festas foram se transformando sem perder as raízes.

Naquele tempo, o homem desceu ao fundo da desesperança e perdeu o respeito pela autoridade. A igreja, a nobreza e o rei, precisavam cada vez mais dinheiro para manter suas guerras e suas orgias desenfreadas.

O povo, camuflando a sabedoria dos ancestrais, durante séculos, em vão clamara aos céus por suas necessidades. E sua maior necessidade era se ver livre daquela farsa. Até que o céu lhes pareceu aliado dos carrascos ferozes, o próprio Deus um carrasco feroz.

Por toda a Idade Média, o povo era escravizado durante o dia sob a ordem do senhor feudal, porém durante a noite era mais fácil se reunir e instigar as revoltas.

Querido João, não suavizei o mais insignificante pormenor da Missa Negra. Era nela que a sacerdotisa usava e abusava de seus dons! Quem sabe se transformando na bruxa má. Erguia seu Satã de madeira, negro e peludo, com os cornos de Dioniso e os atributos viris de Pã e Príapo. Sem se dar conta de que os donos do poder material colocavam toda e qualquer divindade pagã sob a égide de demônio, invocavam ou criavam com a força da mente um elemental capaz de livrá-los da escravidão em que viviam. Clamavam por um espírito capaz de lhes trazer de volta a dignidade.

O ser que criavam significava a negação do Deus do poder estabelecido, agravada com o beijo e a afirmação ultrajante de que “preferiam o cu de Satã ao céu cristão!” A frase estava registrada em inúmeras confissões arrancadas sob tortura.

As sacerdotisas faziam o ofício às avessas. A Missa Negra era o ritual para que alguém com maior força do que o Deus cristão lhes trouxesse de volta a dignidade. Com a mesma força de pensamento que seus senhores usavam, criavam elementais poderosos. Claro que atraíam todos os espíritos carregados que circulavam pela área!

Pérola ouviu com muita atenção. A cada dia tinha maior curiosidade por aquela história de bruxas e feiticeiras que ela jamais escutara uma palavra a respeito e que se apresentavam em cenas intrigantes. No entanto, as visões a estavam amedrontando. Ver-se naquele ritual em que copulava freneticamente com um homem peludo e extravagante a deixara arrasada.

- Sabe, - confessou. - Apesar da curiosidade e da vontade de prosseguir na busca do passado de minha alma, não sei por quanto tempo vou conseguir suportar as visões. A de ontem me deixou apavorada e não havia como para-la. Estava completamente fora do meu comando.

- Tenho certeza de que sua alma vai ter têmpera para suportar tudo! - Mesmo sabendo a turbulência de emoções que ela vivia, eu estava encantada. Outras pacientes que conduzi em regressões, jamais penetraram coisas tão importantes e com tamanha nitidez. Minha missão era incentivá-la e ajudá-la para que não perdesse o ânimo.

- Você já se viu num tribunal sendo julgada por ter copulado com o Diabo. Já se viu

na fogueira pagando por um pecado que você não tem consciência, mas sou capaz de apostar que foi pelo crime de ter sentido o grande prazer do amor verdadeiro. No sabá, você viu que a Missa Católica sempre foi um ritual copiado dos rituais da Antigüidade, onde se comungava com o espírito do Universo.

Uma das mais simples e mais completas cerimônias da magia é a Eucaristia com suas partes: ofertório, consagração e comunhão. Consiste em tomarmos uma coisa ordinária, comum, consagrá-la, transmutando-a numa coisa divina e, então, consumi-la. Na Antigüidade, as sacerdotisas pegavam uma substância que simbolizasse a natureza, e nada melhor do que o pão e o vinho, energizavam, ou seja, colocavam na substância seus verdadeiros significados, e as pessoas consumiam. Ingeriam a substância conscientes de que estavam estabelecendo uma relação religiosa com a Natureza. A Igreja católica aperfeiçoou, transformando a relação religiosa com a Natureza em Deus! Este é um ritual de tamanha potência que até os protestantes e evangélicos, um milênio e meio depois, quando engendraram as bases da sua religião, não puderam descartá-lo. Embora haja uma discussão de séculos se o pão e o vinho se transformam ou simplesmente coexistem, o ritual se manteve. E em cada repetição da Santa Ceia, bem no fundo de cada alma, uma ressonância de rituais da Antigüidade vêm a tona!

- No sabá você percebeu como é importante saber ouvir e entender a linguagem do Universo. Na Missa Negra você soube que o ser que simboliza o mal nasceu e cresceu das palavras do poder estabelecido e foi potencializado pela força de se mentalizar uma imagem. Quando muita gente cria ao mesmo tempo uma imagem mental com muita força, cria-se um elemental. Foi desta forma que transformaram o Deus cornífero, um dos mais primitivos deuses, que representava a ternura da terra, o abraço carinhoso das matas e o canto dos pássaros, num terrível demônio!

Pérola ouvia com muita atenção.

- Você já sabe que depois das fogueiras, a mulher perdeu o sexto sentido, perdeu a capacidade de despertar pelo desejo. No mundo de hoje, o sexo se banalizou de tal forma que não tem outro sentido que o do orgasmo imediato. Sobrou a feiticeira da decadência, longe da natureza. No começo do século, envolta em bordados e bastidores, agora em escritórios, dedilhando computadores, lendo revistas e vendo filmes cheios de corpos nus, disputando beleza e habilidades para o orgasmo.

Pérola me ouviu com atenção, anotou nomes de livros que iria ler a fim de entender melhor os períodos em que vivera, mas continuava apavorada com a experiência da Missa Negra. Era preciso não deixar que abandonasse a busca pelo passado de sua alma!

Meu querido João, por hoje é só. Também eu voltei a ler alguns livros sobre a Idade Média.

um grande beijo

Maria Moura

Eu agi sempre.  
Eu agi sempre para dentro.  
Eu nunca toquei na vida.  
Nunca soube como se amava. . .  
Apenas soube como se sonhava amar.  
Fernando Pessoa - Livro do Desassossego

Querido João,

Uma supernova é uma estrela que de repente (este de repente significa algumas décadas) adquire um brilho muito intenso. O nome que lhe deram é totalmente errado, pois ela está no final da vida. Pode-se dizer que o brilho intenso é por ela estar queimando os últimos cartuchos!

O que sobra de uma estrela são os elementos pesados que por sua vez continuam girando numa espiral de fumaça e mais uma vez, depois de milhões de anos, vão formar um novo sistema. É destes restos de estrela que se refaz a vida. Jamais acreditei no acaso. O caminho das primeiras células vivas até organismos complexos como nós, humanos, talvez seja muito diferente em cada novo sistema, mas a meta é a mesma: um cérebro que possa abrigar e desenvolver almas ou espíritos. E como já mencionei, o cérebro humano é feito desta matéria fervida e refervida no final da vida de uma estrela.

Quando a gente olha o céu, não suspeita a grandiosidade do Universo e muito menos percebe a formação de novos sistemas e galáxias. Uma vida aqui na Terra é muito curta para que se possa analisar tais fenômenos. Mesmo uma vida muito longa de noventa ou cem anos é um relâmpago comparada ao tempo do Universo. Nossa vida aqui na Terra é muito curta para não ser imortal.

Desde que inaugurei meu consultório costumo lidar com as angústias humanas: o medo, a culpa, o sentimento de insegurança. Mergulhei numa vasta gama de pacientes com os mesmos problemas e me acostumei com a idéia de que não há nada de novo. O aparecimento de Pérola fez com que minha vida tomasse novo alento. Embora não fosse eu a viver as delícias do amor, sei que Gaspar, um homem com nome de rei Mago, tem o dom de fazer com que Pérola penetre um metanível e desvende a própria alma.

Talvez pelo fato de ver sua alma se desnudando, eu tenha meditado sobre a tragédia que se abateu tão repentinamente sobre nós, João. Por que nosso filho se foi? Estar no local em que está havendo um tiroteio é parte do destino, ou ele morreu por casualidade, antes da hora? Embora tenha acabado de te dizer que não acredito em acaso, tenho me feito estas perguntas nem sei quantas vezes. Por que não pudemos acabar de criar nosso filho, vê-lo ficar adulto, enfim, seguir as fases naturais da vida? Chego sempre à conclusão de que somos seres humanos e os seres humanos têm uma tendência a procurar sentido onde não há sentido. A violência que a gente vê diariamente se espalhando mais e mais pelo mundo inteiro não faz sentido. Ou talvez este seja o sentido do nosso momento aqui na terra. Sobreviver num corpo celeste superpovoado, repleto de violência e solidão.

Apesar deste prognóstico tenebroso, das pessoas não saberem o que lhes vai ocorrer no próximo minuto, continuamos a andar para a frente. Sabe por quê, João? Porque confiamos na

sabedoria do Universo. Porque temos fé na vida, nos seres divinos e na nossa própria divindade.

Mas, voltando a Pérola, em cada uma das consultas fui lhe ensinando tudo o que sei sobre relaxamento, respiração e concentração. Enfim, a disciplina necessária para penetrar no mundo invisível, a fim de que ela fosse adquirindo o hábito de atravessar a ponte e se ver do outro lado, sem sentir medo.

Para que a luz divina se manifeste, é preciso desligar-se de todos os pensamentos, aquietar a mente e conseguir o silêncio da alma. Neste estado, a primeira sensação é a percepção de que há outras vibrações ao nosso redor. Muitas pessoas já desistem aí, cheias de medo. Os que resistem à primeira prova, aos poucos, começam a identificar as vibrações, ou seja, os seres que estão ao nosso redor. Aos poucos vão desvendando o enigma da própria personalidade, e alguns vislumbres de luz da sua alma imortal. Desde o oráculo de Delfos que dizia: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses”, perpassando pelos exames de consciência que antecedem as confissões católicas e a invenção da psicanálise, a chave é mergulhar na própria alma. É dar de cara consigo mesmo! Aí estão as verdadeiras revelações! Não para confissões públicas que transformam tudo em circo, mas para atingir a centelha divina no fundo da própria alma. Então ocorre o milagre da comunicação com outros seres.

Há pouco li um livro que mostrava a conexão entre as confissões católicas e o oráculo de Delfos. A Igreja romana quis confortar os fiéis atestando-lhes o perdão divino. Em troca, exigia uma confissão explícita. Nenhuma outra igreja cristã e nenhuma outra religião atribuíram tanta importância à confissão detalhada e repetida dos pecados. A lucidez sobre a própria personalidade é um elemento muito positivo para a saúde psíquica. Entre o “conhece-te a ti mesmo” do oráculo de Delfos e o sofá de Freud existiu a contribuição enorme da confissão tal como foi vivenciada no catolicismo. Ou seja, precedida de um profundo exame de consciência.

Você vê, João, que a mesma organização que arrasou tanta coisa na busca do poder absoluto, também soube aproveitar a tradição do oráculo de Delfos e manter as pessoas fazendo um profundo exame de consciência para alcançar o perdão divino e claro, o próprio perdão. As tradições vão sempre se reaproveitando.

Como já falei, a chave é mergulhar na própria alma, no inconsciente. Pérola teve a ajuda de uma paixão que agiu sobre todo o seu ser e vai lhe desvendando o passado. Foi como se ela estivesse passeando calmamente pelas ruas e, de repente, ao invés de dar de cara com um extraterrestre, desse de cara consigo mesma. No entanto, a sensação de pasmo e deslumbramento era a de ter encontrado um extraterrestre. O susto foi tão grande que ela veio me pedir ajuda. E eu tinha consciência de que era preciso ser muito sábia para ajudá-la a entender que estava dando de cara consigo mesma, ao mesmo tempo em que era ajudada a descobrir um vislumbre desse grande mistério que é a vida. Por ínfimas que fossem as revelações, seria através delas que poderíamos chegar a um bálsamo para melhorar o futuro de tantas almas mergulhadas no desencantamento do mundo.

Quando falei, Pérola achou engraçadíssima a idéia de ter dado de cara com um extraterrestre e este extraterrestre ser ela mesma. Percebeu o quanto era desconhecida de si mesma. Aquelas visões lhe pareciam revelações de uma extraterrestre e, com certeza, sua alma vinha de outro mundo! Com a curiosidade aumentando a cada dia, dedicava-se com empenho aos exercícios respiratórios e de concentração. Embora fizesse tudo com muita disciplina, demorou vários dias até que conseguiu a primeira imagem longe do círculo sob a lua cheia. Era uma fogueira. Ao ver a primeira labareda, estremeceu. Teve de fazer um grande esforço para vencer o medo e a vontade de

parar.

No entanto, era como se houvesse uma voz a lhe dizer que era preciso continuar. Voltou a respirar com ritmo, tentando relaxar. Viu *flashes* muito rápidos de situações em meio ao fogo e abriu os olhos com a sensação de pavor. Não conseguia ir mais adiante. O medo das labaredas a bloqueava. Retornou ao consultório muito desanimada.

Ao ouvi-la senti que o bloqueio era forte. Tentei animá-la mostrando-lhe que conseguira em tempo muito curto ter uma visão. Mas Pérola sentia-se apavorada diante do fogo. Se realmente vivera aquelas cenas sempre envoltas em labaredas escaldantes, não queria repeti-las. Saiu da Missa Negra extenuada. Embora seu corpo estivesse intacto e mais saudável do que nunca, sentira nitidamente a sensação de ter dançado e estrebuchado como uma ensandecida ao redor do fogo, sem falar na visão anterior, onde sentiu o corpo vivo arder nas piras da Inquisição!

Tentei fazer com que se concentrasse no sabá, um ritual em volta do fogo, com estrutura de festa. Mas Pérola me fez ver que não era uma questão de querer. Sua vontade era seguir em frente, mas diante das labaredas, não conseguia.

Com outras pacientes com medos e bloqueios impenetráveis, eu utilizava o método de hipnose. Acho muito eficaz e resolvi tentar. Queria que Pérola atingisse o ponto aonde estava o medo do fogo e o bloqueio, a fim de que pudesse desmanchá-lo.

Ela deixou-se hipnotisar sem problema, mas não chegou ao medo do fogo. Chegou às mesquinhas desta vida. Os pequenos erros que eram vistos por sua mãe e depois por seu marido, ou pelos dois ao mesmo tempo.

É incrível como o martelar constante e diário de influências corrosivas, como as críticas mordazes, podem causar traumas psicológicos ainda maiores do que um único fato traumático. Essas influências danosas, porque se misturam no cenário cotidiano de nossas vidas, são ainda mais difíceis de exorcizar.

Em todas as consultas em que tentamos a hipnose, ela não foi além desta vida. Talvez precisasse exorcizar dores difíceis de serem captadas para depois seguir. Na sua vida de casada, seu marido incorporara-se à figura da mãe, do pai, da ordem, do não poder se exceder. Do não poder fazer nada que realmente lhe desse prazer. Com certeza isto a mantinha fragilizada.

Fora da hipnose, Pérola confessou que tanto seu marido, como sua mãe, viviam a criticar-lhe os erros. No começo, sentia-se atordoada, com fortes depressões. Com o correr dos anos, aprendera a conviver com a situação. Já sabia que em tudo o que fazia, eles encontravam um ponto que era passível de crítica. Então, ela mesma tentava adivinhar qual seria.

- Se José sempre viveu a criticar seus erros e não lhe dá prazer, não fez outra coisa na vida que lhe sugar as energias! Quero que você me explique como sobreviveu com um homem assim por mais de vinte anos! - Eu estava curiosa.

- Nem sei. Não queria decepcionar as pessoas à minha volta...

- E o prazer, o sexo?

Pérola corou, esfregou as mãos. Seus olhos se extraviaram pelas paredes. Fechei os olhos e esperei pela resposta tentando passar a ela uma energia que lhe desse a coragem para falar.

- Eu... eu me masturbo, - ela balbuciou, corando até à raiz dos cabelos.

Não posso negar que não cansava de me surpreender.

- Você se imagina fazendo amor com homens conhecidos ou com atores de novela ou de filme? - Segui com as perguntas, afinal era preciso chegar até o fundo da questão.

Ela balançou negativamente a cabeça.

- Com personagens inventados. Destes que não se conhece a imagem, cujo o físico é pura imaginação. - Ela sorriu, seu peito vibrou. - Talvez a figura sempre presente tenha sido Gaspar!

Por fim, Pérola confessou estar surpresa com as revelações que ela mesma fazia. No fundo da alma, sempre soube que nas relações com seu marido não sentia prazer, mas fingia com tanto empenho que acabava por acreditar. Além do mais, achava que o prazer era reservado aos artistas de cinema e de novelas de televisão. Foi preciso a hipnose para que tudo aquilo lhe viesse à mente e confessasse para si mesma! Com um profundo suspiro, chegou à conclusão de que o grande mistério era ela, era cada ser humano desconhecido de si mesmo, que caminhava com sua absurda imponência sobre o globo terrestre!

Depois de tantas revelações, falei muito sobre o amor. Não como uma terapeuta diante da paciente, mas como uma mulher diante da outra.

Disse a ela que nosso modo de amar, tende a refletir as experiências da infância: o egoísmo jamais resolvido e a guerra de egos. Nessa época em que vivemos, cheia de fragmentações e obsessões, com o computador e a realidade virtual, é um tempo em que o amor tende a ser mais sensorial do que sensual, mais masturbatório do que carnal e mais imaginado do que vivido. Nestes termos, ela é moderníssima!

Ocorreu-me que talvez o amor, visto como um simples orgasmo, fosse na maioria das vezes virtual. Mesmo na presença do parceiro, cada um estava fundamentalmente na própria fantasia. Com tanta propaganda e atos sexuais mostrados ao vivo nas telas, quando se estava com um parceiro, o importante era tentar fazer com que a fantasia funcionasse o mais próximo possível do real!

- Hoje as pessoas podem manter um caso pelo e-mail, e só o que funciona é a imaginação. A maioria das vezes nem se sabe como é a cara do parceiro!

- Nesse caso eu sou muito moderna! - Ela repetiu.

Embora a expressão de Pérola fosse tranqüila e relaxada, como se a tivessem livrado de um peso, sua alma vivera um turbilhão de emoções. As revelações daquela tarde haviam sido fortíssimas, talvez mais fortes do que as visões com as fogueiras escaldantes.

Fiquei aliviada quando ela se foi pois eu também precisava digerir tudo o que ouvira.

Ela fechou a porta e eu peguei a carta do tarô, a sacerdotisa. Olhar aquela figura tão intrigante sempre me trazia a imagem de Pérola, mas naquela tarde, foi como se a figura me hipnotizasse. Sem que pensasse no que estava fazendo fui para nossa casa, João. O plantonista já havia saído e eu fiquei lá, andando pelos cômodos vazios. Então fui eu a ter visões. Não de outras vidas, mas da nossa vida. Na penumbra do entardecer pude rever muitos dos momentos vividos por nós e nosso filho. Foi como se andando na nossa casa, eu estivesse hipnotizada e pudesse não viver, mas possuir cada momento vivido, ligar a consciência a eles e então não propriamente entender, mas sentir que cada um daqueles momentos eram a vida. Senti tudo aquilo como uma forma luminosa se debatendo dentro do meu ser e já não havia tempo ou espaço para trazer tudo de volta, mas havia a certeza de que estava viva e que também eu era uma desconhecida de mim mesma.

Meu querido João, senti a falta de nosso filho, mas senti especialmente a sua falta. Deus do céu como senti falta da sua presença física, de você vivo ao meu lado. Dos seus carinhos, dos nossos carinhos!

Retornei ao meu flat e senti o quanto ele é frio e vazio. Talvez para não me entregar a uma crise de melancolia voltei a pensar em Pérola. Afinal foi a partir da sua entrada no meu mundo que encontrei diferentes formas de ver a vida.

Há algumas décadas a liberação sexual ocorreu e ela não precisava agüentar um homem que não lhe dava prazer! No entanto, fora bem clara ao afirmar que, até encontrar Gaspar, jamais vira outro homem que lhe revolucionasse as emoções! Até isso ocorrer, bastava-lhe um marido a quem dedicar ternura e amizade.

Precisamos repensar a tal liberação sexual. Com certeza posso afirmar que o feminismo inteligente e provocante dos anos 60 se perdeu no estilo vazio da cultura contemporânea, nas bundas e peitos de silicone. Ou seja, o corpo como requisito máximo, não a personalidade ou a pessoa em si. Quando tudo começou, quem primeiro se aproveitou da idéia foi a política, especialmente o pessoal da esquerda que era oposição: o corpo contra o poder. As extravagâncias de aparecer nu, o sexo livre era uma afronta ao poder estabelecido. A indústria descobriu que o corpo, antes de uma potência revolucionária, tinha um enorme potencial de mercado. O corpo virou uma coisa autônoma, um objeto a se manipular e a se adequar especialmente à cultura do narcisismo. Claro que favorecendo a guerra dos egos e dificultando as verdadeiras uniões. E o sexo, longe de ser a consumação do amor, passou a ser mais um esporte, uma atividade que precisa de treino para um bom desempenho. Isto sem falar na medicina que seguiu a linha de impor a boa saúde, não como um componente do bem estar, mas como um dever ético. É preciso manter em constante vigilância cada órgão! Tornou-se uma vergonha não estar com todos os níveis dos componentes sanguíneos dentro dos padrões estabelecidos sabe-se lá por quem. A velhice e a gulodice viraram pecados mortais! A necessidade moral de se manter em forma, com academias, dietas extravagantes, cirurgias plásticas, hábitos excêntricos e pílulas para tudo, conforta cada um de sua prudente distância dos outros!

Devido a uma desconhecida razão, a humanidade tenta impor a seus semelhantes um vazio de precipício sem fundo. Por sorte Eros ainda sobrevoa o mundo sem que as pessoas percebam e lança sua flecha, independente de nossa vontade.

Uma paixão verdadeira, é uma experiência com potencial para desvendar todos os enigmas de uma vida. No entanto, tanto pode trazer o potencial criativo como o impulso destrutivo. Ao se apaixonar por José, Pérola deparou-se com a falta de prazer. Seria uma experiência repetida de outra vida em que enfiara um espinho de porco no coração de um boneco? Será que naquela época se masturbava sobre a relva idealizando com tanta força o parceiro, que o marido e os inquisidores eram capazes de ver a imagem sonhada por ela? No “Martelo das Feiticeiras” os teólogos afirmam que as mulheres copulavam com demônios e que, terminado o ato, eles saíam de cima delas e se esfumavam numa imagem semelhante à de um homem! Seria isso um verdadeiro elemental criado pela força do pensamento? Será que nesta vida, passados alguns séculos, ela se masturbava com os mesmos elementais?

Meu querido João, que seria deste mundo sem o amor? Sem a flecha de Eros, o mundo não seria o mesmo. Os alquimistas diriam que sem o fogo divino da paixão, o espírito de ouro do homem permaneceria encerrado no chumbo frio da carne.

Hoje escrevi demais. Fui escrevendo tudo o que me deu na cabeça. A final este não é um texto acabado de um escritor como seu amigo Alberto. Num texto virtual a gente pode arriscar tudo!

um beijo muito carinhoso,

Maria Moura



“A profunda alegria do coração é como uma bússola a indicar o caminho da vida. É preciso segui-la, mesmo que se entre numa trilha repleta de dificuldades.”

Madre Teresa

Querido João,

Como venho afirmando em cada parte do meu relato, a experiência com as visões de Pérola tem me ajudado a entender ou aceitar melhor os fios que conduzem a vida. Agora que escrevo, penso na coincidência que levou você ao congresso. Que fio do destino se mexeu e fez com que seu amigo Alberto insistisse e convencesse você a ir?

Tenho falado por telefone com Alberto. Ele tem tamanho interesse no caso de Pérola que chega a me assustar! Afirma que penetrar a memória do mundo o deixa mais confiante em não ser somente uma máquina bioquímica baseada em proteínas e elementos químicos. Também o fato de ter conhecido Pérola, fez com que tivesse certeza de que ele e sua esposa Tânia já estiveram juntos muitas vezes e vão estar novamente. Ele não entende o por quê de nós dois sofrermos separados. Bem, este é um assunto para discutirmos.

Com a história de Pérola, reforçou-se nele a idéia de se ter uma alma imortal e reaproveitável. Achei interessante o termo reaproveitável. Ele afirmou que no pingo d'água que são os dez mil anos que temos de História no nosso planeta, a energia da alma passar por diversas experiências talvez seja realmente um aprendizado para futuras incursões em sistemas que não temos nem noção do que sejam. É muito difícil para seres humanos compreenderem essa coisa de existir sempre. Com certeza temos um contrato com Deus de que assim é e sempre será da eternidade até a eternidade. Talvez você e Alberto também divaguem sobre esses assuntos enquanto escrevem os artigos sobre economia! Afinal ela é e sempre será um estudo sobre como os donos do poder vão conseguir a fórmula para gastar mais do que conseguem arrecadar com os tantos impostos que criam! Uma das coisas que mais sinto falta na nossa separação é justamente o fato de não ter com quem falar sobre o que estou fazendo, enfim, comentar minha vida, a racionalização de minhas atividades. Acho que é isso que me leva a escrever tanto.

Bem, mas retomemos o nosso caso. Como falei, Pérola também tem seus bloqueios. Além do medo do fogo, há a falta de apoio na sua casa. Ela não contou a ninguém sobre as visões. Aliás, para o marido concordo que seria arriscado. Em sua família não pode mencionar nada do que vivência. Se tivesse de esconder um relacionamento proibido, não seria tão complicado e frustrante.

Nas nossas consultas, concordou ser uma Bela Adormecida que despertava depois de cem anos e descobria novos significados para a própria vida. Sabe também que o corpo e a mente que percebemos nesta vida é apenas um fragmento do espírito pleno, e que somos desconhecidos de nós mesmos!

Suas experiências, quando ditas no consultório fazem sentido. No entanto, quando volta para casa e mais uma vez se depara com obrigações enfadonhas, todos esperando dela cada detalhe do dia, a comida, a roupa, a casa limpa, e ainda reclamando das pequenas falhas, sente-se num conflito alucinante. Sem falar nas dificuldades em encontrar tempo para a concentração e a

meditação.

Havia dias que queria fugir de tudo aquilo e se atirar nos serviços domésticos, arrumar todos os armários da casa, lavar os banheiros, esfregar a cozinha e se deixar envolver pelos aborrecimentos. Fazer bolos e doces, sobremesas e pratos especiais e depois comer tudo até o embotamento dos sentidos. Chegou a confessar que diversas vezes tivera vontade de esquecer sua vida desde o encontro com Gaspar, rasgar o caderno de anotações e voltar a ser o que sempre fora: uma simples governanta do lar. Afirmou que mulheres escolhiam aquele destino por ser muito mais fácil. Não precisava pensar, era só se deixar levar pelas obrigações cotidianas!

Nas consultas em que ela era acometida deste tipo de depressão, deixava que falasse tudo o que ia pela alma. Por vezes até incentivei-a a continuar. Era preciso que superasse os estragos das críticas mordazes, o dia-a-dia de mortificação num mundo aparentemente feliz. Era preciso fazer com que ultrapassasse a corrosão da alma, trazendo-a de volta às delícias do sonho de amor.

- Ninguém tem a graça de penetrar o mundo interior e abandonar a busca, - argumentei. Sabia que a superação de obstáculos e dificuldades aceleravam o progresso espiritual. E eram as almas mais fortes que escolhiam carregar os fardos mais pesados.

- Antes de vir a essa vida, você deve ter escolhido passar por estas provas! - Nem sei quantos argumentos usei para fazê-la compreender que embora o seu dia-a-dia continuasse fazendo os estragos de sempre, a grande transformação estava ocorrendo dentro da sua alma!

- Quantas pessoas vêm a mim ou a outros especialistas tentando uma regressão e não conseguem. Quantos se chegam a falsos especialistas que lhes contam a história de César, Cleópatra ou Napoleão e eles acreditam que foram figuras importantes. O que pode até fazer bem para o ego, mas não esclarece coisa alguma. No seu caso não foi você quem tomou a decisão. Mesmo que você não tivesse tido coragem de mudar nada, a vida o fez por você!

Foi ao mencionar que a vida mudava as coisas por nós que sem perceber toquei num assunto muito dolorido. Falei nas tantas mães que estão exatamente como ela, cozinhando e zelando pelo bem da família, vivendo a vida pelas novelas e romances ou através da realização dos filhos e marido e de repente chega-lhes uma notícia de que um deles foi baleado por alguém que queria lhe roubar o relógio ou o carro! De uma forma muito mais drástica, através da tragédia e não do amor, a vida se transforma. A partir de uma tremenda chacoalhada a pessoa tem de decidir: afundar na tristeza ou enfrentar o mundo?

Ao mencionar este assunto, percebi que ficáramos tão amigas que eu já começava a falar do nosso filho morto, enfim da desgraça que se abatera sobre nossas vidas e que me colocou no conflito: afundar na tristeza ou enfrentar a realidade? Então fui eu a confessar a ela que ao pensar em nosso filho, na perda, custei a compreender que eu temia o sofrimento. Quando tudo ocorreu, achei que para não sofrer, era preciso cortar os laços com o exterior, me fechar sobre mim mesma. Todo o caso de Pérola me fez ver que não se pode viver pensando que para não enxergar as coisas ruins da vida é preciso furar os olhos. Depois destas conversas, confesso que comecei a fazer com regularidade os exercícios que ensinava a ela. Eles tem me ajudado a enfrentar melhor minha dor, nossa dor, meu querido João!

Numa das tardes em que Pérola estava realmente desanimada, abri a gaveta e peguei meu cristal mais bonito: a ametista. Coloquei-a sobre a escrivaninha e pedi que a observasse, que a pegasse, a tocasse, colocasse sobre cada um dos chacras. Respirasse fundo, tentasse visualizar a pedra e tentasse se ver dentro dela, deslizando por seus veios.

Percebi que ela começou a se descontraír. Quando a vi menos tensa, realmente

interessada no meu cristal, mencionei que a matéria nada mais era do que um determinado padrão de energia que ganha aparência de solidez! Claro que ela arregalou os olhos surpresos. Aquela idéia lhe pareceu tremendamente absurda. Pegou novamente a pedra e observou-a com mais vagar.

- Você sabe que ela é feita de átomos que por sua vez são compostos de prótons, nêutrons e elétrons, e talvez alguns outros elementos ainda não descobertos e que todos eles estão num movimento constante?

Pérola bateu levemente a pedra na mesa para constatar a solidez e pela primeira vez sorriu.

- Casei muito cedo e não tive tempo para estudar. Quando meus filhos estavam no colegial, ajudava nas lições de casa e eles estudaram física, mas jamais pensei a coisa desta forma.

- Não sou uma cientista, mas sei que a física tem avançado em terrenos desconhecidos. Até bem pouco tempo, acreditava-se que o universo funcionava de uma maneira previsível. No entanto, todo o trabalho da vida de Einstein foi mostrar que o que percebemos como matéria sólida é, em sua maior parte, espaço vazio percorrido por um padrão de energia. Isto inclui o homem. E o que a física quântica revelou é que quando observamos esses padrões de energia em níveis cada vez menores, podemos ver resultados surpreendentes. As experiências demonstram que quando se fragmentam pequenos componentes dessa energia e tentamos observar como funcionam, o próprio ato da observação altera os resultados, como se essas partículas fossem influenciadas pelo que o cientista pensa. O material básico do universo, no seu âmago, parece uma espécie de energia pura maleável à intenção e expectativa do pensamento. Neste despertar de milênio, os físicos estão se transformando em místicos, para confirmar o que os místicos dos primórdios da humanidade sabiam intuitivamente.

- Quando se é dona-de-casa, não se tem idéia de quem é o presidente ou o governador, quanto mais saber sobre física e partículas conscientes! Eu precisaria de anos de estudo para entender essas coisas!

- Não se preocupe demais. Não são as explicações que nos levam em frente. É a nossa vontade de continuar! Muitas vezes, quando as coisas começam a acontecer e o caminho se revela para nós, temos medo de seguir adiante.

Ao falar isso, claro que pensei nos padres e pastores que fazem aquele sermão na base do faça o que eu falo não o que eu faço. Eu, que estudei psicologia alguns anos, trabalho na área e continuo estudando, não consegui aceitar a morte do nosso filho. Tentei furar os olhos para não ver ou não sentir a dor de viver tal tragédia.

Disse a ela que a reencarnação é um fato, mas não acredito que a gente volte à terra para pagar pecados de outras vidas. Se fosse assim, a alma, doutrinada num exercício de séculos, atingiria a perfeição da tolerância. Acredito que a cada nascimento, nosso ser tem de se adaptar às circunstâncias do universo naquele instante. Nosso planeta vai mudando de vibração e é preciso sair-se bem, reagir bem a cada momento histórico. Assim como nos jogos de azar os números pares e ímpares tendem ao equilíbrio, assim também se anulam e se corrigem o talento e a estupidez. Na nossa época é preciso viver sem amor, na desagregação total dos sentimentos: o contraponto da solidão num planeta superpovoado. E no meio disso tudo, Pérola viveu um amor mágico e não queria acreditar nele! Estava com medo de seguir aonde ele a estava levando!

Ao escrever sobre ela, comparo as situações. Ela não sabia lidar com aquele amor tão real. Eu me desagregara diante da morte. No entanto ao ajudá-la a lidar com as revelações do amor, eu estava entendendo e aceitando melhor a morte. Não há dúvidas de que o amor é o agente das

grandes transformações. Foi ele quem despertou Pérola para uma outra realidade e a estava levando a uma viagem pelo âmago da alma. Estou indo no embalo! Diz que quando Deus dá uma graça e a gente não sabe aproveitá-la, ela vira maldição. Nós duas temos de mergulhar na graça que Ele nos está proporcionando!

Naquele dia, depois de toda a minha preleção, nem sei se para ela ou para mim mesma, ela me olhou e afirmou:

- Talvez a força do seu pensamento esteja pondo minhas energias em movimento.

Fiquei surpresa que ela tivesse prestado atenção e especialmente compreendido o que falei. Em seguida, num gesto desconhecido, pois tenho imenso ciúme de minhas coisas, dei a ela a ametista.

- Quando você desanimar, pegue a pedra, sinta sua energia entrando em cada um dos seus chacras e lembre-se de tudo o que falamos. Relaxe e faça os exercícios. Siga a viagem mágica pela própria alma. Nós vamos descobrir muitas coisas.

Antes de sair, Pérola mais uma vez falou que suas partículas de energia haviam recebido uma mensagem da força do meu pensamento. Sorriu com confiança ao afirmar que continuaria com os exercícios.

Pérola se foi e senti uma pontada de remorso. Estaria forçando demais aquela mulher? Mas em seguida pensei que Deus jamais dava tarefas que sabia que um filho não agüentaria. E fora Ele a permitir o beijo mágico e a paixão que a pusera naquele caminho! Minha missão era iluminar um pouco mais a trilha para não deixar que se apagasse.

Talvez pela influência da ametista, ou do meu pensamento, ou sua curiosidade em desvendar a própria alma, ou quem sabe tudo junto. O fato é que, mesmo que sua família não tivesse o menor interesse pelo que fazia, mesmo que tivesse de fazer meditação como se praticasse um ato pecaminoso, ela jamais parou com os exercícios. Queria decifrar por que aquelas lembranças lhe chegavam, qual o significado. Afinal, quem era? De que eras longínquas vinha sua alma para que vivesse tantos eventos ao redor do fogo e chegasse na atualidade a uma vida tão insípida.

Com a ametista no coração, teve a certeza de que a cada nascimento o ser humano revivia toda a história do mundo e tinha de se adaptar às circunstâncias do universo, às vibrações do planeta. Percebeu que nossa alma não retornava à condição humana para pagar pecados, mas para aperfeiçoar alguma coisa, para aprender lições e saber sair-se cada vez melhor nas diversas situações.

Bem, vou te contar o pior, João, ou quem sabe o melhor! Depois de todo o meu empenho, ensinando-lhe as diversas técnicas, dando-lhe a minha ametista mais bonita, sabe o que foi a consulta seguinte? Gaspar telefonou e todos os bloqueios desapareceram como que por obra de magia!

Assim que Pérola entrou no consultório vi seus olhos boiando numa poça de luminosidade. Confesso que cheguei a ficar enciumada. Afinal era eu a fazer tanto por suas energias e bastava um telefonema de Gaspar para que desbloqueasse o medo do fogo, e seu ânimo retornasse com força total!

Ela narrou o telefonema como se fosse uma adolescente. Era como se a vibração que vinha de Gaspar valesse mais do que anos de meditação e exercícios de concentração! O beijo daquele homem despertara Pérola e a promessa de um novo encontro projetava-a de volta à vida. Fez os exercícios de meditação com o desejo de conhecer a própria alma. Mais uma vez Pérola visualizou o fogo e, claro, continuou sem bloqueio algum.

Não era o fogo para castigá-la, mas para trazer-lhe calor, felicidade. Via-se solitária, em baixo de uma árvore frondosa. Um vulto aproximou-se. Era uma camponesa assustada. Seus olhares se encontraram. A camponesa tirou a imensa mantilha na qual viera envolta. As duas se cumprimentaram como velhas conhecidas, seguraram-se as mãos.

- Se sabem que estou aqui, me matam! - A respiração da camponesa se acalmou.

- Ninguém vai saber. - Pérola tranquilizou-a.

Esfregando as mãos, tímida, a camponesa pediu-lhe que a fizesse bela para ser amada pelo cavaleiro. Ele era tão soberbo sobre seu cavalo e mal a olhava. Sonhava com ele todas as noites e sabia que um dia viria a ela. Havia uma voz muito nítida a lhe afirmar. Ela confiava na voz, mas queria apressar um pouco o destino. Queria uma poção que pudesse colocar em sua taça de vinho e fazer com que ele se voltasse para ela com o amor que também estava no coração dele. Não podia fazer esse pedido à Virgem da igreja. Uma virgem não poderia entender suas aflições, era preciso a proteção de uma deusa poderosa. A deusa que reinava na floresta.

Pérola ouviu. Em seguida jogou algumas ervas no fogo e, enquanto as salamandras se erguiam e tornavam-se poderosas, executou um ritual. Era um ritual não para que o fogo destruísse, mas para que esquentasse o coração do cavaleiro. Ao entregar um frasco cheio da poção para a camponesa falou:

- Você veio a mim e eu transmiti seu pedido à deusa, mas pode ir à igreja cristã e rezar à Virgem, à Nossa Senhora.

A camponesa olhou-a assustada, e ela explicou:

- Os cristãos a tomaram de nós. Ela representa as grandes sacerdotisas da natureza. Quando você se dirigir a ela, não pense em sua virgindade, criada pelos homens. Pense nos poderes da grande senhora da natureza, da mulher que gerou em suas entranhas a semente de Deus. Os homens que engendraram um único Deus todo-poderoso, à sua imagem e semelhança, e com capacidade para dominar todo o mundo conhecido, quiseram nos impor somente figuras masculinas. Quando viram que sua igreja não resistiria, fizeram a concessão à Virgem. Repare no seu manto de deusa, o cetro do poder em sua mão direita, a auréola de luz em volta da cabeça. Exatamente como nossas sacerdotisas!

A camponesa fez um ar meio incrédulo, agradeceu e se foi. Pérola retomou o ritual. No final, sentou-se no chão. Pouco a pouco, seres minúsculos apareceram ao redor da árvore. Eles sorriam e brincavam, bebiam golinhas de orvalho, deslizavam pelas folhas.

Recostada na raiz do grande carvalho, Pérola sabia que por minúsculas que fossem, as fadinhas tinham coração, tinham necessidade de ser amadas. Gostavam de conversar, contar suas proezas. Eram cheias de fantasias. Algumas eram caprichosas, mal-humoradas. A linda rainha havia mandado fazer uma carruagem de casca de noz. Estava ali, exibindo-a com orgulho.

Pérola colocou pratinhos com doces sob as plantas e elas se fartaram, agradeceram. Ela voltou-se para o céu muito azul e agradeceu pela paz alegre perto do grande carvalho, sentindo a vibração dos elementais, vendo-os, conversando com eles. Mesmo perto do fogo, vivia um êxtase de felicidade. Em seguida, a visão se dissipou.

Dias depois, mais uma vez conseguiu uma visão que começava ao lado do fogo. Era um braseiro que aquecia sua cabana no meio da floresta. Viu-se sozinha, fiando, cozinhando, sonhando, enquanto o marido estava na floresta.

A cabana era miserável, úmida, mal vedada. O vento do inverno assobiava. Nos cantos obscuros ela aninhava seus sonhos. Havia a roca, a cama, o baú, o fogo. Tudo seu! A mesa, o

banco, dois tamboretas.

Ela pressentiu alguém se aproximando e colocou objetos dentro de uma sacola. Quando um rapazinho bateu na porta, saiu às pressas. Os dois correram pela floresta, afastando galhos até que chegaram a uma cabana pobre como a dela. O rapaz abriu a porta e ela entrou. Havia outras pessoas. Sobre a cama paupérrima a parturiente suava, gemia de dor. Ela alisou-lhe os cabelos, fez com que engolisse a poção que trazia, deu ordens para as outras. Era preciso ativar o fogo, esquentar água.

A luta pela vida tornava-se feroz. O vento assobiava, o fogo crepitava e a parturiente gemia, até que finalmente a cabeça da criança apareceu e ela puxou o resto. A menina respirou o primeiro ar e ela colocou-a sobre a mãe que se esquecia do sofrimento e sorria para o mundo. Mais um tanto de labuta e terminaram o parto.

Pérola sentou-se numa cadeira ao lado do fogo da lareira com a menina enfaixada no colo e se concentrou. Antes que tomasse o primeiro colostro do peito da mãe, mesmo sem abrir os olhos, a menina pressentiu as fadinhas que das asas de um pássaro azul, desciam pela chaminé e revoavam ao seu redor. Pérola sabia que estavam traçando um destino, conferindo-lhe o dom. Conhecendo-as e sabendo que eram caprichosas, elogiou-lhes as mãos de fadas e pediu-lhes que tecessem coisas maravilhosas naquele destino que despontava. As fadinhas reuniram-se em confabulações, sobrevoaram a criança envolvendo-a no brilho de seus minúsculos corpos, e a visão se foi.

Numa outra concentração, Pérola viu-se novamente numa cabana bastante rústica. Já era noite. O marido estava lá, havia ativado o fogo. Estava muito agradável lá dentro. Ela preparou a comida. Os dois comeram.

Após o jantar ela anunciou que precisava sair. A resposta do marido foi uma frase autoritária, acompanhada de um olhar cortante:

- Não pode!

Ela tentou demovê-lo, mas ele a proibiu com o argumento que aquela maluquice de acalentar os espíritos da floresta ia acabar mal! Ela não lhe respeitou a proibição. Saiu.

No alto da montanha havia o castelo negro e ameaçador. Na própria casa, seu homem tinha medo que o padre os renegasse por ela estar envolvida com os velhos espíritos da região. No entanto, não podia abandonar os amigos. Carregou uma madeira em brasa até o grande carvalho. Sabia que os espíritos moravam no coração dos carvalhos e não estavam isentos de aflições, sofriam no inverno. Gostavam demais do calor. Como fazia todas as noites, chamou-os, levou-lhes o calor, alguns doces. A voz deles lhe dizia que arriscava muito, que o mundo estava tomando um rumo desconhecido. O padre havia estado diversas vezes por lá com sua água benta e sua cruz para expulsá-los. Tais artificios não faziam efeito algum sobre eles que continuavam ali.

Ao retornar, encontrou o marido furioso, ameaçando-a com uma surra e, pior, afirmando que mais uma desobediência e iria denunciá-la à igreja. Pela primeira vez, via em seus olhos um lume diferente. Sabia que ele cumpriria a ameaça. Sabia que se ele a denunciasse, iriam queimá-la ou enforcá-la.

Ao entardecer, mais uma vez teve a visão de uma fogueira acesa. Estava com roupas diferentes, muito tempo se passara, mas ainda existia o velho carvalho. Um ritual havia se interrompido. Havia um silêncio opressivo no ar, e ela sabia que não era em respeito aos clérigos que se aproximavam, mas medo do que poderia acontecer.

Foi então que ocorreu o inacreditável. Obedecendo a um bando de clérigos, alguns

lenhadores cheios de fúria atacaram a velha árvore. Ao ver o carvalho desabar a machadadas, Pérola viu-se tomada por um estranho poder. Atirou-se ao chão. Rolando em convulsões, comia terra, arranhava as unhas nas pedras, engrolava a língua em improperios.

- Endemoninhada! - ela ouviu e em seguida amarraram uma corda em seu pescoço e a enforcaram numa árvore próxima. Ela nem sentiu dor. Foi um sufoco medonho e viu-se sobre a cena.

Ao mesmo tempo em que contemplava o próprio corpo numa dança sinistra, ainda estertorando no sufoco de estar pendurada na corda, soube que naquele lugar sagrado, sobre o espírito da grande árvore, construiriam uma catedral dedicada à Virgem, à Notre Dame.

Querido João, as visões de minha paciente são maravilhosas, nos mostram detalhes das transformações pelas quais o mundo vem passando. Acho até que me empolguei e escrevi demais. O que venho fazendo em cada e-mail!

Aí vai um beijo muito especial, deslizando das asas de uma borboleta azul!

Maria Moura

“ Acima da verdade estão os deuses.  
A nossa ciência é uma falhada cópia  
Da certeza com que eles  
Sabem que há o Universo”  
Fernando Pessoa

Meu querido João,

Os telefonemas de Gaspar eram muitos, e foram se tornando parte da rotina de Pérola. No começo a emoção era muito grande e ela se perdia em êxtases. Mas com o correr do tempo, ela foi se convencendo de que suas almas se conheciam há muitas gerações. O que atiçava-lhe a curiosidade e incentivava-a a buscar novas maneiras de penetrar a memória do mundo. Logo percebeu que a melhor forma eram os exercícios de concentração e meditação.

As visões vinham em *flashes* muito rápidos, como narrei as anteriores. Em todas ela aparecia como uma mulher voltada para a natureza, dedicada aos espíritos da natureza. Por vezes, via cenas que se encaixavam e completavam outras vivências. Aos poucos, cada detalhe fazia sentido. Com as emoções fervilhando, ela ansiava pela lua cheia. Queria visões mais profundas, queria saber de onde vinha a própria alma e a alma de Gaspar!

No entanto, naquele mês, quando a lua entrou na fase cheia, o céu estava encoberto, a noite estava fria, garoava. Mesmo que enfrentasse o frio e se pusesse sob a jabuticabeira, o clarão da lua não teria como ultrapassar as nuvens e vir para seu círculo. Passaram-se dois dias e ela já estava desanimada. Foi só quando a lua começava a mostrar-se com uma pequena sombra e a chegar muito tarde ao céu que as nuvens se foram. Então a lua banhou de luz seu quintal. Ela pegou a colher de pau e a vasilha de água e foi para debaixo da jabuticabeira. Riscou o círculo e fechou os olhos.

Era uma cidade com o chão de pedras irregulares e ela se viu chegando esbaforida. Alguém a chamara para que trouxesse a erva das feiticeiras a fim de que o confessor do monastério finalmente confessasse seus muitos crimes.

Havia grande tumulto na praça. O confessor estava lá, em trajes de gala, mas o centro das atenções não era ele. Era uma das enclausuradas do monastério. Pérola a conhecia, e sabia que fazia parte das amantes do confessor. Era uma mulher não muito jovem, de família importante e muito respeitada pelas companheiras.

Uma das serviçais do monastério aproximou-se. Ela entregou a garrafa e a moça desapareceu no aglomerado de gente da praça. Pérola observava com a respiração em suspenso. Alguma coisa estava fora de controle.

A enclausurada estava de camisola no meio da praça e rolava pelo chão, uivava, sufocava-se no ar que respirava. Médicos e cirurgiões corriam para perto dela, também eles vestidos como a notícia os pegara na cama. Em pouco tempo qualificaram seu estado de sufocação uterina e quiseram aplicar-lhe ventosas. Enquanto alguém as providenciava, conseguiram separar-lhe os

dentes trincados e a fizeram engolir aguardente, o que fez com que se acalmasse e recobrasse a razão.

Sentado numa poltrona que mandara buscar especialmente para si, lá estava o confessor e pároco. Pérola olhou-o com um ódio que lhe amortecia as entranhas. Trouxe a poção que há tempos preparava especialmente para ele. Mas percebeu que não seria ele a ingeri-la. O tumulto aumentava e ela sabia que não poderia se aproximar para retomar sua garrafa.

Surgindo de uma esquina, um cortejo despertou os gritos da multidão que se juntava. Com um barulho infernal chegavam os clérigos paramentados, o aparato do exorcismo. A multidão que já era grande aumentava a cada momento.

- O que está acontecendo? - perguntavam.

- A mulher está endemoninhada!, - era a frase que corria de boca em boca.

Pérola não podia acreditar no que via. Não podiam fazer aquilo com uma mulher indefesa. O confessor havia desonrado todas as mulheres do convento, havia feito não só mal físico, engravidando-as, mas havia feito com que enlouquecessem de paixão. E estava lá sentado, vendo aquela mulher se debater em desespero e afirmava que era ela a endemoninhada!

Quando se acalmou, a mulher olhou à sua volta como que pedindo misericórdia. Ali na praça não havia carrasco ou instrumentos de tortura que a fizessem soltar um pouco a língua, então obrigaram-na a beber vinho. Ela se recusou, mas forçaram até que ela o engoliu, lambuzou-se, mas não confessou qualquer pacto com Satanás.

Pérola viu a garrafa que trouxera sendo aberta. Caiu de joelhos e pediu que os espíritos e forças que a ajudavam não permitissem que sua poção fosse usada para aquele fim, que não fizesse o efeito que desejavam!

Com a alma quase a lhe escapar, viu quando abriram a boca da mulher e enfiaram o líquido goela abaixo. Não seria o confessor perverso e celerado a confessar o mal que impunha às reclusas do convento! A coitada da mulher foi quem engoliu a poção! Pérola rezava. A mulher se contorcia mas a poção não funcionava quando não havia o que confessar. Se havia algum demônio naquele monastério, era o próprio confessor!

O aparato de exorcismo se preparava para começar a função e o confessor levantou-se. Com ares de soberania, a largas passadas, caminhou em círculo ao redor da mulher. Quando parou, respirou fundo e movimentou o braço, estalando um imenso chicote que ninguém soube de onde saía. O tumulto estancou, o silêncio tornou-se aterrador.

O confessor chicoteou a mulher até vê-la extenuada e sangrando. Em seguida gritou aos quatro cantos que não fazia mais do que agir no seu direito de diretor espiritual. O açoite era o atributo da paternidade. Ele agia por sua penitente, dando-lhe o remédio acertado para a alma! Surravam-se os endemoninhados e os loucos!

A mulher se pôs a urrar improperios, engrolou a língua, mas não falou o que queriam que falasse. Então o aparato do exorcismo se pôs em ação. Na praça, a tesouradas, cortaram o cabelo da mulher e buscaram por todo o seu corpo a marca do demônio. Depois de escarafunchar-lhe cada centímetro de pele, decidiram que a marca estava na virilha esquerda.

O clérigo, com poderes de exorcista, havia entrado no final do cortejo, numa aura de arrogância, carregado em liteira por quatro escravos. Chegara a hora da sua ação. Saindo da liteira e pondo-se de pé em frente à mulher, ele esticou o braço com a cruz nas mãos e gritou: "Vade Retro!" A frase foi sendo repetida até que o populacho repetia em coro: "Vade Retro, Satanás!"

Quando o exorcista lançou o olhar para o populacho e mostrou a cruz, o calor

tornou-se insuportável. Seguiram-se uma tensão invisível e um silêncio absoluto que pareciam o prelúdio de algum prodígio celestial.

Um acólito colocou ao alcance do exorcista o acéter com água benta. Ele agarrou-o, inclinou-se sobre a mulher e aspergiu ao longo do corpo murmurando uma oração. Em seguida, com uma voz que mais pareciam urros de leão, proferiu o conjuro que estremeceu os alicerces da cidade.

- Quem quer que sejas!, - urrou. - Por ordem de Cristo, Deus e Senhor de tudo o que é visível e invisível, de tudo o que é, que foi e que há de ser, abandona esse corpo redimido pelo batismo e volta às trevas!

A mulher, fora de si, respondeu com palavras gritadas que ninguém compreendia. O exorcista alterou a voz, urrou mais alto para fazê-la calar, mas ela gritou com mais força. O exorcista pretendia continuar o conjuro, mas teve um mal súbito fulminante. Com os braços para o ar, seu corpo estrebuchou como um boneco de pano desarticulado e desabou de bruços.

As vozes da praça foram se transformando em gritos e a cerimônia terminou com um estrépito colossal. A mulher foi rapidamente carregada para dentro do monastério enquanto o exorcista era atendido pelos médicos e clérigos que se encontravam na praça.

Pérola estava indignada com a afronta à mulher e feliz de ver o exorcista no chão estertorando. Conseguiu entrar no convento pois era conhecida e, às vezes, fazia favores à superiora. Ali dentro era outro mundo, não havia vestígios do tumulto da rua. Era um edifício quadrado, com dois andares de numerosas janelas iguais e uma galeria de arcos ao redor de um jardim sombrio, onde se abrigava um desespero contido. No meio do pátio havia um tanque de águas mortas.

Pé ante pé, Pérola procurou a cela da mulher. Passou pela capela, onde o confessor iniciava as reclusas nas carícias, e olhou para as lousas de mármore com muitos séculos de bispos e personalidades destacadas. Finalmente chegou à cela vigiada. Aproximou-se, conhecia as serviçais e conseguiu chegar até o leito onde deixaram a mulher ensopada de suor e tiritando de medo, aos cuidados de uma guardiã instruída para ganhar a guerra milenar contra o demônio.

Conseguiu pegar a garrafa com o resto da poção e saiu. Na praça ainda havia grande tumulto. O exorcista não estava mais lá. Ela buscou com os olhos e deparou-se com o confessor em sua poltrona, endeusado pela própria arrogância. Com todas as forças, Pérola desejou que ele se consumisse numa doença medonha!

Com os sentimentos à flor da pele, voltou para a floresta. Sentou-se em baixo do grande carvalho. Encostou o dorso no tronco. Era preciso pensar uma forma de se vingar daquela gente, daqueles homens que se diziam de Deus!

Sabia que tinha de agir com extremo cuidado. Ela sozinha era muito fraca contra uma legião de homens enlouquecidos pelo poder terreno. Os espíritos com quem conversava, davam-lhe força para os percalços do dia-a-dia, as mazelas do coração, mas contra os homens que se diziam de Deus era preciso um exército.

Num transbordamento do ódio, ela marcou um encontro com um senhor do Templo. Talvez fosse a hora certa de compactuar com ele.

Os dois encontraram-se na floresta. Embora jamais o tivesse visto, ele lhe pareceu extremamente familiar. Falou-lhe que pertencia ao mosteiro dos Templários, ordem religiosa e militar fundada em Jerusalém. Eram os pobres cavaleiros de Cristo que se propunham a dar proteção aos peregrinos da Terra Santa. Ao mesmo tempo, vasculharam os restos do Templo que Salomão construía e descobriram que ali, o conhecimento e a prática da magia aconteceram com exuberância.

Ao longo de séculos, aprenderam e praticaram a magia de Salomão. Além de monges, tornaram-se magos riquíssimos. Seu poder se tornara de tal magnitude que o rei da França estava cheio de artimanhas para dar fim à sua ordem. Ele precisava aprender mais, atingir maior poder a fim de impedir a ação do rei.

Era exatamente o que ela queria. O inimigo era comum. Foi lhe confiando seus conhecimentos. Sabia fazer as coisas de uma forma simplificada, sem os aparatos dos rituais salomônicos usados pelos templários. Ele queria invocar os mortos. Queria se proteger. Queria arrasar com o poder que assinaria o fim da sua ordem. Ela foi aprofundando os ensinamentos sobre a influência dos astros, das plantas, dos elementais da natureza e dos elementais da força do pensamento, sabendo que o que ensinava poderia ser usado para curar e realizar as mazelas do coração, mas também serviria para destruir e matar.

Ao mesmo tempo em que ensinava, foi se apaixonando. Desde que o vira na floresta sentiu em seus olhos o fogo da paixão. Com o aprofundar do aprendizado, amou e se deixou amar. Viveram uma felicidade fantástica. Num dos atos de amor enlouquecido sentiu suas mandíbulas de ferro. Também ele era um mago poderoso e, em seus amores sob as árvores, rolando pelos matos e espantando pequenos animais, ela aumentava o próprio poder. Via-se mudada, com os olhos armados de uma estranha chama. Era como se mantivesse dentro de si o dardo flamejante com que aquele homem a atravessava.

No meio de seus amores enlouquecidos, com a ingenuidade dos apaixonados, invocavam espíritos que pudessem ajudá-los a destruir o inimigo. O amor os punha confiantes.

No entanto, mais uma vez ela foi à praça e sua respiração se pôs em suspenso. Havia alguma coisa estranha no ar. Antes que pudesse pensar, soube que em todas as cidades da Europa, os Templários estavam presos em seus conventos-fortalezas e mais dia menos dia seriam torturados e queimados!

Em seguida, viu na mesma praça a multidão se aglomerando. O aparato dos homens que se diziam de Deus se organizava. O tumulto aumentava diante da perspectiva de uma cena de horror. Ao chegar no meio da praça, viu diversos homens, entre eles, seu amado. Todos estavam amarrados em troncos sobre pilhas de lenha e os carrascos se chegando com tochas de fogo.

Ela sentiu que no meio daquele inferno, seus olhos se encontraram, irradiavam amor e se despediam. As labaredas subiram e os homens se retorceram, gritando e resfolegando até a morte. Ela caiu no chão e sentiu cheiro de sangue e carne queimada, sentiu que a pisoteavam. Então o mundo desapareceu. Seu espírito pairou num limbo de dor.

Viu-se sob a jabuticabeira. Pegou a vasilha com água e despejou sobre a cabeça. Estava extenuada. Por mais boa vontade que tivesse, assistir àquelas cenas a deixavam esgotada. Desta vez, o senhor do Templo era Gaspar. Não havia a menor dúvida. Ele fora executado. Morreu queimado diante de seus olhos e ela não pôde fazer coisa alguma para salvá-lo.

Depois desta visão Pérola chegou ao consultório bastante ansiosa. Mesmo diante de mais uma experiência extenuante, havia o consolo de encontrar Gaspar. Não se conformava que a vida seguisse ao contrário do que planejara. Quis ajudar a reclusa do convento e sua poção serviu para propósitos completamente diferentes. Apaixonou-se e uniu-se ao senhor do Templo. Ao invés dele vencer o inimigo, toda a sua Ordem foi destruída. Não sobrou ninguém. Não sobrou um único pergaminho onde haviam registrado a magia aprendida e intuída no templo de Salomão.

A única coisa que lhe dava alento era sentir o tanto que ela e Gaspar haviam se amado naquela existência. Mesmo com o fim trágico, haviam vivido amores fantásticos rolando numa

floresta encantada.

Olhei Pérola e visualizei a sacerdotisa das cartas do tarô. Quantas versões ainda iriam se apresentar? Não era à toa que as catedrais européias eram todas dedicadas a Notre Dame. Com certeza eram resquícios das grandes sacerdotisas que os donos do poder não tiveram forças para destruir. Uniram-se a elas e construíram catedrais em sua homenagem.

Meu querido João, não conheço toda a história da civilização, mas sei que há séculos, especialmente na França ocorreram muitas possessões em conventos. O convento de Lodun, de Louviers, e talvez outros mais, ficaram famosos justamente porque as reclusas se tornaram possesas. No século XI ou XII era talvez o começo da verdadeira clausura nos conventos e os orientadores espirituais e confessores eram onipotentes sobre as religiosas. As freiras de clausura eram de famílias importantes, todas com suas serviçais. Depois dos votos de pobreza, silêncio e castidade, o único contato que tinham com o exterior eram as raras visitas. No entanto, tinham diariamente o confessor para aplacar-lhes os pecados e trazer-lhes conforto. Parece que as coisas ocorriam exatamente como Pérola narrou. Pelos processos que existem, sabe-se que os orientadores espirituais abusavam de suas penitentes. O confessionário era o preâmbulo das carícias que acabavam em transas tresloucadas. Quando os orientadores se cansavam e as desprezava por outras mais jovens ou que fossem novidade no convento, as mulheres enlouqueciam. Talvez algumas tivessem morrido de tristeza, caladas em suas celas. Mas as que tentavam recuperar seu homem eram chamadas de endemoninhadas. O clero se movimentava, era constatado mais um caso de possessão e era chamado o exorcista. Toda esta parafernália trazia grande prestígio ao convento e aos exorcistas.

Depois da consulta, voltei para casa e fiz minha meditação. Servi uma dose de uísque, e enquanto bebia solitária, imagens de um tempo em que era muito pequena e fazia castelos na areia vieram à minha mente. Com a paciência e a ingenuidade de criança, me enxerguei executando fantásticos castelos na areia e, em seguida, desmanchando-os. O mais importante era a imagem do castelo que tinha na cabeça antes de começar a construí-lo. Ao pôr em prática o que estava no fundo da minha imaginação, os resultados não eram satisfatórios. Quando criança, tinha coragem de destruir a obra, talvez por que fosse simplesmente um castelo de areia. Adulta, queria ver a obra feita da forma que trouxera de meu mundo de idéias!

Nunca aconteceu de você querer desenhar ou criar alguma coisa e não conseguir? Você tenta, tenta mais uma vez, mas jamais fica satisfeito com os resultados! Já mencionei isto algumas vezes para minhas pacientes. Isso se explica pelo fato de que a imagem que você tem do que quer fazer é sempre incomparavelmente superior às cópias a que você tenta dar forma com as mãos.

Trazemos dentro de nós, todas as imagens do mundo das idéias! Platão disse isto alguns séculos antes de Cristo. Nossa alma vivia nesse mundo de idéias antes de vir habitar um corpo. É lá nossa verdadeira morada, e não aqui no meio da areia onde a vida destrói tudo o que amamos. E é para lá que ela vai voltar quando o corpo sucumbir à inexorabilidade do tempo. Nossos corpos têm o mesmo destino dos castelos de areia, mas nossa alma retorna quantas vezes for preciso para que cheguemos a um resultado satisfatório!

As almas retornam para refazer o castelo de areia cada vez mais parecido ao do mundo das idéias! Com certeza há diferentes mundos de idéias, galáxias impensadas com planetas visíveis e invisíveis. Pérola veio tantas vezes lutar contra almas que também vinham sistematizar a existência do demônio que eram eles próprios! Primeiro alegaram a existência do demônio, um ser que foi adquirindo maiores poderes que os de Deus. Depois alegaram os pactos diabólicos.

Pregavam que os dons, tão bem esclarecidos por São Paulo em sua carta aos Coríntios, só eram possíveis com pactos diabólicos! Talvez para aperfeiçoar, veio a idéia da possessão demoníaca. Uma pessoa em quem um espírito mau houvesse entrado podia ser reconhecida pelos estranhos efeitos físicos e morais de tal intrusão: ataques histéricos, convulsões e contorções descontroladas, vômitos estranhos e até mesmo paralisia total. Da boca, saíam as vozes do demônio, que emitiam delírios obscenos e blasfêmias, ou falavam fluentemente línguas estrangeiras que a vítima desconhecia.

Nos primórdios da era cristã, o ofício de exorcista estabeleceu-se como uma das ordens menores. O ritual do exorcismo, como o sinal da cruz, a respiração simbólica, a água benta e o conjuro para que o Diabo se fosse em nome de Deus, foi praticado por séculos. Acreditava-se que os demônios tinham horror natural aos símbolos do cristianismo. O que Pérola viu acontecer naquela praça com uma reclusa do monastério, aconteceu milhares de vezes ao longo da História!

Quanto ao poder que ela ensinou ao senhor do Templo, e que reconheceu como Gaspar, é parte da história das religiões. Desde os primórdios, as religiões são consideradas pelos seus adeptos como meio de obter um poder sobrenatural, o que não impede que funcionem como sistema de ordem social. A história do cristianismo não é exceção a essa regra. Na época da Igreja primitiva, ou quando os missionários convertiam os índios, ou mesmo hoje quando se criam novas seitas, o pregador incute nos convertidos o fato de estarem adquirindo não só um meio de salvação no além, mas uma magia mais potente. Assim como no Antigo Testamento os seguidores realizavam atos sobrenaturais, no Novo Testamento atraíam seguidores operando milagres e realizando curas.

Quanto aos Templários, meu querido João, nem vou começar a falar, pois você sabe que é um assunto que me fascina. Foi uma ordem poderosíssima que terminou da forma trágica tal qual esteve na visão de Pérola. Todos os monges foram queimados em praça pública, bem como todos os seus escritos e pertences! Ficou lendário seu profundo conhecimento sobre a magia, os segredos do Templo de Salomão. Como homens terrenos, criaram sistemas econômicos e acumularam uma tal fortuna que perturbava o poder estabelecido. As expedições que vieram descobrir nosso continente ainda foram financiadas pelos restos da fortuna dos Templários.

Como você vê, meu querido João, as almas vêm de estrelas diversas, prontas a executar seus castelos de areia! Algumas destroem os próprios castelos, outras os próprios e os alheios. Por vezes é o mar que vem e leva tudo!

Um beijo muito carinhoso,

Maria Moura



“A peste é como um grande incêndio que se irrompe numa cidade muito densa, aumenta sua fúria e a devasta em toda a sua extensão”

D. Defoe

Querido João,

A cada lua cheia Pérola revia um ponto da história da humanidade, sempre como uma mulher envolta com a natureza, com os espíritos dos elementos: terra, água, ar e fogo.

Desta vez, ela não viu a fogueira, mas um homem acalorado pela ira. Em pé, na porta da catedral, como um furioso, o clérigo gesticulava. Sua voz era uma trovoadas:

- Pecaste e Deus vos castiga! Resignai-vos, sofri e morrei. Serão menores as penas na outra vida!

Era a recepção aos doentes que chegavam ao monastério pedindo auxílio. Pérola via-se dentro daquela cena. Estava afastada do clérigo que gritava e percebia que seu sentimento em relação a ele era de raiva. Era uma raiva tão grande que sua visão se ampliava. Sabia que dentro do monastério, outros padres faziam curativos e davam algum conforto aos doentes, mas as palavras daquele furioso atraía maus fluidos, criava elementais poderosos. Ela podia percebê-los embotando-lhe os sentidos. Também podia ver que da figura do clérigo emanava uma vibração escura que ia se adensando e envolvendo a praça toda. A palavra era o instrumento da geração do espírito. Mesmo o diabo era incapaz de tomar pensamentos enquanto não tivessem sido materializados pela palavra! Ali não era necessário nenhum diabo, as próprias palavras se incumbiam de criar o caos.

Estonteadas, ela caminhou para a floresta. Foi só quando se sentou em baixo do grande carvalho e aspirou-lhe profundamente o perfume, que seus sentidos retomaram a vida. Com novo ânimo levantou-se e começou a caminhar.

Via-se carregando uma pequena cesta. Sua saia prendeu-se num arbusto e ela se abaixou. Um ser minúsculo lhe sorriu. Ela pediu licença ao duende e colheu a beladona. Colheu também as flores púrpuras da doce-amarga. Arrancou a planta toda, inclusive a raiz. Esteve no meio dos arbustos por muito tempo, colhendo flores e folhas. Quando a cesta ficou cheia, retornou para a casa que ficava fora dos muros da cidade. Logo que entrou, ajeitou as novas plantas no meio de tantas outras que secavam.

Uma mulher entrou na casa. Pérola gostava dos seus olhos amarelos. Mostrou-lhe as novas plantas e as duas puseram-se a preparar poções.

- Na cidade o padre comanda a vida. - Pérola falou. - Os doentes chegam desesperados, se arrastam até as igrejas e são recebidos com pragas que atraem maus fluidos e materializam as doenças. Você não viu como ele gritava: “Pecaste e Deus vos castiga! Resignai-vos, sofri e morrei!” Que Deus é esse que a qualquer deslize manda doenças insuportáveis para suas criaturas? Deus não nos criou para abrigarmos doenças, mas para vivermos as coisas boas deste

mundo. Só assim aprendemos o que é preciso aprender e nosso espírito se aperfeiçoa.

- Você sabe que matam as mulheres que fazem curas e preparam poções! - Os olhos amarelos estavam apreensivos.

- Eles dizem que somos nós a fazermos pactos com diabos para curar as pessoas. Se prestarem atenção vão ver que são eles a clamarem pelas desgraças.

- Você sabe o que vai ocorrer se alguém a denunciar?

- Serei queimada ou enforcada! Mas esse conhecimento que temos das plantas não pode se perder! Precisamos testar novas plantas. Há caravanas chegando do Oriente. As especiarias picantes trazidas de lá despertam, reanimam as incapacidades do amor.

A conversa foi interrompida por alguém que se aproximava. A mulher dos olhos amarelos correu para fora da casa e se escondeu. Embrulhada em mantilhas, chegou a baronesa. Trocaram algumas palavras e Pérola entregou-lhe um frasco. A baronesa deu-lhe umas moedas e se foi. A mulher dos olhos amarelos retornou com um olhar de cadela brava. Estava indignada:

- Você sabe quem é esta mulher? A Baronesa! Ela pode te denunciar, mandar te matar!

- Ela não vai fazer isso. Seu amante está enfermo e não há sábio a quem não tenha pedido ajuda. Estou testando uma nova idéia! Se ministrarmos a própria doença em pequenas doses, isso faz o corpo reagir. Doses certas de veneno não matam, mas curam o mal!

A mulher dos olhos amarelos fitou-a com espanto e incredulidade. Pérola sentiu que o mundo escurecia. Sentia tontura. Perdeu os sentidos.

Quando mais uma vez clareou, estava velha e muito cansada. A lua surgiu e ela saiu do albergue, atravessou o clarão da fogueira que ardia na porta da cidade e se embrenhou no bosque. Foi direto para a árvore frondosa, o grande carvalho. Sentindo-a como uma velha amiga, abraçou-se ao seu tronco, encostou a frente, depois a face, deixou-se escorregar, sentou-se no chão e olhou a lua vibrante: Era ali que iria morrer! Lutara até as últimas forças para ajudar a combater os sintomas que a invadiam. Sabia que era a sua hora.

O mundo todo era uma imensa fogueira. Ela era uma fogueira, cheia de uma febre furiosa, sufocamento, vapores malignos da peste negra.

Sentia-se esgotada, suas roupas eram farrapos. Sua cabana fora saqueada, queimada. Trabalhara até o limite de suas forças, mas não conseguiu vencer as palavras dos homens que pregavam a fúria de Deus. Um Deus que só pensava em castigar suas criaturas. As palavras foram ditas tantas vezes e com tanto vigor, que as coisas aconteceram. Era um processo que quando irrompia não havia como parar.

Quando tudo começou, da porta da catedral gritavam aos urros de leão que o mundo já havia acabado com um dilúvio de água, agora era a vez do fogo! Um incêndio violento e impetuoso anunciado no céu pelo rastro gelado de um cometa!

Com a força daquele palavrório, com espantosa presteza, a doença passou de casa em casa, de rua em rua. Como um incêndio, atingia a grande cidade com a rapidez de um abrasamento.

Os gritos na praça continuavam:

- Punição divina! Pecaste e Deus te castiga!

Sem outro recurso, qualquer um que pudesse ajudar era convocado, mesmo as feiticeiras que viviam fora dos muros da cidade, nos bosques. Pérola delirava na febre, mas podia ver seu passado recente. Estivera ao lado de tantos moribundos. A doença começava com dores de cabeça e vômitos, seguia-se uma forte febre, calafrios regulares, pulso fraco. O enfermo tinha

dificuldades para sustentar a cabeça. Seu olhar fixava-se no nada, estampando o pavor e o desespero.

Como se ardessem nas fogueiras de vapores malignos, sentiam um calor insuportável, febre furiosa, sufocamento. Sentiam dor nas virilhas e axilas. Quando tentavam cauterizar-lhes os tumores, os desgraçados morriam enlouquecidos pelo sofrimento.

Impelida pelo alarido da dor, desesperada diante dos sobressaltos de uma infindável agonia, empregara todas as ervas conhecidas e desconhecidas. Mas não faziam mais do que mitigar a dor. Por fim ajoelhava-se ao lado do doente punha as palmas de suas mãos sobre o corpo deformado pela doença e deixava vir uma força arcana ancestral que os ajudava a morrer.

Como se delirasse, viu, atravessando o fogo da porta da cidade, uma carreta repleta de cadáveres nus, homens, mulheres, pobres, ricos, amontoados como cães. Não havia quem tocasse a sineta, não havia os ritos apaziguadores que acompanhavam a partida deste mundo. Os mortos eram tantos que estavam privados das liturgias que conferiam dignidade e identidade. Ela fechou os olhos. Sabia que seriam jogados em fossas imediatamente recobertas de cal viva, abatedouros colossais, envoltos em brumas malignas.

Mesmo estando longe da cidade, sentia-se impregnada do odor dos mortos, sabia que trazia consigo a peste negra contraída de tantos doentes desarvorados. Seria mais uma para as sepulturas repletas de corpos monstruosos, inchados, violáceos, todos fedorentos e estourados, deixando um rastro de sangue podre. A solução sensata, para quem não estivesse contaminado, era fugir logo e para bem longe e por longo tempo. Ela mesma aconselhara. Escapar do inferno! Libertar-se do tenebroso futuro pela fuga.

No delírio de sentir a alma se despreendendo do corpo, revia a tristeza no silêncio dos sinos, calma lúgubre, despojos, lençóis esfarrapados, impregnados da doença.

Uma súbita ventania aliviou-lhe a dor. Sua alma era engolida pelo clarão da lua. Por um instante ela visualizou um ser feito de uma luz que ela sequer imaginara. Ele esfumou-se, e ela soube que para chegar a ele ainda deveria percorrer muitos atalhos da eternidade. Deixou-se engolir pela paz de mais uma missão cumprida.

Ao começar a anotar a visão, a primeira idéia de Pérola foram os olhos amarelos de cadela brava. Meu querido João, a mulher que estivera em sua cabana era eu, ela não tinha dúvidas! Afirmou-me que o olhar era inconfundível! Foi a primeira coisa que me falou na consulta!

Nesta vida, fora eu a lhe dizer que a habilidade para transformar energia em matéria e vice-versa era o modo como o universo operava. Naquela visão, ou naquela vida de Pérola, a fúria com que as palavras eram ditas, era um tipo de vibração, uma energia que acabava se transformando em matéria. Os homens que se diziam de Deus, pregavam um mundo feito por um Deus solitário e rancoroso, que criavam à própria imagem e semelhança. E quanto mais falavam dos castigos e penas a serem cumpridas, mais impunham aos semelhantes o que pregavam. Também quanto mais poderoso e inatingível acreditavam o seu Deus, mais parecidos ficavam com as imagens que criavam.

Querido João, depois desta visão, até eu fiquei esgotada.

Por hoje é só!,  
um beijo carinhoso,

Maria Moura



Outrora eu era daqui, e hoje regresso estrangeiro, forasteiro do que vejo e ouço, velho de mim. Já vi tudo, ainda o que nunca vi, nem o que nunca verei. Eu reinarei no que nunca fui.”

Fernando Pessoa - Livro do Desassossego

Querido João,

Hoje finalmente vou chegar ao ponto em que o tarô entra nesta história. Ou melhor, vamos entender melhor as coincidências com a imagem da sacerdotisa. Você deve de se lembrar da noite em que Pérola e Gaspar ficaram no bar do hotel. Antes de subirem e viverem aquela noite memorável, ele desenhou na toalha a sacerdotisa.

Como você sabe, a lua cheia propicia as visões mais densas de Pérola. Quando mais uma vez a lua entrou nesta fase, Pérola preparou-se. Em sua casa o jantar havia terminado e ela aguardava que José fosse se deitar. Sabia que isso coincidiria com a meia-noite que era a hora em que a lua ficava exatamente sobre sua cabeça. Como os telefonemas de Gaspar continuassem, ela estava não só com todos os canais abertos, como ávida por conhecer melhor sua alma.

Sozinha na mesa, sentada diante dos pratos vazios, serviu-se da sobremesa que era cocada. Mastigava com um deleite que, se houvesse alguém à mesa, seria contagiado pelo desejo de comer. José assistia televisão. Estava ao alcance de seus olhos, mas a uma distância de vários anos-luz. Olhando-o tão entretido, ela sentiu pena de viverem em mundos tão distantes. Gostaria de lhe contar o turbilhão de emoções que lhe ia pela alma, mas nem sabia por onde começar. Eram companheiros enquanto seus assuntos versavam sobre o trabalho dele, a casa e a família, jamais sobre seus anseios.

Gostaria de precisar quando começara aquela rachadura que se transformara num fosso intransponível. Agora que sua alma vivia todo um turbilhão de descobertas, sabia que ele vivera diversas existências ao seu lado com um poder pedagógico. Queria castigá-la pelos erros, ou talvez simplesmente amenizar seus impulsos. Se ele a pressentisse comendo cocada com tanta volúpia, lançaria um olhar poderoso que acabaria com seu prazer, faria com que se entregasse a um inevitável sentimento de culpa. Sobressaía-se nele a capacidade de sugar-lhe as energias, destruindo-a em cada ato de prazer. Talvez suas almas viessem de estrelas muito distantes e diferentes. Cada vez que deixavam seus corpos, retornavam a seus diferentes mundos de idéias. Quando retornavam juntos era com o propósito de aprimorar o espírito para alguma missão que ela desconhecia.

Enquanto degustava a cocada com muito prazer, sentia que o pavor das visões envoltas em labaredas estava amenizado. Aprendera que ao dar de cara com a própria alma o susto era grande, mas havia o amor para abrandar. Pérola ainda pegou mais uma colherada de doce fazendo uma síntese final de um pensamento que vinha amadurecendo em seu coração: O verdadeiro amor encerrava todos os mistérios do Universo. Era pensando nisto que queria descobrir outras vidas em que Gaspar estivera ao seu lado.

Naquele momento, o clarão da lua cheia enveredou pela janela e fez com que ela parasse de comer, se levantasse e tirasse os pratos empilhando-os na pia. Tão logo viu José ir para o

quarto, pegou a vasilha de água e a colher de pau e foi para baixo da jabuticabeira.

O mundo saiu de foco e pela primeira vez viu-se num ambiente luxuosíssimo, com toda espécie de refinamento. Caminhava sobre tapetes maravilhosos, carregando uma bandeja de prata com refrescos e doces. Entrou num cômodo onde estava o pintor diante do cavalete e uma senhora, sua ama, sentada na poltrona de veludo. O olhar do pintor, talvez sua simples presença causou-lhe um estremeamento.

O homem largou o pincel, deu umas passadas solenes, pegou o copo e tomou o refresco de um gole. Sua ama, vestida de religiosa, sentava-se impassível numa poltrona de veludo. Pérola admirou a pintura e lançou um olhar interrogativo para o pintor. Como se lesse seus pensamentos ele falou:

- Coloquei o nome de papisa para que a igreja não nos queime em suas piras, mas é a sacerdotisa.

Ela seguiu com a bandeja até sua ama e serviu-a. Demonstrando extremo cansaço, a ama respirou fundo e desmanchou a pose. Enquanto eles comiam e bebiam, ela observou as cartas de tarô sobre um enorme baú. Foi pela força dos pedidos de sua ama que o duque contratara o pintor para que retratasse cada imagem do tarô, tendo como modelo as pessoas da família.

- Você deveria retratá-la como uma sacerdotisa. - Pérola sugeriu. - Do jeito que está pintando, paramentada como uma freira e segurando o livro, parece realmente a papisa. Ou melhor uma religiosa reclusa, pois papisas não existem!

- Não estou disposto a desafiar nenhum poder terreno. Acho que já fazemos muito em pintar a família recuperando os mistérios do tarô. - O pintor balançou os ombros. - Estamos numa época em que renascem as idéias da antigüidade grega. Os livros já não são manuscritos, mas impressos e possibilitam a muitas pessoas um pouco de cultura. No entanto, antes de começar o trabalho com as cartas do tarô, pinte algumas divindades gregas e quase fui para a fogueira. Meus quadros foram em meu lugar!

- Não entendo por quê?

- Para os clérigos e agora os novos puritanos, as divindades gregas são todas consideradas amorais. - Ele serviu-se de mais refresco. - Nós sabemos que, apesar de consideradas amorais, as divindades de todas as culturas não cristãs trazem profundas verdades morais.

Pérola não estava gostando do quadro. Na carta do tarô estava desenhada uma sacerdotisa exuberante e ela esperava ver sua ama, uma mulher muito atraente, retratada com o mesmo porte.

- Os deuses gregos mostravam que o homem havia sido criado para usufruir das delícias da terra. Os homens perderam o contato com seus deuses e com a natureza e decidiram que eram obras imperfeitas, carregando os aleijões do sofrimento e a miséria da desesperança! Com isso perderam os sinais divinos e tiveram de inventar um deus à sua imagem e semelhança!

- Nas imagens do tarô há a sabedoria da vida! Não entendo porque não se pode retratá-la! - A voz de Pérola mostrava sua indignação. Sentiu que amava demais aquele homem e que o calor que a percorria era um sinal dos deuses.

Ele limitou-se a levantar os ombros num gesto de impotência. A ama retomou a pose. Ela recolheu os copos, e ao levantar os olhos, deparou-se com seu maxilar de ferro. Deixou que por todo o corpo perpassasse um arrepio elétrico.

Com um carinho que inundava o aposento ele olhou-a e, antes que ela saísse recomendou-lhe que fosse à catedral e observasse com muito cuidado os quadros da via-sacra.

- Olhar e enxergar! Com os olhos e com o coração. - Ele falou antes que ela fechasse a porta.

Como num passe de mágica, ela viu-se entrando numa catedral exatamente quando começava a missa. A igreja e sua liturgia romana pareciam-lhe uma aventura encantada. O bruxulear das velas e o aroma do incenso, o teto altíssimo e arqueado com pinturas coloridas de santos e anjos, o ritmo embalador do órgão e o hipnótico cantochão latino envolviam-na num estado profundo, semelhante ao de um transe. Sentia-se fora de si enquanto engrolava orações.

O clérigo paramentado entrara como uma aparição e oficiava a missa. O ritual mostrava-se poderoso até que ele subiu no púlpito. A hora exata para entranhar as palavras na alma dos devotos. Com uma voz que mais pareciam urros de leão reverberando entre as colunas, ele se pôs a falar sobre a salvação da alma.

A sensualidade era diabólica, levava a pecados mortais e à perda do paraíso! Era partidário de vencer as fraquezas da alma com uma boa chicotada e ordenava a flagelação da carne. Numa oratória desenfreada, o clérigo descrevia os tormentos dos pecadores no inferno, as carnes esfaqueadas por engenhosas máquinas de tortura, os fogos eternos, os garfos imensos que trespassavam os órgãos genitais, os répteis asquerosos que se introduziam pelos orifícios femininos, e muitas vezes até dos masculinos.

Atiçando suas prodigiosas imaginações, a oratória levava os ouvintes ao limite de suas resistências. Satanás era descrito nas mais íntimas anomalias. As pessoas se ajoelhavam, sentiam-se indefesas diante da fúria de um ser com maiores poderes do que Deus!

Embora prestasse atenção no que o padre falava, Pérola ainda estava sob a influência do ritual da missa e seu pensamento divagou, não entendia do quê era preciso se salvar. Foi então que se pôs a admirar, desta vez com uma redobrada atenção, os quadros da via-sacra expostos na nave da catedral. Observou-os com os olhos e o coração. Pela primeira vez se dava conta de que um ser de luz era retratado em suas misérias. Um ser com uma consciência evoluidíssima que viera ao mundo para trazer alegria e ajudar as consciências a evoluírem, era retratado sendo chicoteado e carregando a cruz!

Fechou os olhos e tentou visualizar Cristo em sua luz. Então ocorreu-lhe que seu primeiro milagre não havia sido curar um cego ou fazer andar um aleijado, mas transformar a água em vinho e animar a festa para trazer alegria aos homens. Seus companheiros não foram os que comandavam a cultura ou a religião da época, mas os homens comuns, que viviam do trabalho. Sua companheira não era como Marta que se penitenciava nas tarefas domésticas, mas Maria Madalena que o seguia com liberdade. O primeiro santo não foi um apóstolo, nem discípulo, nem um fiel seguidor, mas o ladrão que morria ao seu lado. Como um homem deste acabara lembrado por chicotadas, torturas e a cruz!

Pérola notou que a voz do clérigo deixara de martelar-lhe o cérebro. Estava numa destas grandes pausas do sermão que empregava com frequência, por conhecer bem o efeito de um silêncio incômodo sobre cada um dos fiéis. Com olhos amarelos de leão, observava os paroquianos. O silêncio tornou-se pesado, o tempo parou dentro da igreja, mas ninguém se atreveu a tossir ou a ajeitar-se nos joelhos. As últimas frases ainda vibravam entre as colunas, e a imagem de Satanás se fazia na imaginação de cada um.

E nesse exato momento, ela sentiu com tal nitidez que a descrição não era de Satanás, mas do próprio poder terreno que usava de torturas para aniquilar a personalidade dos semelhantes, que não agüentou mais um minuto naquela atmosfera e se levantou para sair.

O dedo indicador do padre, que já estava no ar a fim de assinalar novos suplícios aos pecadores, ficou suspenso como um pára-raios sobre a própria cabeça. As pessoas sentiram o movimento e deixaram de respirar.

Pérola dirigiu-se para a porta atropelando as pessoas pasmadas, deixando atrás de si um rastro de indignação e espanto. Conseguiu sair antes que o sacerdote pudesse invocar um cataclisma celestial e não olhou para trás com medo que um raio a transformasse numa estátua de sal. No umbral da porta ouviu a terrível voz:

- Endemoninhada! Mulher que vendeu a alma para o demônio! Só o fogo para consumir a maldição!

Então, caminhou calmamente até o castelo. O duque tinha muito mais poder do que o clérigo e, mesmo sendo simplesmente uma serva, podia se dar ao luxo de usufruir das regalias.

Mais uma vez a cena mudou. Estava em seu quarto. Espalhou as cartas do tarô e olhou-as com os olhos do coração. Então soube que as tábuas de momentos importantes da vida, de momentos de ritos de passagem dignos de comemoração haviam sido substituídos pelas misérias da via-sacra.

O pintor entrou e ela chamou-o pelo nome: Bonifácio. Longe da ama ela podia abraçá-lo, beijá-lo. Eles sentaram-se ao redor da mesa aonde estava o tarô.

Ele lhe disse que as imagens do tarô eram maravilhosas que era um livro onde a sabedoria divina anotara as principais mudanças do homem em sua viagem pela vida, seu encontro com cada mistério, mas que a maioria das pessoas não tinha estrutura para a felicidade. Talvez por causa da via-sacra, a maioria das pessoas era influenciada pelo aspecto dramático da vida. Só numa vida cheia de sofrimento e tortura, as pessoas encontravam a mão de Deus.

Ela ouviu tudo, mas estava especialmente feliz por estar ao lado de Bonifácio. Sabia que ele tinha de reverenciar sua ama para que pudesse ter aquela função de pintor da casa do duque, mas os dois se amavam. Ele olhou-a com a admiração de sempre, pegou papel e desenhou-a como a sacerdotisa.

- Se fosse você a modelo, faria a sacerdotisa exatamente assim! - Ele amansou a cabeleira com os dedos. - A imagem que tenho de Vênus-Afrodite, a grande deusa do amor, uma das doze divindades gregas lideradas por Zeus, assim como os doze apóstolos foram liderados por Jesus!

No papel estava esboçada uma sacerdotisa exatamente como ela imaginara. Não uma religiosa sentada com o livro nas mãos, mas uma mulher exuberante, em pé, mostrando todo o seu corpo e sua sensualidade, com as mãos espalhando pérolas e cristais. Sua sabedoria não vinha do livro, mas do universo.

- Estou intuindo as imagens e adaptando-as à época! - Ele falou. - Engraçado, sinto que algumas destas imagens vão permanecer, outras vão se perder ao longo dos séculos.

- Pinte o desenho da sacerdotisa, coloque cores vibrantes. Será o símbolo do nosso amor!

Diante do desenho pintado, ela sentiu uma onda de felicidade e abraçou Bonifácio. Os dois se olhavam e o fato de estarem juntos parecia uma explicação para que o mundo existisse, aliás, o único motivo do universo, o ar e o vento e as chuvas e toda a natureza existir.

- A poeira das estrelas está nos envolvendo. - Ela falou percebendo que o ar estava dourado.

Como se aquilo fosse o sinal, os dois se levantaram. O brilho dos seus olhos foi se atraindo. Ele puxou-a para si e rodeou-a com os braços, ela afundou o nariz no seu peito e

esfregou-se contra a pele áspera das mandíbulas de ferro, apalpou aquele corpo enxuto e forte e sentiu uma paz grandiosa.

Então, puderam se entregar a um amor pleno. As mãos indo caçar na poeira das estrelas. Os lábios buscando-se entre umidades de tempos ancestrais. A cama, branca e fria, transformou-se em fogueira, um fogo correndo pela pele. O entrosar dos corpos e das almas. Os lábios mais uma vez se buscando, labaredas de fogueiras ardentes. As labaredas do prazer tocando fundo o corpo e a alma.

Quando finalmente se deitaram lado a lado, ele falou:

- Quero ficar com você para toda a eternidade.

Pérola tentou abraçá-lo, e sentiu um tronco duro e áspero. Estava aos pés da jabuticabeira. Desta vez sentiu-se profundamente frustrada, queria retomar a visão. Fechou os olhos e buscou as imagens, mas não conseguiu. Trouxe da lembrança as últimas cenas e ficou por um longo tempo a saboreá-las. O pintor Bonifácio era Gaspar, e haviam vivido um grande amor. E era com a lembrança daquela vida que ele esboçara a sacerdotisa na toalha do bar do hotel.

Quando finalmente saiu de baixo da jabuticabeira e entrou em sua casa, além de anotar a visão, tentou lembrar a figura da sacerdotisa e desenhá-la. Não conseguiu exatamente como vira, mas sabia que iria meditar e se concentrar e acabaria conseguindo. Iria mostrá-la a Gaspar e quem sabe ele a reconhecesse! Afinal, nesta vida, ele a achara parecida com a sacerdotisa e, brincando, desenhou-a sobre a toalha do bar.

Embora tenha anotado cada detalhe da visão, ao vir ao consultório, Pérola fez questão de narrar cada detalhe. Era uma visão da qual saía muito feliz, e contá-la trazia um pouco do sabor de revivê-la. O olhar de pássara feliz retornava exuberante ao expressar o tanto que gostou de se ver num castelo, pisando em tapetes que amaciavam o caminhar. Finalmente se via numa vida de requintes e sedas! Embora fosse uma serva, sua ama a tratava como uma igual. Eram amigas e ela desfrutava do poder do duque. Quando falou da carta da sacerdotisa, claro que percebi a coincidência. Eu mesma a havia sorteado do baralho após ela narrar a primeira visão. Na noite em que ela e Gaspar viveram seus amores nesta vida, ele esboçou a sacerdotisa na toalha do bar do hotel. Naquela hora, tirei da gaveta o baralho que utilizo diariamente e mostrei a Pérola a carta da sacerdotisa.

- É muito parecida com a que Bonifácio pintou no nosso quarto!, - era a vez de Pérola sentir-se atônita. - É parecidíssima!

Então expliquei a ela que sou uma admiradora do tarô. Não por seus dons adivinhatórios, mas pelas lições de vida. Falei também que utilizo normalmente o que lhe mostrei, mas que estava sempre comprando as tantas versões. Claro, que enquanto ouvia a narração daquela visão, já sabia a fonte. Peguei um dos baralhos da minha coleção. Ele é maior do que os normais e havia sido pintado no século XV.

Para que ela não tivesse dúvidas, abri o livrinho que acompanha o baralho e li: Pintado por Bonifácio Bembo para os duques de Milão por volta da metade do século XV. Hoje se encontra parte na Academia Carrara de Bérgamo, parte na Morgan Library de Nova York. Enquanto Pérola olhava cada carta, fui explicando que a papisa não havia se perdido. Foram repintados o diabo e a torre.

Nem preciso dizer que ao deparar-se com a papisa, Pérola perdeu a cor. Parou num suspiro com a mão tampando a boca aberta até que mexeu os olhos e me fitou incrédula. Era exatamente a figura que vira de sua ama sendo retratada.

Tentei explicar que em cada época as figuras do tarô eram pintadas de acordo com as vibrações do momento. No entanto, em nenhum baralho deixaram de ser o exemplo vivo da eternidade e sofisticação da essência do homem. Jamais deixaram de mostrar que o ser humano tinha sido feito pelo gozo eterno dos deuses, pelo seu desejo de perpetuar o prazer num instante do tempo e as etapas que fluíam numa vida.

- É assombroso demais deparar-me com essa figura. - Pérola não tirava os olhos da sacerdotisa/papisa. Percebi que não adiantaria dar explicações, ela não estava ouvindo.

- Então fui ama na casa do Duque de Milão? E o pintor realmente se chamava Bonifácio? É assombroso demais!

- Você alguma vez duvidou da veracidade das visões? - perguntei.

- Não, mas é que uma prova destas me deixa atrapalhada.

Apesar de atrapalhada, podia-se ver o olhar de pássara feliz.

- Você ainda tem aqueles cálices?, - Pérola levantou os olhos iluminados. - Se tivesse pressentido tantas descobertas, teria trazido uma garrafa de vinho, merecemos uma comemoração! Como você disse, as vitórias dão confiança e vontade de continuar. Esta visão foi muito feliz! Vou até o supermercado mais próximo e volto em seguida com o melhor vinho que encontrar! Prepare os cálices.

Observei-a pegar a bolsa cheia de animação e sair. Eu também estava feliz e animada com todas as descobertas que eram dela, mas que me levavam junto. Lavei os cálices com muito carinho. Queria que estivessem com todo o brilho do cristal para a comemoração. Pérola tinha razão, aquela vitória merecia uma comemoração muito especial.

Querido João, só lamento que você não estivesse conosco!  
um beijo carinhoso,

Maria Moura

“A emoção mais bela e mais profunda que podemos ter é a sensação do místico. É a precursora da verdadeira ciência. Aquele para quem essa emoção é desconhecida - aquele que não consegue mais ficar envolto no assombro - está praticamente morto. A convicção profundamente emocional da presença de um poder de raciocínio superior que se revela no universo incompreensível representa minha idéia de Deus.”

Albert Einstein.

Meu querido João,

Quando Gaspar marcou a data para retornar, Pérola tomou-se de uma fúria nos cuidados consigo mesma. Ela, que achava tão enfadonha a futilidade das amigas, deu uma reorganização geral nas roupas, foi para ao cabelereiro e renovou a aparência. Colocou-se sob um severo regime alimentar. Enfim, cuidava de cada detalhe do corpo enquanto aguardava seu amado e preparava-se para a próxima lua cheia.

Depois da visão na casa do duque de Milão, entregue a amores escaldantes com o pintor Bonifácio, já não tinha o menor receio de deparar-se com labaredas ou o que quer que fosse. Sabia que mesmo em destinos escaldantes, em todos eles, Gaspar estivera por perto.

A alegria dela está me contaminando. Além de todo o conhecimento que venho adquirindo, houve a decisão que nós dois tomamos de retornar para casa. Meu querido João, estou felicíssima com a possibilidade de começar a reformá-la e pintá-la. Enfim transformar e renovar as energias da casa e as nossas também.

Não sei se você se lembra, mas no dia em que Alberto foi conosco até nossa casa, ele falou que num de seus romances havia criado uma greve de deuses. Um a um, os deuses que regem a existência humana entravam em greve, sem basicamente afetar a vida de ninguém. O deus da paixão, o deus dos desejos, o deus da mesquinhez e da grandeza. . . Fora algumas privações e mal-entendidos, nenhuma greve teve efeito sobre o destino dos homens. Só quando o deus das coincidências parou é que a história de cada um mudou radicalmente.

A coincidência que desencadeou a continuidade de nossas vidas foi você e Alberto terem ido ao congresso, ou talvez Pérola ter encontrado meu consultório, os as duas coisas juntas. Mas não é isto que importa. O importante é que nossa vida está mais uma vez mudando radicalmente. E desta vez para melhor, para retomarmos juntos nossa jornada.

Bem, mas voltemos a Pérola. Ela estava alucinada com o retorno de Gaspar. Além dos cuidados consigo mesma, entregava-se de corpo de alma às meditações e exercícios e ia ampliando sua capacidade de desvendar a alma.

A lua se postou bem no alto do céu com toda sua imponência e Pérola foi para baixo da jabuticabeira. Riscou o círculo com disposição. Ao fechar os olhos concentrou-se na época do duque de Milão, no seu castelo que regurgitava requinte, com tapetes muito fofos, salas repletas de obras de arte, baixelas e objetos raros, jardins cheios de estátuas e fontes, mulheres vestidas em

sedas caríssimas! Mais uma vez queria entregar-se aos amores com o seu homem das mandíbulas de ferro.

Mas a luz da lua enveredou por sua alma e mostrou-lhe outra coisa. Viu-se muito altiva sobre uma carroça chacolejante. Do alto da carroça, via distanciar-se o local onde estivera encarcerada, onde soube que sua apelação fora negada, onde lhe aplicaram tantos suplícios que confessara o que fizera e o que não fizera. A um sem número de açoites ela não resistiu e acusou seu porteiro como cúmplice. Era ele quem permitia a entrada de seu amante no castelo. Ela o via na funesta carreta, prostrado, com as pernas trituradas, deslocadas pelas máquinas de torturas. Ela escapara a tal suplício, porque o denunciara. Ele morreria com ela, e estava a seus pés, já com a coloração da morte.

Os nobres que, em cada festa haviam disputado sua companhia, debruçavam nos balcões, excitados com o espetáculo que iriam ter. Ela sabia que estava em Paris e a carroça tinha dificuldade em abrir passagem entre a multidão compacta que se acotovelava num calor sufocante. Toda cidade estremecia numa emoção doentia ao escutar o grito do carrasco que anunciava a leitura da sentença.

O confessor estava na carroça e tentava convencê-la a morrer na graça de Deus. Com uma beleza insolente sob a tosca túnica dos condenados, com uma longa cabeleira loura escorrendo-lhe pelas costas, ela jamais se julgou uma pecadora ou criminosa. Não tinha do que se arrepender.

Apesar dos insultos da gentilha e dos amigos que promessas de sangue tanto excitavam, dos burgueses extasiados e dos nobres que alugaram as janelas das casas voltadas para a praça, ela vislumbra com absoluta calma tanto o seu presente quanto seu destino. Sabia que todos os que estavam ali se rejubilavam por assistir à mutilação do seu corpo soberbo, cujo único erro foi amar!

A carreta funesta puxada por dois cavalos negros chegou à praça, e ela pôde ver o patíbulo onde enforcariam seu servidor e o cadafalso onde morreria. Fora condenada a ser decepada.

Ela, que olhava com piedade o confessor e o cúmplice, levantou a cabeça e abarcou com o olhar a multidão. Enfrentava tudo aquilo com um olhar altaneiro e a multidão se perturbou.

Como um estranho aviso, um raio riscou o céu, um fogo de gelo correu pelas nuvens e uma tempestade repentina jorrou sobre a praça. Uma debandada precipitou o povo para toda espécie de abrigo. O confessor e o carrasco se refugiaram sob o cadafalso. Ela e o cúmplice agonizante permaneceram na carreta sob o aguaceiro.

Abaixando o olhar, observou a carruagem atrelada a seus cavalos, coberta pela mortalha negra que lhe aguardava o cadáver, e sentiu-se já no outro mundo.

Aquele aguaceiro era uma trégua que Deus lhe dava. Pôde rever a absurda comédia que foi sua existência. As brigas alucinadas entre ela e o marido pelo poder, pela posse do dote que seu pai lhe deixara. Jamais houve entre eles um momento de amor. Seu marido vencera. Com ela morta, iria gozar tranqüilamente de seus bens, impedindo-a de gozar de seu amante. A figura majestosa de seu amante, veio-lhe à mente. Onde estaria ele? Já estaria morto, ou aguardava para ver seu cadáver decepado?

Ensopada de chuva, ela se perguntava porque não fugiu com ele, ao invés de esperar o julgamento? Em algum momento chegara a ter a esperança de vencer aquela batalha?

O ímpeto da tormenta diminuiu. Aos poucos, o espetáculo foi se refazendo. O populacho retornou à praça e, com o ânimo amolecido pela água, rezava em uníssono. O confessor

retornou e tentava encaminhar a ela e ao cúmplice para uma boa morte. Não se cansava de dizer que seu corpo pecara, mas a alma ainda poderia ser salva! Ela não acreditava ter pecado, simplesmente fora mais fraca e perdera a batalha. O senhor seu marido deveria estar em alguma das sacadas regozijando-se da sua derrota. E ela a assumia com a altivez que tivera em todas as batalhas que disputaram! Não havia o que confessar e muito menos do que se arrepender!

Chegou a hora de descer da carroça. Ela estava com a roupa tão encharcada que não conseguiu fazê-lo e o carrasco lhe estendeu a mão. Ela pisou nas poças de água, antevendo seu sangue avermelhando toda aquela aguaceira que sobrava do temporal.

Subiu ao cadafalso, como se não fosse ela, como se já estivesse morta e se visse fazendo aqueles atos sem sentido. O carrasco orientou-a a se posicionar ajoelhada e a puxar todo o cabelo para a frente. A nuca deveria estar limpíssima!

Ela obedeceu, mas antes seu olhar resvalou numa sacada e deparou-se com seu marido, numa pose arrogante e o cálice de vinho na mão. Diante da visão, ela apressou-se em colocar a cabeça no cepo.

O carrasco ergueu com as duas mãos o pesado cutelo, girou-o no ar por três vezes e o lançou sobre o pescoço da vítima. Um ruído surdo reverberou por toda a praça e causou um momento de silêncio aterrador até que o sangue jorrou e a cabeça rolou. Um dos lacaios pegou-a pelos cabelos, exibiu-a aos presentes e colocou-a sobre o cepo, com a face voltada para a praça.

Só então o movimento retornou e a turba alvoroçou-se. Atropelavam-se pisoteando o sangue a fim de contemplar sem piedade aquele rosto sem corpo, que uma estranha luz cósmica iluminava.

Pérola sentiu seu espírito pairando sobre aquele horror. Ela viu seu amante agonizando, ainda sob suplícios atordoantes, que em nenhum inferno haveria a não ser nas casas de torturas criadas pelos homens. Viu suas mandíbulas de ferro quebradas, sujas, e não podia fazer coisa alguma. Viu o marido se regozijando pela vitória, comemorando com um bom vinho, ao lado de amigos que o endeusavam.

Viu tudo aquilo, mas não sentiu sequer compaixão. Tinha plena consciência de que era chegada a hora da alma sair do corpo e existir num estado não físico. Seu espírito pairava sobre aquela cena dantesca sem se emocionar. Como previra, avistou seu sangue formando um rio ao misturar-se à água da tormenta.

Um novo aguaceiro começou a cair. Mais uma vez a debandada foi geral, desta vez definitivamente, uma vez que o espetáculo havia tido um fim. Levaria algum tempo até que o laçao tirasse a cabeça do cepo e a embalasse junto com o corpo na mortalha da carroça. Seu espírito pairava sobre a cabeça exangue. Já não fazia parte daquilo.

Em seguida ela estava sob a jabuticabeira. No dia seguinte veio ao consultório e narrou cada detalhe. Expliquei-lhe que, como nobre em Paris, com certeza havia sido decepada por volta de 1.700, antes da Revolução Francesa. Depois, ao invés do carrasco usar o cutelo, passou-se a usar a guilhotina, em nome da igualdade, da fraternidade e da liberdade. Eram tantas as execuções que a guilhotina foi considerada um avanço e proposta na Assembléia Nacional, como uma forma de tornar a morte suave, rápida e indolor e minimizar os circos de horror cheios de máquinas de tortura onde todos podiam assistir a suplícios macabros e intermináveis.

Na continuidade dos exercícios de meditação, antes que Gaspar retornasse, ela ainda se viu em alguns *flashes* rápidos que considero importantíssimos. Num deles sentiu-se estonteada. Havia vozes em sua cabeça. Não paravam de falar. Fixou as imagens e viu-se num tempo longínquo.

Em seu coração, sabia o que as vozes diziam. Mas as palavras não chegavam aos seus ouvidos com clareza. Sentiu-se numa época em que as pessoas se vestiam diferente, e enxergavam o mundo de outra maneira.

Viu-se caminhando sobre a relva de um campo aberto. Segurava um galho de árvore com um pêndulo na ponta. Avançava muito devagar, os olhos pregados no pêndulo. Depois de algum tempo, ele se moveu. Ela prosseguiu com maior cuidado. Moveu-se para a direita e a oscilação diminuiu. Para a esquerda, a oscilação foi aumentando violentamente. Ali era o local que buscava.

Ela sabia exatamente o que estava fazendo e fazia com determinação. Abaixou o pêndulo e alguém que estava ao seu lado fincou uma haste no local. Pérola se pôs em pé de braços abertos, com o rosto voltado para o céu e sentiu que uma luz muito brilhante era captada por aquele exato ponto da terra.

Nas noites que se seguiram, viu-se dormindo sobre a relva. De dia, onde fincara a haste, muitos homens cavavam uma vala. Rolando sobre troncos, duas imensas pedras chegaram até ali e foram colocadas lado a lado. A luz fluía sobre todos que abriam os braços encostados nas pedras. Havia cerimônias e rituais. Ao longo dos dias, foram sendo marcados outros pontos e colocadas outras pedras. O local tornou-se sagrado.

A visão se dissipou. Quando retornou, ela viu-se num local escuro que soube ser uma caverna. Não enxergava bem porque havia uma bruma, alguma coisa que queimava no centro da caverna e espalhava uma fumaça espessa. Ela colocou as mãos sobre a rocha e alguém assoprou um pó sobre elas. Quando retirou as mãos, elas estavam impressas. Aquela rocha era um véu entre ela e o mundo dos espíritos. Aspirou a fumaça e sentiu quando suas mãos passaram para o outro mundo e trouxeram a imagem de um estranho animal que ela desenhou na rocha. A fumaça foi se tornando muito densa e a visão se dissipou.

Meu querido João, como você pode imaginar, as visões de Pérola não param de me surpreender. Nestas duas últimas, ela afundou em vidas muito antigas, num tempo em que os homens ainda não haviam perdido a ligação com os deuses. Quando se fala em reencarnação jamais se pensa que a alma seja tão velha. Por outro lado se pensarmos no Universo, um tempo de quinze ou vinte mil anos é uma gota de água. Acho que para nós, envoltos num corpo humano tão efêmero, é muito difícil entender a eternidade.

Mas voltando à minha paciente, expliquei a ela tudo o que sabia sobre dólmenes e pinturas em cavernas. Aquelas visões haviam sido de uma sacerdotisa de verdade. A primeira ajudando a buscar os lugares sagrados, o ponto de comunicação com os seres de sabedoria. A segunda, numa caverna, atravessava com as mãos o véu entre o mundo conhecido e o mundo invisível que era a rocha, e trazia a imagem do animal que visualizava.

Embora muito antigas e em pequenos fragmentos, as visões eram maravilhosas. Valia a pena pesquisar sobre eras tão longínquas. Tanto os dólmenes como as cavernas continuam um mistério. Há teorias, mas ninguém tem certeza de nada. A idéia do transe nas cavernas e das imagens captadas em estado de consciência alterados são teorias muito recentes de cientistas que estudam o assunto. Não sei que técnicas usar para que ela retorne a estas vidas tão antigas e consiga penetrá-las um pouco mais. Talvez a chegada de Gaspar consiga novas revelações.

Querido, João, conforme fui explicando, fui me sentindo emocionada. Percebi que Pérola não é somente um reflexo da carta de tarô, mas foi uma sacerdotisa de verdade. Com certeza continue sendo! Demorei para formar as frases e explicar que na Antigüidade, nossos ancestrais

acreditavam que os grandes mistérios eram as transformações: como as coisas se convertiam em outras, como cresciam, morriam e renasciam. Naquela época, a capacidade de conceber a vida, dar a luz, produzir leite e sangrar com as fases da lua, inspirava reverência. E era a mulher quem tinha o poder de produzir e nutrir a vida. Sem seu corpo não haveria o milagre da reprodução. Sem seu leite, a nova vida extinguir-se-ia. A mulher era comparada à terra, ao solo onde a cada primavera tudo brotava: trigo e limões, cebolas e maçãs.

Será que hoje, com toda a tecnologia e conhecimento das ciências, existe alguém capaz de explicar por quê e para quê a terra é capaz de bombear tudo isso para cima? Este é o milagre da criação! Cada semente deixada em solo fértil produz vida. E é no solo fértil da mulher que há a transformação! É gerado e nasce um novo ser. Talvez por isso não exista Igreja Católica que se sustente sem a Virgem!, a Nossa-Senhora!, a sacerdotisa, provedora da vida!

Pérola tinha o pensamento no retorno de Gaspar e não se impressionou nem um pouco com minhas palavras. Observei seus olhos perdidos no nada e sorri. Não era um dia para explicações. Todo o seu ser se preparava para o encontro com Gaspar. Seu olhar de pássara feliz transbordava. A medalha sem santo saltitava sobre seu peito. Ela já estava envolta naquele amor sagrado que persistia por milênios e mais uma vez permitiria o verdadeiro encontro das almas. Era melhor deixar as explicações para depois.

Ela se foi e eu fiquei pensando naquelas visões. Tenho escrito a você na ordem cronológica das consultas, mas se pensarmos na ordem cronológica de sua alma, talvez, na nossa História, ela tenha começado determinando o exato ponto dos dólmens, pintou nas cavernas, participou de sabás, foi parteira e conversou com espíritos, fez poções para o amor, matou o marido e foi condenada pela inquisição, ensinou a um templário suas artes mágicas, assistiu a exorcismos, ajudou aos doentes e sobreviventes das epidemias de peste negra, foi decapitada em Paris.

Como ama na casa do duque de Milão, Pérola perdeu definitivamente o medo de enveredar pela própria alma. Naquela encarnação, o homem das mandíbulas de ferro aconselhou-a a ver com os olhos e o coração os quadros da via-sacra. Foi então que percebeu que há séculos, Cristo era lembrado por suas mazelas e torturas. Na época, o tarô era repintado numa tentativa de demonstrar que a vida era para ser vivida e não deveria ser carregada como um fardo pesado que fazia as pessoas se encurvarem.

Quem sabe nesta era de Aquário, mais uma vez os deuses desenhem o caminho mágico sem muitas explicações mirabolantes e objetivos grandiosos, mas cheio de alegria e felicidade. Com certeza é a hora de deixar para trás intransigências religiosas e mudar a vibração de tristeza e tragédia. É a hora de meditar e descobrir dentro de si mesmo o poder do espírito, a força que governa cada alma. É hora de voltar a olhar e enxergar os milagres da vida!

Embora tenha sido somente quem ouviu a história, e jamais tenha sequer conhecido Gaspar ou participado de qualquer das visões, eu também vivi uma história. Através do amor, Pérola foi desvendado a própria alma, e, através de Pérola, tive a oportunidade de rever trechos importantes da História, sob o ponto de vista de uma mulher ou do que podemos chamar de sacerdotisa. Tive também a oportunidade de constatar que as coincidências agiram e estão agindo em nossas vidas; a minha e a sua, meu querido João.

Pérola estava se preparando para receber Gaspar e pediu férias nas consultas. Iria viver aquele amor com todas as suas forças, anotaria tudo e retornaria.

Após aquela última consulta, fui para casa pensando que era eu quem precisava comemorar. Não tomei o uísque que tomávamos todas as tardes. Abri uma garrafa de vinho muito

especial e deixei-o respirar enquanto fui para o banho.

Embaixo da água, senti um relaxamento tão grande que visualizei um relâmpago em que me via numa cabana observando outra mulher preparando uma poção. Ia adverti-la de alguma coisa, mas veio outro relâmpago e estava numa dança ensandecida em que gestos, braseiros incandescentes e vapores infernais tomavam conta de tudo. Estava diante de uma estátua negra e senti que, com a força do pensamento, eram criados elementais que davam vida a um poder muito forte. A água do chuveiro entrou pela minha boca e me assustei. Talvez estivesse sonhando! As cenas haviam sido tão rápidas que não pude precisar quem estava nelas. Talvez fossem somente alguns resquícios das leituras do caderno de Pérola. Ou também eu estivera ao seu lado por muitas encarnações.

Depois do banho vesti roupas bem confortáveis. Acendi a vela perfumada sobre a mesa, peguei uma taça de cristal e enchi de vinho. Degustei cada golinho enquanto tentava visualizar a euforia de Pérola se preparando para Gaspar. Vi também minha própria euforia seguindo suas visões e reencontrando você, João. Mesmo sem nosso filho, estamos revendo e reencontrando o sentido das nossas vidas. Estamos nos preparando para retornar à nossa casa. São histórias diferentes que foram se completando.

Coloquei sobre a mesa a carta de tarô da sacerdotisa. Ali estava Ísis, a deusa da intuição, Kuan Yin, deusa da compaixão, Artemis-Diana, deusa da natureza e Vênus-Afrodite, a grande deusa do amor. Se fixasse bem os olhos, veria Yemanjá, nossa deusa das águas, protetora dos amantes. Todas elas se juntavam e formavam uma mulher exuberante, com as mãos abertas distribuindo pérolas e cristais, sobreposta ao sol, à lua e às estrelas, envolta pela natureza. Pérola também fazia parte daquela galeria, assim como tantas outras mulheres com quem cruzávamos todos os dias. Foi olhando aquela imagem que decidi fazer um painel para colocar no hall de entrada da nossa casa. Vou mandar fazer algumas reproduções das sacerdotisas mais interessantes dos tantos tarôs que venho colecionando e compor o painel.

Partilhar as visões de Pérola, deu-me a sensação de ter passado os olhos pela História da humanidade. É como se ouvisse os sons e sentisse o brilho de muitos dias e noites que ficaram há muitos séculos e muitas milhas, cujas ressonâncias tinham de vibrar exatamente ao nosso redor. É como se pudesse sentir a circularidade do tempo, onde num Universo infinito, a criação repete-se, num ciclo de criação e destruição que tem o ritmo de uma dança das marés e dura a eternidade.

Degustando um vinho delicioso, naquele final de tarde, me dei conta de que o mundo é um milagre muito além de minha compreensão. Como explicar o tanto de conhecimentos e lembranças que existem em cada ser humano? Como saber de onde somos, para que viemos, para onde vamos? Diante daquelas questões, senti que a vida na Terra é extremamente breve. Num relâmpago da eternidade, somos deixados num mundo maravilhoso, encontramos aqui com tantas outras pessoas, somos apresentados uns aos outros e caminhamos juntos durante algum tempo. Embora a única certeza seja a morte física, fazemos parte de uma história comum que continua a se desenrolar, e retornamos para aprimorar o espírito, aprender alguma coisa que conscientemente desconhecemos, ou simplesmente participar da prodigiosa experiência de estar vivo!

Levantei o cálice e brindei com a magnitude do Universo. O vinho, o incenso, a luz da vela. Tudo aquilo ia me proporcionando uma tremenda leveza. De tudo o que conheci na vida, o amor é o mais difícil. No entanto, desde o começo dos tempos, é através do amor que todos procuravam entender o Universo. E mesmo correndo o risco do fracasso, das decepções, das desilusões, ninguém desiste da busca do grande milagre do amor!

Por um momento me senti entristecida por todos os seres humanos que acabavam se acostumando com uma coisa tão incrível, tão imperscrutável e maravilhosa como a vida! As pessoas acabam achando evidente o fato de existirem e poderem se queixar de suas mazelas, sem se dar conta do milagre pelo qual estão passando! É preciso começar por tentar entender o fato de nascermos humanos do ventre de uma mulher! Chegamos à esta terra engendrados no grande milagre da trindade: pai e mãe gerando um filho.

Olhando o céu que flutuava sobre a cidade, pensei que se tivesse a capacidade de compreender os milhões de anos-luz que separam os corpos celestes, talvez pudesse avaliar que as vidas neste planeta são um ínfimo instante do fluxo e refluxo da alma eterna. Reencarnamos ao lado das mesmas almas e as reconhecemos por atração ou repulsa imediatas, e pela repetição do antigo padrão de comportamento de outras vidas.

Voltei-me para o céu e agradei a Deus por estar mais uma vez participando da vida na Terra. Agradei também por todas as coincidências que estão nos aproximando e reordenando nossas vidas.

Levantando meu cálice, observei cada estrela visível e brindei, perguntando em qual delas era a verdadeira morada de minha alma. Nenhuma piscou ou intensificou o brilho. A única certeza era que o dia de retornar vai chegar. Então eu saberei!

Te vejo lá em casa!  
Um beijo carinhoso

Maria Moura

“Existe um mundo. Em termos de probabilidade, isso é algo que esbarra no limite do impossível. Teria sido muito mais fidedigno se, por acaso, não existisse nada. Nesse caso, ninguém teria começado a perguntar por que não havia nada.”

Jostein Gaarder

Vou começar meu epílogo tentando sintetizar os pensamentos de Maria Moura. Com a simples existência do mundo, os limites do improvável já foram superados. Se o mundo existe, por que não haveria de existir outro mundo depois? Esta é a questão: se nosso misterioso e fascinante mundo existe, por que não haveria outro depois?, e mesmo antes?

Podemos afirmar, através de modernas imagens telescópicas, que existem muitas outras galáxias. Aliás, quanto mais melhoramos a qualidade dos telescópios, mais assustados ficamos com o tamanho do Universo e outros tantos mistérios. Por que a sucessão de um nível da realidade a outro seria menos provável do que uma sucessão no tempo e no espaço? Ou, dito de outro modo: por que seria impensável a sucessão do nível da realidade conhecida a um nível metafísico? É possível despertar de um sonho da mesma forma que é possível se desligar de uma realidade turbulenta e adormecer mergulhando num sonho. Ninguém sabe de ciência o que é este mundo. É muito fácil se deixar enganar pelos limites que o nível da realidade nos impõe.

Quando sugeri a João que fôssemos assistir ao congresso em que a mulher dele participava, fazia algum tempo que ruminava diversos pensamentos sem conseguir ordená-los. Durante a doença de minha esposa, Tânia, fui incapaz de produzir o que quer que fosse, não tinha concentração sequer para ler e apreender o que lia. Também não consegui começar nada novo nos primeiros meses depois de sua morte.

É curioso o quanto um homem da minha idade pode se sentir dependente de uma mulher. É quase aterrador verificar a que ponto nossa força vital pode se debilitar com a ausência de um ser querido, embora a gente continue ouvindo de todos a nossa volta: “oh!, como você está bem!”. Faz dois anos que Tânia morreu. Antes disso, ela passou outros dois anos agonizante entre quimioterapias e radioterapias, com grandes esperanças de cura seguidas de decepções atordoantes. Estivemos casados por toda a vida, ou seja, mais de quarenta anos.

Eu e João havíamos passado por desgraças de igual intensidade. Talvez a dele fosse maior, pois perder um filho muito jovem baleado sem motivo deve ser pior do que perder a mulher numa doença que se apresenta por força do destino. Na tentativa de reavivar minha aptidão para a escrita havia me fixado nele para o romance. No entanto, sua figura, transformada em personagem, não me levava além do reviver de dores, amarguras e decepções. Quando insisti para irmos ao congresso, não tinha nenhuma idéia em mente. Talvez o fato de, naquele dia, termos pouco serviço no jornal e eu não querer ficar por lá zanzando tenha sido o motivo principal. Havia a curiosidade em conhecer Maria Moura. Afinal até ali, ela era uma das principais personagens das nossas conversas. Nem vou repetir sobre as coincidências que a vida coloca em nosso caminho.

Ao ser apresentado a Maria Moura senti aquela fisgada no fundo do coração. No

instante em que a vi, pude afirmar que era a personagem em busca do autor. No decorrer de sua comunicação, o assunto me fascinou. De repente, me senti curado das feridas mais profundas. Mais uma vez com os sentidos alerta para captar cada detalhe da minha personagem. Optei por não me precipitar. Não podia mencionar nada disso a João. Gravei na mente tudo o que consegui. Era uma história que eu queria levar para casa.

Jamais gostei de falar sobre o que estou escrevendo, pelo menos enquanto não terminei o processo de montar a história. E temia que os comentários pudessem estragar tudo, se meu projeto se transformasse em assunto de conversa durante nosso trabalho. Aquilo iria se espalhar por toda a redação e eu perderia o foco. Não sei se outros romancistas trabalham assim, gosto do segredo. Escrever um romance é como ter um caso proibido. A gente não faz outra coisa na vida que não seja pensar nele, e tem de escondê-lo com todas as forças.

Sou o mais velho da turma de jornalistas e agora, enquanto escrevo na tela do computador, tento manter a coluna ereta, caso contrário começam as pontadas incômodas. Apesar de todos os cuidados, da academia, da alimentação balanceada e da química de suporte, sei que estou carregando um esqueleto enfraquecido, os ossos vão se gastando, os órgãos perdendo o viço. Gostaria de ter continuado com minha companheira, o que me facilitaria decifrar o último trecho da jornada. Não há nada a fazer quando o destino se impõe. Ele não é justo nem injusto, simplesmente é iniludível. É como é! Por isso sempre acaba tendo razão. Continuo aqui, cumprindo minha missão neste planeta.

Devo dizer que nem tudo o que aconteceu depois do congresso, aconteceu por acontecer. Não que me dedicasse a bancar o alcoviteiro, apenas ajudei a pôr em movimento certos processos, cujo andamento, não fosse a minha ajuda, teria sido mais lento. Mas, vamos a ordem cronológica.

Quando cheguei ao congresso, conhecia Maria Moura das tantas conversas que tive com João. Também sabia que os dois estavam separados, e que a separação era uma bobagem. Várias vezes disse a ele que era coisa de psicólogo. Ele respondia com um sorriso complacente. Sabia que ele sentia da sua Maria Moura a mesma falta que eu sentia de Tânia.

Haveria um momento em que aquela sombra da dor se dissiparia e eles retomariam a vida. Aliás quando insisti para que ele fosse ao congresso, uma das coisas que me ocorreu foi que ele e Maria Moura reatariam o fio de suas vidas, coisa que eu já não poderia fazer nesta vida.

Conforme fui ouvindo a comunicação de Maria Moura, sua maneira de falar, o contar da experiência de Pérola, foi ficando mais claro para mim que ela teria de ser a narradora do romance que eu queria escrever. Senti a profunda intuição de que faríamos uma boa dupla. Sua visão de mundo, sua certeza da eternidade, de sobrevivermos a tantas mazelas, de podermos estar próximos aos espíritos que amamos me interessou desde o primeiro momento. Também sua idéia das mulheres sacerdotisas, das grandes catedrais européias serem dedicadas a Notre Dame, resquícios das sacerdotisas locais, me encantou. Aliás, todas as coincidências envolvendo a sacerdotisa me fascinaram. Embora ela falasse de destinos femininos, reconhecia-me nos pensamentos dela. Essa era uma condição necessária para que a transformasse na narradora do romance.

Sou um ser de carne e osso, mas sou também um ser de espírito. Nunca aceitei a idéia de que a alma do ser humano não passa de um absurdo fenômeno baseado em proteínas e aminoácidos, apenas uma secreção bioquímica. Mesmo sem ter meios de enxergar, com minha consciência, sou capaz de perceber o incompreensível Universo e o poder de raciocínio superior que ele revela em cada grão de poeira. De modo que ouvir a comunicação de Maria Moura veio a calhar

para o meu retorno à vida, aos meus projetos literários.

Num dos nossos encontros, e isto estava ocorrendo amiúde, bebemos demais. Ao acordar na manhã seguinte, me arrependi de ter falado demais. Um arrependimento desta natureza sempre tem duas vertentes: de um lado podemos ter falado mais do que devíamos, porém, de outro, é uma característica da ressaca exagerar a importância de se ter dito mais do que se devia. Na confusão do arrependimento, não sabemos direito o que dissemos e o que só pensamos em dizer.

Podemos passar a manhã seguinte atormentados por um medo alucinado de termos arranjado um inimigo para sempre ou, de termos feito um amigo, um amigo da alma, daqueles que conhecem nossos segredos mais recônditos. Naquele encontro, também eles abusaram do álcool. Conheceram um pouco dos meus segredos e conheci muitos dos deles! Com tal aproximação, intuí com muita clareza a maneira de montar a minha história. Da mesma forma macia que Maria Moura falava a João quando estava embriagada, ela lhe escreveria cartas, ou melhor e-mails. É mais moderno! Uma fala virtual! E além do mais num texto virtual a gente se arrisca. Pode-se captar o zumbido das vozes que pairam no âmago da matéria e escrevê-las.

Em ocasiões anteriores, havia tomado situações reais como ponto de partida para meus romances. Não é falta de imaginação, é muito difícil inventar personagens realmente vivos sem que os veja e os sinta!

Depois da morte de Tânia era como se nem as pessoas reais conseguissem focalizar minha imaginação. A vida seguia como uma bola de neve e eu me deixava levar por ela. Era preciso encontrar pessoas novas com situações interessantes para voltar a escrever. Precisava me exercitar com novas idéias e pensamentos.

Saí da comunicação de Maria Moura com a consciência focalizada na experiência de Pérola. Aonde havia começado? Nos dólmens, nas cavernas, ou mesmo em outras galáxias? Perpassou por tantas mazelas nos sabás, nas missas negras, nos tribunais do Santo Ofício, num castelo em Milão, na corte de Paris. Pérola captara imagens e vozes dentro da própria alma.

Acredito que zumbem muitas vozes nas pegadas deixadas pelos seres humanos, vozes demais. Se fôssemos escutar sobrepostas todas as vozes das gerações anteriores, a situação seria insustentável. Mas as vozes captadas no fundo da alma e com tanta nitidez, como foi no caso de Pérola, precisavam de um registro.

Depois da morte de Tânia, também ouço vozes. Continuo tendo longas conversas com ela, e nem sempre tenho consciência se falo em voz alta ou se trata-se apenas de algo que penso. Pelo menos sei que uma vez ou outra falo em voz alta, e ela me responde, ou seja, ouço sua voz em meus pensamentos. Ou será que também ela fala em voz alta!

Enquanto vivia, sempre foi fácil conversar com Tânia. Sabia o que ela diria, não apenas a opinião que tinha sobre cada assunto, mas exatamente o que ia dizer. Nós nos conhecíamos muito bem. Quando conversamos agora, por vezes as respostas são muito diferentes de tudo que eu poderia supor. Com certeza sua visão da vida na terra mudou muito e ela tenta me pôr a par do mundo em que vive agora. Nossa convivência se mantém de certa maneira intacta, não apenas porque continuamos a conversar, mas por todas as lembranças que compartilhamos, o que continua nos proporcionando cumplicidade nos assuntos.

Sinto falta da presença dela, do seu sorriso. Ela era alegre, gostava de sair, de beber e de comer. Vivia cada momento com intensidade. Quando a conheci, já era apaixonada pelo tarô. A princípio também eu me maravilhava com aquelas cartas que conhecia pouco e que ela decifrava tão acertadamente. Creio que essa característica tão curiosa foi uma das coisas que levaram a me

apaixonar perdidamente por ela. Mais tarde podia odiá-la exatamente por essa excentricidade. Acabava me aborrecendo com explicações tão sábias que ela tirava daquelas cartas. Odiava-a cada vez que a via embaralhar as cartas.

E agora que ela não está mais aqui, sinto falta daquilo por que a odiava. Sinto falta do ínfimo ruído das cartas sendo embaralhadas. Com certeza o tarô também foi um dos pontos que me físgou nesta história. Ouvir todas as coincidências sobre a carta da sacerdotisa, me trouxe a imagem de Tânia embaralhando as cartas e sorteando a mais acertada. Com certeza foi ela a me afirmar que eu deveria morder aquela isca!

Desde que me senti físgado pelo assunto, passei a telefonar a Maria Moura. Logo no nosso primeiro encontro, dei um jeito de arranjar o telefone de Pérola e levá-la junto. Jamais contei a Maria Moura o pequeno presente para sua secretária. Precisava conhecer a mulher que tinha livre acesso ao metanível ou ao nível metafísico. Foi fascinante encontrar uma pessoa comum, vivendo as lutas cotidianas como cada ser humano desta terra. As poucas vezes em que encontrei Pérola não pude evitar de visualizá-la em seus amores alucinados com Gaspar através dos séculos. O pecado capital da inveja não seria correto para explicar meu sentimento, era um desejo muito grande de poder ser eu a viver tal paixão, e esta paixão ser capaz de me proporcionar o acesso ao metanível de minha alma.

Depois do nosso primeiro encontro telefonei nem sei quantas vezes a Maria Moura e nos encontramos tendo na maioria das vezes a companhia de João. Ao mesmo tempo em que ia sabendo cada detalhe das experiências de sua paciente, ia também reaproximando os dois. Aliás, não era uma reaproximação, eles sempre estiveram juntos. Era simplesmente fazê-los ver que não havia dor que não pudesse ser superada e que a vida era um grande mistério a ser desfrutado. Novos projetos apareciam e não foi difícil convencê-los à tarefa comum de reformar a casa e reorganizá-la com novas energias para voltarem a viver nela. Como Maria Moura dizia a suas pacientes, era preciso viver na vibração do planeta no momento em que estávamos aqui e sair-se o melhor possível.

Continuei encontrando diariamente com João e conversando sobre nosso trabalho. Por vezes deixava escapar algumas perguntas sobre o trabalho de Maria Moura e suas pacientes. Sabia que estava me arriscando, e devo confessar que me sentia capturado na minha própria rede. O romance seguia como um caso proibido, e por vezes deixava rastros nas tantas perguntas que fazia. Mas nenhum deles chegou a perceber.

Da mesma forma que Maria Moura gravava suas consultas, nos nossos encontros, passei a levar um gravador de bolso. Quando ela falou sobre castelos de areia, cheguei a ficar emocionado. Ouvi diversas vezes aquela fita, me vendo criança e erguendo castelos na praia. Era um trabalho fascinante construir pequenas torres com areia molhada escorrendo pelos dedos. Quando se observa crianças construindo castelos de areia é como se elas estivessem em transe. Mesmo numa praia apinhada de gente, ficam absortas na tarefa, até que decidem desmanchá-lo ou por vezes a maré sobe e uma onda audaciosa se entranha em seus alicerces de areia e trás tudo abaixo. Jamais me ocorreu associar aquilo a Platão, ou mesmo ser uma estrela distante o mundo das idéias a que ele se referia! Esses mundos de idéias poderiam ser em diferentes estrelas! Tudo aquilo me pareceu poesia pura.

Escrevi o mais próximo possível da realidade. Compus uma história que, como tudo, tinha de ter um fim. Embora tenha certeza de que o grande amor de Pérola e Gaspar vai continuar por toda a eternidade. Poderia dizer que a atração, o desejo de união, de se dissolver um no outro seja uma saudade do retorno ao seu mundo de idéias, à sua estrela.

A história de João e Maria Moura ainda não acabou, talvez jamais acabe, se concordarmos com a teoria da transmigração da alma e da eternidade. Mas o importante é que apressei seu retorno creio que à felicidade, ou ao companheirismo. Afinal tinham perdido um filho, mas também o tiveram e o criaram juntos até os dezessete anos. Estão conseguindo renovar as energias da casa, e com certeza vão viver nela muitos momentos felizes.

Maria Moura está compondo um painel magnífico com sacerdotisas do tarô para colocar na entrada. Da mesma forma que ela deu sua ametista predileta à Pérola, dei a ela alguns tarôs que pertenceram a Tânia e que ela ainda não tinha em sua coleção. Quando for à casa deles, vou poder observar algumas de “minhas” sacerdotisas reproduzidas logo na entrada.

Quando a história ficou pronta, senti um certo constrangimento em mostrá-la a João e a Maria Moura. Era mais um lance a ser enfrentado. Marcamos um encontro onde entreguei as cópias, uma para cada um, sem mencionar que Maria Moura era a narradora e que a história de sua paciente, Pérola, era o fio condutor de minha história.

Comprometeram-se a ler o romance e trazer as críticas, construtivas ou negativas. Afinal eu estava retomando minhas atividades e precisava de ajuda. A opinião deles era importantíssima. Os dois partiram e marcamos a data do próximo encontro na semana seguinte. Fui para casa imaginando a reação deles ao lerem e se verem pegos na rede.

Continuei encontrando diariamente com João e ele não fez mais do que dizer que só falaria do romance no dia marcado para o encontro. Isso me deixava aliviado e tranquilo para continuar escrevendo meus artigos de economia.

Uma semana depois o encontro aconteceu no meu apartamento. Convidei-os porque achei que ficaria uma conversa mais íntima.

Sentamos no terraço e pudemos apreciar o pôr-do-sol exatamente como descrevi num dos e-mails de Maria Moura para João. Acompanhamos com o olhar o disco solar vermelho-amarelado até ele cair de boca para cima e rodar pelo horizonte de telhados e torres de prédios. Maria Moura reconheceu imediatamente a cena. Fora o capítulo em que ela descrevia o adultério, ou melhor a fantástica paixão de Pérola, sua primeira noite de amor com Gaspar nesta vida.

Era justo que nós três rendêssemos as últimas homenagens ao dia. Talvez fosse uma ocasião para champanhe, e eu havia deixado um na geladeira, mas sabia que eles se sentiriam mais a vontade com o uísque e o balde de gelo. Era o que faziam quando estavam juntos e o que começavam a refazer agora que já haviam decidido voltar a viver juntos.

Foi Maria Moura quem levantou o copo e brindou por tudo o que Pérola trouxe para nossas vidas, inclusive o romance que eu escrevera.

- Quando você demonstrava tanto interesse, jamais imaginei que pudesse ser esse o assunto do seu livro!, - ela falou. - Adorei! Você conseguiu captar tudo o que havia de importante no caso sem desprezar nenhum detalhe. Li em algum lugar que escrevemos para recordar a verdade. Quando inventamos, é para recordá-la mais exatamente.

Limitei-me a sorrir e mais uma vez levantar o copo num brinde. Deixei a bebida muito gostosa descer sentindo-a em cada centímetro da garganta.

Os dois haviam lido com muita atenção. Maria Moura havia feito inúmeras anotações. Conversamos e bebemos por algumas horas. O fato de terem gostado e se mostrarem animados era um ponto muito importante para mim. João estava encantado com o fato daquela história ter sido escrita e de o autor ser eu. Sabia que apesar do que fazemos ou deixamos de fazer, daqui a um tempo

tudo terá sido esquecido. Num romance a história iria ficar por mais tempo e mais pessoas iriam tomar conhecimento dela.

Maria Moura, que tentara esclarecer os companheiros de congresso e dar-lhes fôlego para também trabalharem suas experiências envolvendo entradas num metanível, exultou com a idéia de aumentar o número de pessoas que pudessem se beneficiar da experiência de Pérola.

Recebi muitos elogios e me senti orgulhoso do trabalho. Bebemos, mais uma vez trocamos confidências provocadas pelo álcool, nos tornamos mais amigos. A claridade do dia esmaeceu, a noite chegou com suas estrelas. Eles se foram e eu fiquei.

Fiquei feliz ao vê-los entrar no elevador abraçados. Eu, meu romance, meus personagens, tínhamos muito a ver com a continuidade daquela história. João e Maria Moura estavam retomando suas vidas e ter aquele caso de Pérola transformado em romance daria assunto para muito tempo. Não tinham mais o filho presente nesta vida, mas teriam a companhia um do outro por algum tempo. Também eu começava a retomar os fios da minha vida. Não tinha Tânia, mas retomara meus personagens que afinal eram uma magnífica companhia para o final desta jornada.

Assim, fiquei sozinho outra vez. Sentia-me unido a eles muito mais do que qualquer um dos dois teria sido capaz de entender.

Boiando na satisfação de uma tarefa cumprida, da minha sacada olhei a vida na rua. Estando no terraço de um apartamento numa grande cidade como São Paulo, é fácil perceber que uma parcela cada vez maior da humanidade se deixou envolver por um efeito óptico de jardim de inverno que nos faz esquecer quem somos e de onde viemos. A natureza é, para muitos, igual a vasos de plantas decorativas e aves engaioladas, e o espaço se transformou numa coisa que se contempla melhor dos planetários. Um escritor, como eu, tem a obrigação de sentir o espaço, a grandiosidade do Universo, e com certeza o prodígio que significa estar vivo.

Da minha sacada posso acompanhar um pouco da vida da minha rua. Ela é bem iluminada. Uma brisa fresca vai instalando a noite. Na calçada há um ponto de ônibus com um casal de namorados se beijando, um grupo de pessoas indiferentes completa a fila. Apesar do avançado da hora, os autos continuam sua jornada, talvez no rumo de suas casas. Uns poucos pedestres atravessam a rua ou caminham. Uma pomba escura insiste em se manter acordada e ciscar nos vãos da calçada.

Noto um forte contraste entre quão maravilhosa é na realidade a vida cotidiana e quão normal e corriqueira parece ser aos que nela estão envolvidos. Ninguém se questiona sobre cada um dos seus atos cotidianos. Eu, João e Maria Moura estamos vivendo uma história que só pôde ver a si mesma a partir do momento em que a registrei em palavras.

Perdemos entes queridos, mas teremos toda e eternidade pela frente e a tivemos por trás de nós. E precisamos ter tido contato com Pérola e saber da sua história para sentir a eternidade. Agora João e Maria Moura estão indo para sua casa antiga que pouco a pouco vai se transformando. Maria Moura afirmou que os homens não são capazes de descrever atos de amor com a ternura necessária. Por isto não vou me arriscar. Com certeza, neste momento, ela e João estão chegando em sua casa onde vão dar continuidade ao seu destino. Eu continuo na minha sacada e até onde a paisagem permite, posso olhar um pouco do céu e as estrelas que insistem em aparecer apesar das luzes da cidade grande.

Maria Moura começou sua comunicação afirmando que, com certeza, o cérebro humano é a matéria mais complexa de todo o Universo e, no fundo, muito mais difícil de entender do que as estrelas de nêutrons e os buracos negros. Mesmo com toda a complicação do cérebro, há

regras que não se pode ignorar. Uma delas é que animado pela química da paixão, ele permite viagens pelo passado da alma ou quem sabe até pelo futuro.

Da minha sacada vejo poucas estrelas da nossa galáxia e adivinho tantas outras estrelas e buracos negros que atraem e sugam corpos celestes à sua volta. Para escrever esta história suguei a mente de Maria Moura e de Pérola, mas quem me convocou para escrever a história já sabia deste detalhe, eu fui compreendendo aos poucos. Como fui compreendendo que cada história, por mais insignificante que seja, é parte da continuidade do nosso fascinante mundo que por sua vez é parte do misterioso Universo.

E é neste misterioso Universo que em tudo o que vivemos e fazemos, a morte do corpo é nossa única certeza. Mas cada vida tem alguma coisa incomensurável, que é preciso ser vivida até que se atinja a grandeza da eternidade.